

## Minidicionário de Gírias e Expressões Brasileiras – datação, comentários e críticas a falsas interpretações de seu sentido original

Jean Lauand<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo apresenta – em um Pequeno Dicionário – notas e comentários a algumas gírias e expressões idiomáticas brasileiras, buscando esclarecer seu uso, datação e sentido. Também busca mostrar, discutir e corrigir a falta de rigor e critérios científicos de pesquisa, que frequentemente ocorrem em estudos sobre origem de expressões e fraseologia.

**Palavras Chave:** gíria brasileira. expressões idiomáticas brasileiras. Uso, datação e sentido. rigor científico.

**Abstract:** This article presents a short Dictionary (with notes and comments) to some word of Brazilian slang and idioms on their datation, meaning and usage. It also intends to show, discuss and correct the lack of scientific rigor that often occur in in the field of language and phraseology.

**Keywords:** Brazilian slang. Brazilian idioms. datation. meaning. scientific rigor.

### Nota Prévia

A pedido do *editor* deste número de ISLE, publico este (longo) artigo, como antecipação do que será um livro – ampliado e corrigido pelas sugestões e críticas dos leitores, que antecipadamente agradeço. E-mail do autor: jeanlaua@usp.br

### Sumário

<b>I. Introdução</b> .....	<b>03</b>
I.1 O plano deste trabalho.....	<b>03</b>
I.2 A linguagem e a pesquisa da realidade humana .....	<b>03</b>
I.3 Um exemplo de “subida” ao filosófico: a etimologia de Parabéns.....	<b>05</b>
I.4 A vivacidade das expressões populares .....	<b>06</b>
I.5 As expressões e as distâncias das gerações .....	<b>07</b>
I.6 O surgimento das expressões na imprensa brasileira - sua datação e significado. O banco de dados da Biblioteca Nacional (BN) .....	<b>08</b>
I.7 Apócrifos e interpretações falsas das origens de expressões .....	<b>09</b>

---

<sup>1</sup>. Professor Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo. Membro correspondente da Real Academia de Letras de Barcelona. jeanlaua@usp.br.

<b>Capítulo II - Fake News em Fraseologia – Mario Sergio Cortella</b>	
II.1 Mario Sergio Cortella no “Domingão do Faustão” .....	12
II.2 “Até aí morreu o Neves”, segundo Cortella .....	12
II.2.1 Conjectura: quem é, afinal, o Neves de “morreu o Neves”? .....	13
I.3 “Será o Benedito?”, segundo Cortella .....	14
I.4 “Ter bicho carpinteiro”, segundo Cortella .....	15
I.5 “Cuspido e escarrado”, segundo Cortella .....	16
I.6 “Quem tem boca vai a Roma”, segundo Cortella .....	18
I.7 Cortella e “Cor de burro quando foge”, “Quem não tem cão”, “Inês é morta” e “Domingo, pé de cachimbo” .....	18
<b>Capítulo III – A suposta origem de “conto do vigário”: dois sambas enredo do carnaval do Rio 2020 .....</b>	<b>20</b>
<b>Capítulo IV - Mais “fake news” em locuções – o Dr. Deonísio da Silva em um programa da Band News FM.....</b>	<b>23</b>
IV.1 Deonísio e as origens das expressões .....	23
IV.2 Deonísio e “À Beça” .....	24
IV.3. Até tu, Brutus... ..	24
IV.4. Deonísio e a “Casa da mãe Joana” .....	25
IV.5. Até aí morreu o Neves .....	26
IV.6. Mas será o Benedito? .....	27
IV.7. Deonísio e “No tempo do Onça” .....	27
IV.8. Inês é morta.....	28
IV.9. Deonísio e o “Banho-maria” .....	28
IV.10. Deonísio e “Larápio” .....	28
IV.11. Deonísio e “Fazer uma vaquinha” .....	29
IV.12. Deonísio e “Pensando na morte da bezerra” .....	30
IV.13. Deonísio e a corda chamada Teresa.....	31
<b>Capítulo V – Minidicionário de Gírias e Expressões .....</b>	<b>33</b>
<b>Anexos – Expressões que se mantêm desde o séc. XVII .....</b>	<b>82</b>
<b>Anexo I – “A torto e a direito” .....</b>	<b>82</b>
<b>Anexo II – “Gatto escaldado” .....</b>	<b>84</b>
<b>Referências .....</b>	<b>86</b>

# I. Introdução

## I.1 O plano deste trabalho

A motivação próxima para a realização deste “Dicionário” – além da principal: o fascínio desses estudos e seu alcance antropológico e sociológico – foi a de buscar contribuir para recuperar a seriedade científica no trabalho de interpretação do sentido original das frases feitas e expressões que o povo usa. Incrivelmente, neste campo pululam interpretações falsas – e até absurdas –, mesmo por parte de ilustres pesquisadores e em altos meios acadêmicos!

Após esta Introdução, na qual apresentamos o significado e o alcance do estudo das origens das expressões, discutiremos – nos capítulos II, III e IV – alguns casos notórios de falsas interpretações do sentido original das expressões e, a seguir (Capítulo V), apresentaremos nosso minidicionário. Finalmente, um Anexo, para mostrar a permanência de muitas expressões ao longo do tempo: recolhemos modos de dizer e frases feitas que usamos ainda hoje e que aparecem já, na obra de 1651, de Antonio Delicado: *Adagios portugueses reduzidos a lugares communs*.

## I.2 A linguagem e a pesquisa da realidade humana

O velho Heráclito, que – *avant la lettre* – deu alguns preciosos princípios de, diríamos hoje, metodologia de pesquisa, dizia que a natureza gosta de se esconder. Especialmente a realidade humana tende a se ocultar.

E nós, que estamos interessados em antropologia filosófica, enfrentamos essa dificuldade: o *humanum* não se deixa apanhar facilmente, está escondido e resiste a se manifestar.

Essas considerações ligam-se a outra sentença de Heráclito, conhecido como “o obscuro”: “O caminho que sobe e o que desce são um mesmo e único caminho”. Aparentemente, nada mais evidente do que esta sentença. Como naquela vez – parece piada – em que um ciclista gabando-se de seu bairro, excelente para andar de bicicleta porque não tinha subidas, teve que ouvir a pergunta: “E descidas, tem?”. Claro que se não há subidas, também não há descidas: o caminho que sobe é o mesmo que desce...

Mas, por vezes, há algo mais, há surpresas por trás das obviedades. Quem não toma um pequeno susto quando vem a saber que o primeiro critério de desempate para times que tiverem o mesmo número de pontos no Campeonato Brasileiro de Futebol é favorecer a equipe que tiver maior número de derrotas? Não, poderia alguém objetar, o critério beneficia é o time que tiver maior número de vitórias! Mas acontece que... o time que tem mais derrotas e o que tem mais vitórias são o mesmo e único (aquele que tem menos empates)!

Na verdade, a sentença de Heráclito esconde em si profundas surpresas. Como a realidade humana gosta de se esconder, precisaremos de um método (palavra que etimologicamente remete a “caminho”), para *subir* até esse tesouro que desceu e está escondido.

Já a realidade não humana é menos complexa. Se eu quero saber o que é o sal, eu pego (literalmente) o sal, levo-o a um laboratório e, após alguns procedimentos técnicos de análise, identifico que há tanto de sódio, tanto de cloro, iodo etc. Se pretendo examinar uma mosca, ponho-a no microscópio; se quero saber do planeta

Marte, valho-me de um telescópio ou envio uma sonda etc. Já a realidade humana, tantas vezes, não se deixa observar diretamente: como “apanhar” o que é a gratidão, o que é o amor, o que é o homem... ?

Nesses casos, a pesquisa tem que se valer de caminhos indiretos: buscar onde se manifestam essas realidades. Josef Pieper, em toda sua obra, mostrou como a linguagem é um dos sítios privilegiados para “vasculhar” e resgatar o *humanum* escondido.

A linguagem e as etimologias são parte importante desse jogo de sobe e desce e de esconde-esconde. Não é por acaso que, por exemplo, os dois filósofos mais lidos na Alemanha de hoje – Josef Pieper (1904-1997) e Martin Heidegger (1889-1976) – voltem-se continuamente para as etimologias, para as origens das palavras e expressões, quando querem investigar as profundezas da realidade humana.

Como dissemos, precisamente uma das grandes contribuições do próprio Pieper para o método da antropologia filosófica foi (seguindo a máxima de Heráclito) a de evidenciar que nosso acesso ao ser do homem, escondido, é fundamentalmente indireto. Pois os grandes *insights* que temos sobre o mundo e o homem não permanecem em nossa consciência reflexiva, logo se desvanecem, se transformam, acabam por se esconder, principalmente na linguagem.

Esses grandes *insights* estão portanto ativos, mas ocultos – especialmente na linguagem, a linguagem comum: essa que falamos e ouvimos todos os dias

Logo, se quisermos recuperar filosoficamente aqueles *insights* sobre o homem, devemos procurar atingi-los em seu novo estado: como princípios ativos ocultos da linguagem, a serem descobertos também nas etimologias e no sentido originário das expressões que o povo usa. Nesse quadro, a etimologia passa a ser importante componente nesse “laboratório-lingagem” para o filósofo: é por trás de fatos da linguagem que se escondem preciosas informações filosóficas – e também sociológicas, históricas etc.

Pois, para citar novamente Heráclito: é no quotidiano que estão os deuses! (o que contraria a expectativa do “senso comum”). Nossa vida quotidiana, transcorre em meio a uma rotina, “a vidinha com toda a chaturinha dela” (Adélia Prado), preocupados com o trânsito, com pequenos desentendimentos familiares, com apertos financeiros, com o desempenho de meu time no campeonato etc. Mas pode acontecer que – em meio a essas prosaicas realidades do “diário dos dias” (Guimarães Rosa) – de repente, soframos um abalo que nos revela, como numa iluminação que “desce”, com extraordinária nitidez, algo de profundo a respeito da realidade humana.

É o que dizem aqueles profundos versos de Adélia Prado:

De vez em quando Deus me tira a poesia  
Olho pedra, vejo pedra mesmo. (Prado, 1991, p. 199)

Claro que nós outros, embotados pelo quotidiano, teríamos que inverter os versos adelianos: de vez em quando, Deus me dá poesia, e na pedra (e em nossa linguagem comum) eu vejo algo mais...

Não que esses abalos nos levem do quotidiano para um outro mundo; não! O que eles fazem é dar-nos um novo olhar – o de espanto e admiração (ou angústia) – sobre a mesma velha realidade, aparentemente tão inofensiva, que já aí estava... É o que Heráclito tenta explicar aos estrangeiros que vieram de longe para espiar o grande sábio em sua intimidade. O episódio é narrado por Aristóteles:

Diz-se que Heráclito assim teria respondido aos estranhos vindos na intenção de observá-lo. Ao chegarem, viram-no aquecendo-se junto ao forno. Ali permaneceram, de pé (impressionados sobretudo porque) ele os encorajou (eles ainda hesitantes) a entrar, pronunciando as seguintes palavras: “Mesmo aqui os deuses também estão presentes” (De part. anim., A5 645 a 17 e ss.; cit. por Heidegger 2002, p. 22)

Heidegger, em seu *Heráclito*, explica que a sentença é ainda mais forte: o “mesmo aqui”, na verdade significaria: “é aqui mesmo” (junto ao fogão, no ordinário, no quotidiano) que estão os deuses.

O mesmo no dizer de Adélia (também ela, ligando a experiência poética à mística):

Mas a alma criadora sensível, um belo dia se admira desse ser extraordinário [que se dá no quotidiano], essa água que está tremeluzindo aqui na minha frente e, na verdade, eu não entendo a água, eu não entendo o abacaxi, eu não entendo o feijão. Alguém aqui entende o feijão? Admirar-se de um bezerro de duas cabeças, qualquer débil mental se admira, mas admirar-se do que é natural, só quem está cheio do Espírito Santo. (Prado 2008).

Esses abalos de admiração, quando se desvanecem, não se aniquilam, mas, frequentemente depositam-se na linguagem. E temos que aprender a ver que há um *plus* que “desceu” sobre a realidade e a torna algo mais do que “pedra mesmo”. Em muitos casos, a etimologia nos ajuda a subir o caminho de volta, em busca desse *plus* e de seu esquecido significado.

Em meu livro “Revelando a linguagem comum” (Lauand, 2016) indico a imensa profundidade antropológica que se esconde por trás das etimologias das fórmulas quotidianas de convivência em diversas línguas: “Parabéns” (*enhorabuena, auguri, congratulations* etc.), “Obrigado” (*thank you, gracias, merci* etc.). Aqui, a título de exemplo, retomarei brevemente só a indicação do potencial expressivo de nosso “Parabéns”.

### **I.3 Um exemplo de “subida” ao filosófico: a etimologia de Parabéns**

Quando usamos, milhares de vezes, nossa encantadora forma de felicitações, “parabéns!”, talvez nem suspeitemos que ela encerra séculos de acirrada discussão de teólogos. Com ela estamos expressando precisamente isto: que o bem conquistado, que a meta atingida seja usada “para bens”. A aglutinação da preposição “para” com o substantivo “bem” é confirmada, por exemplo, por Antônio Geraldo da Cunha, em seu *Dicionário Etimológico Nova Fronteira*.

Recebemos em nossa herança cultural, do cristianismo medieval, a tese – em constante luta contra o maniqueísmo – de que o mal não tem existência própria, por si: ele é antes uma distorção do bem. E essa visão metafísica incorporou-se a nosso modo coloquial de dar “parabéns”. Pois, como todo mundo sabe, qualquer bem obtido pode ser usado “para bens” ou “para males”, pode contribuir para a auto-realização ou para a auto-destruição.

Pensem nos casos de um amigo que ganha a medalha de ouro em tiro ao alvo, ou se elege deputado, ou tira a carta de motorista, ou obtém o diploma de

advogado... É evidente que essas conquistas - em si boas - podem também ser para males (com o tiro, com seu modo de dirigir o automóvel etc.). Por isso também, o dom fundamental da vida, é celebrado nos aniversários com votos de parabéns...

E também o nosso “obrigado” (ver op. cit.) é muito sugestivo e situa-se em um nível de gratidão mais profundo do que o inglês *thank* ou o espanhol *gracias*.

#### I.4 A vivacidade das expressões populares

Mistérios da linguagem. Como surgem, neste Brasil, tão criativo, as riquíssimas gírias, expressões idiomáticas, locuções, enfim, coisas que o povo fala? Algumas são efêmeras; outras, duram séculos. Algumas delas são provenientes da época de ouro das marchinhas de carnaval; outras muitas, do futebol ou de outras fontes, em busca de atender a uma necessidade de comunicação rápida e vivaz.

A vivacidade das expressões que o povo cria é o segredo do sucesso e de sua difusão. É o que em espanhol – para referir-se a uma explicação clara, à metáfora acertada – se diz: falar “*de modo gráfico*”, “*de modo muy gráfico*”: “o modo de falar, que expõe as coisas com a mesma clareza do desenho” (*Dicc. de la Real Academia*). Muitas de nossas deliciosas expressões trazem precisamente essa oportuna presença do concreto: o interlocutor pode “ver” o que está sendo exposto – e essa “imagem” (verbal) vale mais do que mil palavras (não “gráficas”). Não é por acaso que a sabedoria da língua espanhola identifica “mostrar” e “ensinar” em uma só palavra: *enseñar*: só quem mostra o concreto, ensina.

Um exemplo de como uma situação complexa é atendida pela incrível simplicidade de expressões com felizes metáforas – cada uma em sintonia com o espírito de seu povo, nas respectivas línguas – dá-se no seguinte caso: convidam-me para um programa – assistir a um filme, participar de uma banca de tese, escrever um artigo etc. – sobre tema que não é de minha especialidade, a respeito do qual não me sinto à vontade ou de que simplesmente não gosto. Por outro lado, não me erijo em dono da verdade e respeito o gosto e as preferências de quem me convida. A forma adequada nessa delicada situação é recusar dizendo, com a genial gíria carioca: “Não é minha praia!” (ver verbete). “Desculpe, mas filme de alienígenas, não é minha praia”. Firmemente recuso, mas expresso respeito e tolerância: não estou dizendo que a minha praia é a melhor nem que é a única, mas simplesmente que é a “minha”, dá licença?

O sugestivo equivalente em inglês, envolve naturalmente o chá: “*It is not my cup of tea*”. “*Sorry, soccer it is not my cup of tea.*” Para a mesma situação, na Espanha está a expressão “*no es santo de mi devoción*”. Sim, há milhares de santos na *Santa Madre Iglesia*, todos admiráveis, mas ninguém pode cumprir as obrigações de devoto, senão para com quatro ou cinco. No meu caso, eu fico com S. Expedito, S. Longuinho e Sta. Edwiges (a dos inadimplentes). Desculpe, mas prefiro não participar da banca sobre a obra de John Thinker Writer, conheço pouco a obra dele e “*no es santo de mi devoción*”. Não preciso entrar no mérito do autor, nem dizer se acho que ele é superficial ou picareta... “*¡No es lo mío!*”.

Outro exemplo de genial expressão popular. Como expressar rápida e eficazmente, por exemplo, a vontade de A, em determinada situação, de abortar a tentativa do interlocutor B, de envolver A em um problema que é só de B? E mais: dando a entender, ademais, a ironia de que B desfruta dos sucessos sozinho, mas na hora do aperto, quer dividir o problema com A, mas que desta vez passou da conta? Os limites de uma presumida lealdade, supostamente incondicional (e as razões das restrições...) são indicados, de modo insuperavelmente conciso, agudo e humorístico,

na expressão: “Nós, quem, cara pálida?” (ver verbete). E este caso, evidencia outro problema com a vida das expressões ao longo do tempo.

### **I.5 As expressões e as distâncias das gerações**

As distâncias de linguagem são por vezes acentuadas e se, por um lado, o bisavô não entende as gírias da garotada; por outro, os jovens usam cegamente muitas das frases feitas herdadas dos mais velhos. No caso da expressão lembrada acima – “Nós, quem, cara pálida?” – seu sabor é totalmente diferente para os falantes de minha geração – que crescemos assistindo ao seriado do *ranger* Zorro e seu parceiro, o índio Tonto – do que para os jovens de hoje que nem sabem quem é aquele Zorro e não assistiram a filmes de caras pálidas e índios... Para estes, é uma expressão que se usa, adequadamente, mas sem a transparência e a vivacidade do original.

Numa conversa entre pessoas de 60 anos, eles sabem muito bem a finíssima ironia e devastador conteúdo do que estão dizendo; mas e os adolescentes, que também se valem da expressão? No “**Yahoo – respostas**” encontrei a disparatada pergunta:

#### **Qual a razão de se chamar o índio [sic] de "Cara Pálida"?**

Até hoje não entendi isso... Que significado tem chamar o índio de "Cara Pálida"!? Bjus e obrigada pelas respostas!!  
(<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20070312075324AAZ0sxz,26-12-11>)

A geração dessa mocinha (e mesmo a de seus pais) dificilmente terá assistido a *westerns* de índios (os pele vermelhas em contraposição aos caras pálidas...).

Neste caso – e no de tantos outros – a expressão fica, mas seu referencial de origem torna-se invisível, seu fato base foi esquecido ou se tornou obsoleto. Assim, muitas expressões que hoje continuam vivas perderam completamente o contato com a realidade que as inspirou. E os falantes continuam usando-as de modo mais ou menos inconsciente e opaco. O esquecimento da etimologia é parte do jogo de esquecimento da linguagem – como faz notar Drummond, nem reparamos que o imposto se chama imposto porque é uma coisa imposta (se fosse opcional, quem pagaria...?)

Em 1964, Roberto Carlos em “O calhambeque” cantava “Mandeí meu Cadillac pro mecânico outro dia” e todos sabiam que o modelo Cadillac da época era um carro arrojado, ícone de luxo e glamour, conversível e com traseiro chamativo (apelidado de “rabo de peixe”). E quando Rita de Cássio Coutinho assumiu o nome artístico Rita Cadillac o público entendia muito bem o porquê. Hoje, provavelmente os jovens devem imaginar que Cadillac seja o nome de família da Rita...

Não é de estranhar também que muitas de nossas expressões procedam de meio rural – a população rural só deixou de ser predominante no final dos anos 60 – e de épocas atrasadas em tecnologia. Se nos anos 40, 70% dos brasileiros viviam em área rural; hoje, mal chegam a 15%. Muitas das expressões e metáforas surgidas naquela época (e antes) refletem as condições de então: da vida do campo, anterior à televisão, com o rádio pouco difundido, maiores índices de analfabetismo etc. E assim, por exemplo, gente que nunca ordenhou – ou talvez sequer tenha visto uma vaca de perto – diz tranquilamente que o técnico do time ou a equipe de fórmula 1 estão “escondendo o leite”, metáfora que não faz parte da vivência da imensa maioria de falantes urbanos de 2020.

Como veremos, na obra de 1651, de Antonio Delicado (ver Anexo), *Adagios portugueses reduzidos a lugares communs*, encontramos muitas expressões que usamos ainda hoje, embora sem vivenciar as situações que eram familiares para os falantes de então. É o caso, por exemplo de:

“Confundir alhos com bugalhos” – quem em São Paulo já viu bugalhos ou tem alguma ideia do que sejam?

“A torto e a direito” – segundo Delicado, de um jeito ou de outro: “A torto e a direito, nossa casa até o tecto [teito]”.

Continuamos dizendo que “o castigo vem a cavalo”, expressão vinda dos tempos em que o cavalo era um rápido meio de transporte, e hoje a metáfora seria descabida e é mesmo incompreensível para os jovens. Em uma página de perguntas do Yahoo, M. N. pergunta precisamente: “O que significa dizer: o castigo vem a cavalo?” (<http://br.answers.yahoo.com/question/index?qid=20080522104006AAw7roo>. Acesso em 25-5-2020) e entre as respostas encontramos disparates como: “o castigo virá rápido devastando, e derrubando e pisando em tudo!”; “o castigo que ele nunca vem desacompanhado. Mesmo depois de recebermos o castigo, ainda continuamos sofrendo com as suas sequelas”. (!?)

E o mundo todo continua medindo a potência em cavalos (motor 220 cavalos do carro tal). As expressões de energia e velocidade ainda, por vezes, nos remetem a épocas ainda anteriores: “a todo vapor”, “de vento em popa”, “não sou movida a eletricidade” (dizia minha avó, contemporânea do aparecimento dessa energia, quando o marido exigia pressa); lava a jato (quando do aparecimento dessas máquinas, o avião a jato era o expoente da velocidade); para não falar dos foguetes, turbinados etc. que, um dia, tornar-se-ão obsoletos. Curiosamente, a energia atômica encontra algumas resistências para ser usada nessas metáforas: talvez pelo fato de que sua primeira aparição (ao contrário da energia elétrica) já esteve associada a morte e destruição.

Outro exemplo de *gap* de gerações dá-se com a expressão “(pelo) andar da carruagem” (ver verbete). Nem sempre se trata só de opacidade em relação ao vivo sentido original. Algumas expressões sofrem também mudanças de significado ao longo do tempo. Como há muito não convivemos mais com carruagens e como não sabemos mais a forma completa da expressão original, que aparece na imprensa brasileira já em meados do século XIX (“Pelo andar da carruagem se conhece quem vai dentro”), nós ficamos só com a primeira metade da expressão, “Pelo andar da carruagem”, e a usamos simplesmente como “nestas alturas do campeonato”... Só que a expressão original tinha outro sentido, mais complexo: a importância dos políticos ou poderosos envolvidos em um caso é decisiva...

## **I.6 O surgimento das expressões na imprensa brasileira – sua datação e significado. O banco de dados da Biblioteca Nacional (BN)**

Para a elaboração de nosso brevíssimo “Dicionário” (cap. V) comentado, contaremos com a preciosa ferramenta para estudos de fraseologia: o imenso banco de dados da Hemeroteca da Biblioteca Nacional (abreviaremos por BN), que permite a consulta *on-line* de milhares de preciosos periódicos, desde o surgimento da Imprensa brasileira, com a vinda da Família Real. Em alguns casos também contaremos com o acervo do Jornal “O Estado de S. Paulo” (abreviaremos por AE).

Certamente, estou ciente do fato de que a datação de surgimento de uma expressão por meio de jornais e revistas envolve um grau de imprecisão, sobretudo em se tratando de gírias (que nem sempre têm lugar na imprensa “séria” – embora sempre

contemos também com periódicos satíricos, jornais de esportes, enfim, de periódicos mais “descontraídos”).

### **I.7 Apócrifos e interpretações falsas das origens de expressões**

A etimologia exerce um fascínio natural sobre todos nós: acostumados a usar de modo batido, opaco e embotado as palavras e expressões, ficamos encantados quando alguém nos revela seu significado originário. Iluminação que, além do mais, parece nos dar um domínio sobre o próprio sentido da palavra ou frase feita, da qual, assim, nos “apropriamos”.

O “pai” das etimologias na nascente Europa dos reinos bárbaros, que sucederam o Império Romano, é Santo Isidoro (c.560-636). Nascido em Sevilha na época visigoda, foi bispo nesta cidade de 600 a 636. É um dos grandes elos do esforço de transmissão da cultura clássica para o mundo medieval. Sua obra pioneira e importantíssima durante toda a Idade Média, *Etimologias*, é uma espécie de enciclopédia, muitíssimo utilizada por todos os homens cultos da época. Ao examinar uma questão qualquer, o autor medieval costumava analisar a etimologia das principais palavras envolvidas na discussão. Não o fazia para ostentar erudição, mas por basear-se na convicção de que a denominação da palavra podia conter em si informações sobre a própria realidade referida.

*Etimologias* é mais do que uma obra sobre a linguagem: expressa toda uma visão do mundo da época. Compõe-se de vinte “livros” (capítulos), cada um elucidando as etimologias e o significado das palavras de um determinado campo do saber.

O gosto que os autores medievais tinham pela etimologia derivava de uma atitude com relação à linguagem: ansiava-se por saborear a transparência de cada palavra; para nós, pelo contrário, a linguagem é opaca e costuma ser considerada como mera convenção – e nem reparamos, por exemplo, no fato de que coleira, colar, colarinho, torcicolo e tiracolo se relacionam com colo, pescoço (aliás, para nós “colo” acabou se torando também “espaço formado pelo abdome e as coxas quando o corpo está sentado (!)” (Houaiss).

E como diz o próprio Isidoro, sem a etimologia não se conhece a realidade e com ela mais rapidamente atinamos com a força expressiva das palavras: (*Nisi enim nomen scieris, cognitio rerum perit - Et. I, 7,1* e *Nam dum videris unde ortum est nomen, citius vim eis intellegis - Et. I, 29,2*).

Isidoro, educador brilhante, a quem tanto deve a cultura ocidental, tinha lá seus pecadilhos: diversas de suas etimologias não primavam pelo rigor científico, eram simplesmente tiradas que ele achava interessantes, mas que não correspondiam à realidade. Por exemplo, para ele, corpulento (*corpulentus*) é o pesado, que tem o “corpo lento” ou pedra, lápide (*lapis*), procede de ferir o pé (*laesione pedis*). Claro que, em plena primeira Idade Média, não se podia exigir de Isidoro e suas etimologias nem um mínimo de rigor científico.

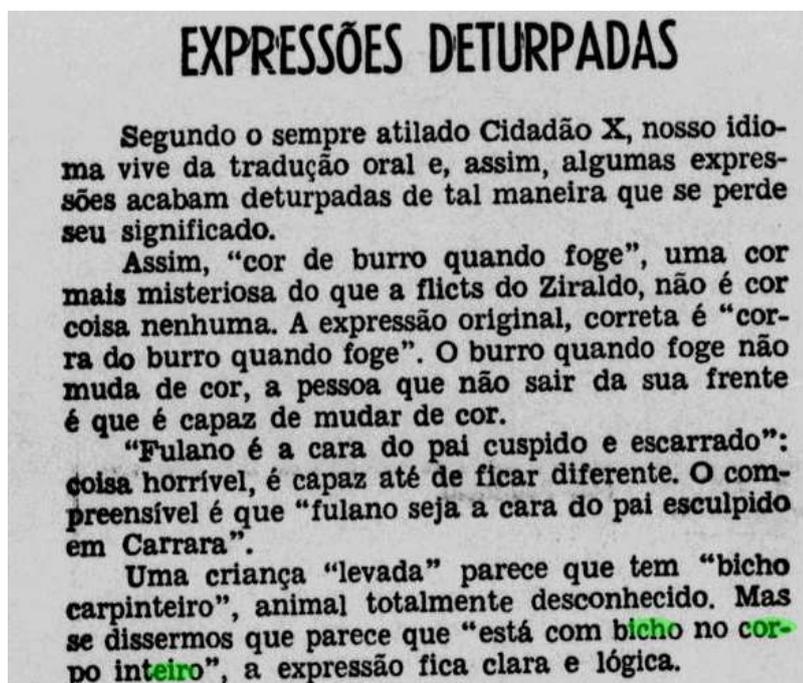
Mas, antes de sorrirmos diante da ingenuidade dos bárbaros medievais, imaginemos que Isidoro fosse transportado a nosso tempo e pudesse ver o que fazemos nós hoje neste ponto? Após inteirar-se do incrível progresso ocorrido nestes 1400 anos e das imensas facilidades de consulta e referências de que dispomos atualmente, será que ele poderia afirmar que superamos (até em nossos altos meios acadêmicos) aqueles seus erros grosseiros? Ou será que sites e “autoridades” continuam afirmando (ou repetindo) – ante a acrítica admiração do público! – tolices

que fariam corar o mais rústico visigodo ou ostrogodo do tempo de Isidoro? Será que não progredimos nada em espírito crítico e científico?

Este tópico antecipa a análise de algumas dessas interpretações errôneas ou, pelo menos, suspeitas.

Há uma enxurrada de expressões antigas reinterpretadas erroneamente. Todo mundo conhece essas fraudes de Internet: alguém inventa uma frase qualquer (muitas vezes brega ou simplesmente tola) e a posta dando como autor da bobagem um escritor famoso: Fernando Pessoa, Clarice Lispector, Luiz Fernando Veríssimo, Freud, Platão etc. Claro que nunca se cita a fonte da pobre autoridade invocada. Uma das vítimas preferidas dessas fraudes é o Professor Pasquale Cipro Neto. Já pelo menos em 2011 circulavam usando indevidamente seu nome (cf. p. ex. “Dicas do Prof. Pasquale” <http://pedagogiadigitalfajolca.blogspot.com/2011/11/dicas-do-profeor-pasquale.html>. Acesso em 25-5-2020) uma série dessas bobagens.

A bem da verdade, nem tudo é culpa da Internet e de suas enxurradas de *fake news*; muito antes da rede mundial de computadores, já em 1975, no “Tribuna da Imprensa” (RJ, 14-8-1975), a coluna do jornalista José Álvaro apresenta sob o título “Expressões Deturpadas” algumas dessas iluminadas “correções”, que o colunista atribui a um “Cidadão X” (sempre o anonimato!), uma espécie de seu “Louro José”. Como curiosidade, copio o próprio jornal:



O criterioso blog de Sérgio Rodrigues na “Veja” insurge-se em 6-11-2013 (atualizado em 16-2-2017) contra essas (e outras) falsas interpretações de frases feitas:

Prossegue a temporada de caça às bobagens aqui no blog. Nos últimos meses, vimos por que algumas dessas asneiras sobre a língua que falamos – mesmo difundidas com entusiasmo internet afora e até, em certos casos, em livros – são apenas isso: asneiras.

(<https://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/o-bicho-carpinteiro-e-a-fraude-do-corpo-inteiro/>. Acesso em 25-5-2020).

Vale a pena rcolher o restante desse post (convidando o leitor interessado a acessar os links sublinhados e fotos, que estão no original):

Não, a expressão “cuspidado e escarrado” [não tem nada a ver](#) com escultura.

Não, a palavra “aluno” [nunca teve](#) o sentido de “sem luz”.

Não, “nas coxas” [não guarda relação](#) com telhas moldadas por escravos nas próprias pernas.

Não, “Quem tem boca vai a Roma” [não é uma forma equivocada](#) de compreender “quem tem boca *vaia* Roma”.

Acrescente-se a essa relação o caso do bicho-carpinteiro. Há mais de um século esse bichinho bate ponto na expressão “ter (ou estar com) bicho-carpinteiro”, que significa “ser muito inquieto, não parar no lugar”. Faz pouco tempo que os reformadores da fraseologia começaram a espalhar a seguinte tese fraudulenta: “O certo é ter bicho no corpo inteiro” ([aqui](#), por exemplo).

Errado. Às vezes atribuído de forma indevida ao professor de português Pasquale Cipro Neto (veja [aqui](#)), o dislate do “bicho no corpo inteiro” parte assumidamente da ignorância de um fato básico da língua: o de que existe uma criatura chamada bicho-carpinteiro. “Mas que bicho é esse que é carpinteiro, um bicho pode ser carpinteiro???”, pergunta o falso Pasquale, que os três pontos de interrogação bastariam para denunciar.

Bicho-carpinteiro é, segundo o Houaiss, o nome popular e genérico de “diversas espécies de besouros, especialmente das famílias dos buprestídeos e cerambicídeos, que durante o estágio larvar brocam troncos e cascas de árvores”.

Como se vê, a ideia da velha expressão é propor uma metáfora: a de que, como as árvores sob a casca (*foto*), a pessoa irrequieta tem sob a pele as larvas desses insetos a se remexer constantemente, fazendo cócegas e não a deixando sossegada.

(<https://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/o-bicho-carpinteiro-e-a-fraude-do-corpo-inteiro/>. Acesso em 25-5-2020).

## Capítulo II - *Fake News* em Fraseologia: o caso de Mario Sergio Cortella

### II.1 Mario Sergio Cortella no “Domingão do Faustão”

Começaremos por discutir algumas (re)interpretações de frases que o povo usa feitas pelo Prof. Dr. Mario Sergio Cortella no “Domingão do Faustão”, em 22-8-2010. O vídeo dessa exposição/entrevista, de cerca de 10 minutos, encontra-se em <https://www.youtube.com/watch?v=ITf5O7VHjnw> e também no blog do próprio professor <http://mariosergiocortella.blogspot.com/2012/12/origem-das-gurias-cortella-no-faustao.html?q=g%C3%ADrias> (acessos em 24-5-2020). Naturalmente, tive o cuidado de gravar em meu computador estes e todos os demais sites citados neste estudo. O vídeo está também em diversos outros endereços do youtube.

Sendo o “dia do folclore” (22 de agosto), Cortella irá explicar, para o público e para um Faustão acriticamente dócil, o (supostamente verdadeiro) sentido de expressões como:

Até aí morreu o Neves / Será o Benedito? / Ter bicho carpinteiro /

Cuspido e escarrado / Quem tem boca vai a Roma /

Cor de burro quando foge / Quem não tem cão caça com gato /

Agora Inês é morta / Domingo, pé de cachimbo

### II.2 “Até aí morreu o Neves”, segundo Cortella

Faustão pergunta pelo significado da expressão acima (1:42 m do vídeo citado: <https://www.youtube.com/watch?v=ITf5O7VHjnw>).

**Cortella:** Você sabe que Neves foi um assessor do regente Feijó. Quando Pedro II era criança e Pedro I tinha saído, renunciado quem assumiu o Brasil foi o Regente Feijó. Ele foi regente em 1835. E ele pegou um assessor que ninguém conhecia chamado Neves. E um dia esse Neves foi degolado, num assassinato e começou aquela conversa no Rio de Janeiro, que era a Capital: “Morreu o Neves, morreu o Neves”. Mas ninguém conhecia ele... “- Mas quem é o Neves?” “Sei lá, mas morreu o Neves”. E aí a frase “Até aí morreu o Neves”, ou seja “Que é que eu tenho que ver...”

Além de dar sentido equivocado à expressão, que, na verdade, significa: “Isto é óbvio e eu estou cansado de saber, fale-me de coisas novas”, erro muito maior é dar como certa uma historietinha totalmente apócrifa e infundada. Bastaria uma consulta à BN, para verificar que a expressão “morreu o Neves” é muito antiga e anterior à Regência de Feijó e a seu inexistente assessor Neves. Feijó foi empossado em 12-10-1835, mas já três anos antes, em 9-8-1832, em “O Olindense” já um leitor se queixa em uma carta que não quer lições sobre o que já conhece, pois até aí “morreu o Neves”...

Mas o mais grave ainda está por vir e aí a vergonha alheia como pesquisador atinge seu máximo: se não tivesse ocorrido não acreditaríamos!

A explicação de Cortella foi tomada do, **intencionalmente debochado**, livro “Mas será o Benedito?” de Mário Prata. Como “Prólogo”, Mário Prata avisa que suas explicações são totalmente fantasiosas e, lendo o livro, vê-se que é mesmo pura “viagem na maionese”:

#### **Explicação mais do que necessária**

Sempre tive a curiosidade de saber a origem de certas expressões brasileiras. Comecei a pesquisar e descobri que cada autor (e/ou filólogo) dá uma versão diferente para a mesma expressão. “Para inglês ver”, por exemplo, encontrei quatro origens diferentes.

Já que a situação era essa, resolvi escrever este livro, dando as minhas “versões”. Apenas seis são reais e explicadas por Câmara Cascudo. Nestas, dou a fonte.

Você vai encontrar aqui a origem de 419 provérbios, expressões ou ditos populares brasileiros. Antes de começar a leitura, convém dar uma olhada na pequena bibliografia das páginas seguintes. São livros fundamentais para a interpretação de muitos dos verbetes. **Invenção pura. Não leve a sério.** [grifo nosso] Mas divirta-se!

(<https://marioprata.net/literatura-2/livros-adultos/mas-sera-o-benedito/explicacao-mais-do-que-necessaria/>. Acesso em 19-03-20)

Pois é, uma dessas baboseiras disparatadas intencionais do Prata é a história do Neves, assessor do Feijó, tomada, porém, a sério, por Cortella!

#### **II.2.1 Conjectura: quem é, afinal, o Neves de “até aí morreu o Neves”?**

Diante de tantas repetições da absurda versão acima, atrevo-me a lançar aqui uma conjectura, que não pude (e talvez não possa nunca) comprovar. Seja como for, é muito mais plausível do que as fantasias que circulam neste momento.

Neves não é ninguém em concreto, mas simplesmente um elemento de rima, tão frequente e apreciado nos provérbios e locuções, como nos clássicos exemplos:

Mateus, primeiro os teus!

(Das centenas de vezes em que aparece na BN, as primeiras – ainda com a grafia “Matheus” – foram em março de 1844: em “O Pharol Constitucional” – RJ, 20-3-1844 – e em “Sentinella da Monarchia” – RJ, 27-3-1844. Nos dois casos, referindo-se a corrupção e nepotismo em ministérios).

Miguel, Miguel, não tens abelhas e vendes mel...

(primeira aparição na BN em “O Liberal Pernambucano”, 18-9-1852).

Em casa de Gonçalo, canta a galinha e não o galo.

(Já aparece em 1651, ver anexo I, #4)

É claro que não se trata de indivíduos, mas de rimas: nosso antigo ditado (aparece na BN já em 1842, “Diario do Rio de Janeiro” em 12-9-1842), “Quem ama a

Beltrão, ama o seu cão”, é em francês: “*Qui aime Martin, aime son chien*”. Os exemplos poderiam se multiplicar (e em todas as línguas): “tudo como dantes no quartel de Abrantes”, “Queres conhecer o Inácio? Coloca-o num palácio”, “São Brás, manda a espinha para trás” e, a impagável do meu tempo: “Põe na conta do Abreu... se ele não pagar, nem eu!”

E o nosso Neves? Pode ter sido um complemento jocoso a uma das mais frequentes citações latinas (especialmente em cerimônias de formatura e, mais ainda, do curso de Medicina).

O povo adora esculhambar com os eruditismos e os “latinórios” (por exemplo, do juridiquês do STF): quem, da minha geração não lembra da genial publicidade, criada por Ary Barroso, do fixador Gumex: “*Dura lex sed lex*, no cabelo só Gumex” (em 1967, Oduvaldo Vianna Filho, usou-a como título de uma de suas peças).



E, no tempo em que o latim ainda era a língua corrente da liturgia da Igreja, a brincadeira era com o célebre versículo do Salmo 50 (51), o *Miserere*: “*Cor contritum, et humiliatum, Deus, non despicies* [pronunciado: “despiches”]” (Deus não despreza um coração contrito e humilhado). Na “tradução brasileira”: Couro curtido e molhado, nem Deus espicha”.

A citação latina que pode ter convocado o complemento de nosso Neves é:

*Ars longa, vita brevis*

É a forma como Sêneca popularizou, em latim, a sentença grega de Hipócrates, o “pai da Medicina”. “A arte é longa e a vida é breve”. (“arte”, aqui, não no sentido de “belas artes”, mas de técnica, conhecimento, como se se dissesse: “há muito o que aprender na medicina, mas a vida é tão curta...”)

Repetida à exaustão, a frase (tão óbvia) pode se prestar a um complemento jocoso rimado: “*Ars longa, vita brevis*, até aí morreu o Neves” (até porque o conhecimento médico, tão extenso para a curta vida dos estudiosos, não chegou ainda a saber curar tantas doenças...: pobre do paciente Neves!). E a locução poderia acabar também (como em outros casos) dispensando a primeira parte e ficando somente com “até aí morreu o Neves”. Uma conjectura...

### II.3 “Será o Benedito?”, segundo Cortella

Uma moça da plateia pergunta por essa expressão e o filósofo responde (5:30m de <https://www.youtube.com/watch?v=ITf5O7VHjnw>).

**Cortella:** O Mário Prata escreveu um livro com esse nome “Será o Benedito?” [o mesmo do qual Cortella colheu o engodo acima...]. Em 1933 – olha, ninguém aqui era nascido –, em 1933, o presidente do Brasil era o Getúlio Vargas, ele era já um homem de ditadura, na ditadura. E na época se nomeava os interventores dos estados. Em Minas Gerais havia um homem, que parte da população não gostava, chamado Benedito Valadares – é nome de cidade, Governador Valadares. O Benedito Valladares não era tão apreciado pelas pessoas e começou uma conversa no Rio de Janeiro: quem será que vai ser nomeado? Será o Benedito? Será o Benedito? E foi o Benedito!

Cortella mais uma vez escorrega na cronologia. A (inesperada) nomeação de Benedito Valadares por Vargas deu-se em dezembro de 1933 (ainda em 11-12-33, o Diário da Noite-RJ, dizia “tomar vulto” o boato de que Valladares seria o interventor em Minas, por ser aparentado de Getúlio). Só que muito antes disso a expressão já andava na boca do povo. No final de 1931, evidentemente sem relação alguma com Valadares, já tocava nas rádios a muito popular marchinha de carnaval “Será o Benedito?”:

Benedicto, Benedicto  
você tem peso, tem azar na vida  
Benedicto, Benedicto  
A culpa toda é da Margarida  
A Margarida é matriculada [tem prática, é matreira]  
e fez macumba pra você casar  
E neste andar o seu fim será  
vender pipoca e amendoim torrado  
Depois quando passares pela rua  
Gritando: pipoca  
E amendoim torrado  
Todas as meninas vão perguntar:  
Será o Benedicto? (“A Gazeta”, São Paulo, 22-1-1932)

Com o sucesso da marchinha, imediatamente já o povo começa a se perguntar: “Será o Benedito?”. Por exemplo em março de 1933, “Será o Benedito? é título de notícia que falava da compra de “cracks” do Botafogo pelo Fluminense, entre eles um chamado Benedicto (Diário da Tarde, 9-3-1933, PR).

## II. 4 “Ter bicho carpinteiro”, segundo Cortella

Em outro momento, Faustão indaga sobre essa expressão e Cortella sorri e responde: (<https://www.youtube.com/watch?v=ITf5O7VHjnw>, 3:00 m).

Ha, ha! Você sabe que **a frase mesmo, de verdade**, não é “bicho carpinteiro”, mas “esse menino parece que tem **bicho no corpo inteiro**”, mas de tanto falar... [Faustão admira-se de ter ignorado por toda a vida o sentido da expressão e de só agora ter compreendido seu “verdadeiro” sentido] (...), “esse menino parece que tem **bicho no corpo inteiro**” e não “de carpinteiro”, inclusive porque “bicho de

carpinteiro”, que é broca, só para quem está de cara de pau, aí é outra coisa... [grifos nossos]

**Faustão:** Atenção, é Mario Sergio Cortella, o super palestrante, filósofo, escritor...

O já citado post – “O bicho-carpinteiro e a fraude do “corpo inteiro” – do blog de Sérgio Rodrigues na “Veja” (6-11-2013, atualizado em 16-2-2017), esclarece o caso:

(...) Acrescente-se a essa relação o caso do bicho-carpinteiro. Há mais de um século esse bichinho bate ponto na expressão “ter (ou estar com) bicho-carpinteiro”, que significa “ser muito inquieto, não parar no lugar”. Faz pouco tempo que os reformadores da fraseologia começaram a espalhar a seguinte tese fraudulenta: “O certo é ter bicho no corpo inteiro” ([aqui](#), por exemplo). [links e fotos no original]

Errado. Às vezes atribuído de forma indevida ao professor de português Pasquale Cipro Neto (veja [aqui](#)), o dislate do “bicho no corpo inteiro” parte assumidamente da ignorância de um fato básico da língua: o de que existe uma criatura chamada bicho-carpinteiro. “Mas que bicho é esse que é carpinteiro, um bicho pode ser carpinteiro???”, pergunta o falso Pasquale, que os três pontos de interrogação bastariam para denunciar.

Bicho-carpinteiro é, segundo o Houaiss, o nome popular e genérico de “diversas espécies de besouros, especialmente das famílias dos buprestídeos e cerambicídeos, que durante o estágio larvar brocam troncos e cascas de árvores”.

Como se vê, a ideia da velha expressão é propor uma metáfora: a de que, como as árvores sob a casca (*foto*), a pessoa irrequieta tem sob a pele as larvas desses insetos a se remexer constantemente, fazendo cócegas e não a deixando sossegada.

(<https://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/o-bicho-carpinteiro-e-a-fraude-do-corpo-inteiro/>. Acesso em 25-5-2020).

Acontece que, ao contrário do que enfatiza Cortella, que bicho “no corpo inteiro” é que seria “a frase mesmo, de verdade”; a frase muito antiga e que **sempre** ocorre é com “bicho carpinteiro”. Dois exemplos em mil: em 1879, de um brigadeiro que anda em “muita actividade”, o “Jornal do Commercio” (RJ, 8-3-1879), comenta: “decididamente este general tem bicho carpinteiro”. E “O Mosquito” (RJ, 27-12-1873), afirma que desde que os “bispos se metteram a tratar exclusivamente de política, “os padres parece mesmo que têm bicho de carpinteiro”.

## II. 5 “Cuspido e escarrado”, segundo Cortella

Alguém do público pergunta por esa expressão e Cortella responde (6:27 m do vídeo citado: <https://www.youtube.com/watch?v=ITf5O7VHjnw>).

Olha que coisa interessante, eu tenho dois filhos que também estudaram na PUC. Alguém dizia assim (apontando para um filho meu): “- Esse menino é você cuspido e escarrado”. Primeiro, é uma expressão meio feia... Mas a frase na origem era outra: **esculpido e encarnado**. Isto é, como se você fizesse uma estátua de alguém e ela ganhasse carne,

ganhasse vida (...) [Finaliza, concordando com um comentário de Faustão:] No tempo a coisa vai passando e aí muda a expressão...

Como pode o Professor afirmar com certeza “a frase na origem era outra?”. O fato é que na BN, a expressão “cuspido e escarrado” aparece pela primeira vez já em 1848, em “O Diário Novo” (PE, 28-8-1848) e se repete ao longo das décadas seguintes do século XIX por mais de 30 vezes! Enquanto a apócrifa “esculpido e encarnado” aparece uma única vez nesse século (e já em seu final...) na “Gazeta da Tarde” (RJ, 27-2-1896). E reaparece só em 1926, pelo menos com uma sábia dúvida, quando lemos no “Jornal do Brasil” (RJ, 16-3-1926):

(...) cuspido e escarrado. Não me recordo onde li que isso é corruptela de “esculpido e encarnado”. Será mesmo?

Uma vez mais, recorremos ao blog de Sérgio Rodrigues na Veja, desta vez a seu *post* “A verdadeira história da expressão ‘cuspido e escarrado’” (8-6-2014, atualizado em 12-2-2017):

(...) Se todo mundo conhece a tese [outra hipótese falsa] “esculpido em Carrara” e um número menor – mas prestigioso – de pessoas prefere a tese “esculpido e encarnado”, pode-se afirmar com segurança que quase ninguém está familiarizado com a verdadeira origem da expressão “cuspido e escarrado”, que de corruptela não tem nada.

É bem curioso esse buraco em nossa autoconsciência linguística, levando-se em conta que evidências acachapantes se oferecem a quem se dispõe a pesquisar o tema. Basta olhar em volta, para outras línguas, em vez de agir como se o mundo tivesse sido inventado na Península Ibérica.

O primeiro registro conhecido da ligação entre o cuspe e a semelhança física ocorre no francês do século XV, segundo o *Trésor de la Langue Française*, com a expressão *tout craché*, “totalmente cuspido”. As razões dessa associação têm algo de nebuloso, mas, de acordo com o mesmo dicionário, relacionavam-se provavelmente “ao fato de que a ação de cuspir pode simbolizar o ato da geração”, numa associação simbólica entre o cuspe e a ejaculação.

O dicionário Oxford aposta numa explicação diferente (mas, no fundo, nem tanto assim) para o sucesso de uma expressão semelhante em inglês, esta do início do século XVII: *spit and image* (“cuspe e imagem”), que a partir do século XIX deu origem à variante *spitting image*. “Talvez proveniente da ideia”, anota o dicionário, “de uma pessoa ter sido criada a partir do cuspe da outra, tão grande é a semelhança entre elas.”

Se não há dúvida entre os etimologistas de que o inglês foi buscar *spit and image* no francês *tout craché*, o mesmo se pode dizer com certeza do português “cuspido e escarrado”. A contribuição lusófona a essa história se limitou a acrescentar o escarro ao cuspe, como reforço expressivo. O alcance internacional da expressão expõe a inconsistência de todas as outras hipóteses.

(<https://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/a-verdadeira-historia-da-expressao-cuspido-e-escarrado-2/>. Acesso em 28-5-2020)

## II. 6 “Quem tem boca vai a Roma”, segundo Cortella

Faustão pergunta pelo significado verdadeiro da expressão e Cortella responde (<https://www.youtube.com/watch?v=ITf5O7VHjnw>, 7:35 m).

**Cortella:** Uma ideia é que Roma, o centro do mundo, quem não gostasse do governo, não é só que ele iria a Roma, mas a frase completa era – inclusive em latim [!?] – “quem tem boca **vaia** Roma”, vaiar de gritar de apurar, de ir contra. Então “Quem tem boca vaia Roma. É evidente que depois ficou “quem tem boca vai a Roma”.

O que complica muito essa explicação estapafúrdia é que o provérbio existe em várias línguas e nunca com o sentido de vaiar, mas sempre com o sentido de ir. Mais uma vez, Sérgio Rodrigues nos esclarece (contra a “disseminação de bobagens” em seu blog na Veja:

O sentido desse provérbio é o de que não é difícil ir a um lugar longínquo e desconhecido pela primeira vez, quando não se tem acanhamento de pedir informações constantemente sobre o rumo a seguir. [...]

Dito existente há séculos, “Quem tem boca vai a Roma” é registrado em numerosos dicionários portugueses e brasileiros. Apenas um exemplo: em seu “Dicionário de Provérbios”, Raimundo Magalhães Jr. afirma o seguinte:

Há dois caminhos para provar que se equivocam aqueles que, sem nenhuma base histórica, tentam corrigir o velho provérbio. O primeiro é um passeio até o português antigo, no qual encontramos esta variante: “Quem língua tem, a Roma vai e vem”. Como se vê, a vaia não tem vez aqui.

O segundo caminho nos afasta do português e nos põe diante de provérbios equivalentes em outros idiomas, todos com o mesmo sentido que Magalhães Jr. expõe acima. Por exemplo: o espanhol tem “*Preguntando se va a Roma*” e o francês, “*Qui langue a, à Rome va*”. (<https://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/quem-tem-boca-vaia-roma-buuuu/#:~:text=Afinal%2C%20quem%20pergunta%20e%20questiona,definham%20o%20imp%C3%A9rio%3A%20vaiavam%20Roma>. Publicado em 16-2-2017 e atualizado em 30-10-2013)

## II. 7 Cortella e “Cor de burro quando foge”, “Quem não tem cão”, “Inês é morta” e “Domingo, pé de cachimbo” .

As bizarras interpretações destas sentenças nem merecem maiores comentários, mas somente breves registros críticos. Cortella começa por afirmar (em <https://www.youtube.com/watch?v=ITf5O7VHjnw> 03:37m) que a “frase certa mesmo, na origem é ‘**corro** de burro quando foge’ (...)”. Engenhosidades pitorescas à parte, o grande problema é que a expressão aparece continuamente na BN há 200 anos – a primeira ocorrência é em 1823 (“Correio do Rio de Janeiro”, 29-9-1823), sempre na forma “cor de burro...”.

O mesmo se diga da alteração “a frase mesmo, certa, é ‘Quem não tem cão, caça **como** o gato”, proposta, sem nenhum respaldo documental pelo filósofo: (<https://www.youtube.com/watch?v=ITf5O7VHjnw> 10:09 m). A

expressão aparece continuamente na BN desde 30 de janeiro de 1854 (“Correio Mercantil e Instructivo” RJ), sempre na forma “com gato”.

Já para “**Agora Inês é morta**”, a explicação comete vários deslizos (<https://www.youtube.com/watch?v=ITf5O7VHjnw> 2:30 m). Uma simples busca a “Inês de Castro” (o famoso caso de Inês de Castro) na Wikipedia já bastaria para evidenciar que é puro *nonsense* a explicação que o filósofo dá a seguir sobre a história que deu origem à expressão “agora Inês é morta”.

Inês foi uma mulher que, um dia, um dos reis de Portugal, ele decidiu que ia casar com ela, não casou, por conta de uma outra história e depois que ele mandou executá-la, matá-la, ele achou que ele tinha que casar com ela e ele a tornou uma rainha. Mas aí, Inês já era morta, ou seja, não dava mais para ser rainha.

Não adiantou nada fazer aquela homenagem para uma mulher que já tinha morrido. Então “Inês é morta” significa “agora não adianta mais”: se quiser fazer por mim, faça agora.

Em um dos comentários ao vídeo do Domingão, até o espectador Arthur Martinelli, aponta o erro:

“Inês é morta” ele [Cortella] falou errado. Foi o PAI do rei Dom Pedro I de Portugal que mandou executá-la porque não permitiu que eles se casassem, e depois que o Dom Pedro virou rei, ele quis coroa-la depois de morta”.

Cortella também pretende corrigir a parlenda: “Hoje é domingo, pé de cachimbo” (em <https://www.youtube.com/watch?v=ITf5O7VHjnw>, 4:23 e ss.). “... mas a frase é **pede**, pede de pedir, porque inclusive cachimbo não tem pé”. Claro que a sentença não se refere ao pé **do** cachimbo, mas – muito mais plausível – ao pé na vertical, de quem passa o dia de folga deitado, com pé de cachimbo, “em forma de cachimbo” (como “orelha de abano” é uma orelha em forma de abano)... A metonímia “pé de cachimbo” indica o “*dolce far niente*”, como também a sugestiva expressão: “de papo pro ar” (esperemos que não surjam explicações “inovadoras” para mais esta tradicional expressão...).

Na BN desde 1880 (“Revista Brasileira”, RJ, out-dez 1880), sempre se registra “Domingo, pé de cachimbo”.



Deitado, com o pé em forma de cachimbo

Caberiam comentários a outras explicações, dadas no programa, sobre o sentido originário de expressões, mas, de momento, bastem-nos estas.

## Capítulo III - A suposta origem de “conto do vigário”: dois sambas enredo do carnaval do Rio 2020<sup>2</sup>

Como dizíamos, no campo da fraseologia, há muitas interpretações falsas ou pelo menos muito suspeitas. Neste capítulo, examinamos um caso especialmente interessante: o que originariamente significa “conto do vigário” (e o “vigarista” e a “vigarice”)?

Neste país de falcatruas, “Conto do Vigário” foi samba enredo de duas escolas de samba no carnaval de 2020: a São Clemente e (piada pronta) a Vigário Geral.

A São Clemente, que brilhou com Marcelo Adnet interpretando o presidente Bolsonaro, apoiou-se na falsa historietta que circula como sendo a verdadeira origem da expressão: a história do burrinho de Ouro Preto.

O sino toca na capela e anuncia  
Nossa Senhora, começou a confusão  
Quem vai ficar com a imagem de Maria?  
O burro vai tomar a decisão  
Mas o jogo estava armado  
Era o conto do vigário

Qual é essa história apócrifa do burro? A Wikipedia ([https://pt.wikipedia.org/wiki/Conto\\_do\\_vig%C3%A1rio](https://pt.wikipedia.org/wiki/Conto_do_vig%C3%A1rio). Acesso em 19-3-20) nos conta a historietta – “das mais conhecidas” sem nenhuma indicação documental ou bibliográfica. E a própria narrativa é inverossímil. E o *site* Brasil Escola do Uol reafirma (<https://brasilecola.uol.com.br/curiosidades/conto-do-vigario.htm>. Acesso em 19-3-20) sem restrições que a história foi essa:

O conto do vigário aconteceu no século XVIII na cidade de Ouro Preto entre duas paróquias: a de Pilar e a da Conceição que queriam a mesma imagem de Nossa Senhora. Um dos vigários propôs que amarrassem a santa no burro ali presente e o colocasse entre as duas igrejas. A igreja que o burro tomasse direção ficaria com a santa. Acontece que, o burro era do vigário da igreja de Pilar e o burro se direcionou para lá deixando o vigário vigarista com a imagem.

E o *site* do Terra corrobora a lorota, creditando-a a uma pesquisadora, a quem identifica como “historiadora”, Denise Lotufo (Acesso em 19-03-20, cache <http://noticias.terra.com.br/educacao/vocesabia/interna/0,,OI2060022-EI8402,00.html>). O fato é que dezenas de *sites* (praticamente unanimidade na Internet), inclusive de ilustres acadêmicos (cf. por exemplo a **tese de doutoramento** em [http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/bitstream/123456789/13827/1/PSEUDOAn%C3%A1liseSociocognitiva\\_Oliveira\\_2013.pdf](http://repositorio.ufrn.br:8080/jspui/bitstream/123456789/13827/1/PSEUDOAn%C3%A1liseSociocognitiva_Oliveira_2013.pdf). Acesso em 19-03-20; e também o artigo de um muito conhecido jurista: <http://cartaforense.com.br/conteudo/colunas/o-conto-do-vigario-e-a-torpeza-bilateral/12165>. Acesso em 19-03-20) dão por assente a autoria da

---

<sup>2</sup> Este capítulo foi tomado de meu artigo: “‘Será o Benedito?’, ‘Conto do Vigário’...”, originalmente uma conferência para jovens pesquisadores do 3º. Ano do Ensino Médio do Colégio Luterano São Paulo (in <http://www.hottopos.com/convenit34/JeanFraseologia.pdf>).

mencionada Lotufo, **mas nenhum deles diz em qual obra é registrada a suposta descoberta**. Digo “suposta” pois embora a mencionem textualmente nunca está incluída em qualquer das referências.

Diga-se de passagem, que é bom para a formação científica de jovens pesquisadores aprender que, em um trabalho como este nosso (que pode ferir suscetibilidades), devem tomar a precaução de salvar as html dos *sites* citados, que amanhã ou depois poderão ser removidos ou alterados... E que aprendam também, em seus trabalhos, a sempre incluir as referências.

Enquanto esperamos que nos indiquem a fonte (que nem a tese de doutoramento o fez!), devemos alertar nossos alunos para buscar informações sobre o autor, instituição em que se formou ou atua e em que contexto se insere a obra citada, para que não cometam o erro de propagar um texto que pode não ser nada mais do que uma desleixada invenção. Será que a história do burro do vigário não é apócrifa e não passa de uma vigarice? (Desde já peço desculpas à colega DL, caso ela exista e eu tenha me equivocado).

Passando para a parte positiva (e paciente) de uma pesquisa documental sobre a expressão, no hebdomadário da BN, veremos que “conto do vigário” surge não no século XVIII, mas só em 1885 (já então chamado de célebre) e alastra-se por toda a imprensa nacional: até 1889 aparece cerca de 300 vezes e, na década seguinte, supera largamente mil incidências!

Fica aqui um convite à investigação:

### **Sugestão de atividades de pesquisa no caso**

#### **1. A historinha atribuída a Lotufo é verossímil?**

Ter em conta que no caso típico de “conto do vigário”, há uma ação verbal, uma lábria (como na ilustração abaixo) do malandro em relação ao otário (o que falta no caso de Ouro Preto). E outro elemento importante é o oportunismo e a má fé do ingênuo que nele cai, pensando em auferir ganhos fáceis (o que também falta na história do burrinho).

#### **2. Procurando a historiadora Denise Lotufo**

Pode-se procurar essa “pesquisadora” DL na Plataforma Lattes. Outra sugestão é buscar seu nome em um portal como o Estante Virtual (que contém cerca de 20 milhões de livros).

#### **3. A própria coerência interna da historieta**

De onde terá surgido uma imagem, que é disputada por duas paróquias? Etc.



Acessos em 19-03-20 <https://g1.globo.com/carnaval/2020/playlist/carnaval-2020-sao-clemente.ghtml>  
<https://www.gilbertolima.com.br/2020/02/marcelo-adnet-tira-sarro-de-bolsonaro.html>

Entre tantos outros temas de discussão que podem advir da leitura dos jornais do fim do século XIX, cabe notar que as formas derivadas “vigarista” e “vigarice” só aparecem (e timidamente) na década seguinte (anos 1890), e só se firmam (especialmente a primeira) na primeira década do século XX. Outro ponto interessante para uma discussão de pesquisa é a acumulação semântica da palavra “conto”: a lorota e o conto de réis (mil vezes mil réis), importante referência monetária também para os golpes da época.

Falávamos da lábria como parte típica do golpe. A capa do No. 482 (1888) da Revista Ilustrada, acusa o governo (na pessoa do Barão de Cotegipe) de **contar** o “conto do vigário” ao promover abolicionismo.



## Capítulo IV – Mais “fake news” em locuções – o Dr. Deonísio da Silva em um programa da Band News FM<sup>3</sup>

### IV.1 Deonísio e as origens das expressões

Uma proposta interessante para a formação do espírito crítico de pesquisadores é a análise de um caso, que é um autêntico laboratório: uma edição do programa de rádio da Band News FM “Sem papas na língua” (7-5-2015), de um dos mais conhecidos autores de livros de etimologias e origens de locuções, um conceituado acadêmico, o Prof. Dr. Deonísio da Silva (esse autor porporciona muitos outros casos de análise que, se oportuno, contemplaremos em artigos futuros).

Ele dialoga com o saudoso jornalista Ricardo Boechat e o radialista Rodolfo Schneider, na emissão de 7 de maio de 2015.

Vamos discutir alguns tópicos propostos nesse vídeo, que se encontra em: <https://www.youtube.com/watch?v=2JXfS6-8XzI> (acesso em 19-03-20)

O Currículo Lattes do professor (atualizado em 9-6-2020) é muito rico e repleto de títulos (<http://lattes.cnpq.br/0770495616737884>. Acesso em 19-06-20) e logo destaca sua coluna: “Faz coluna semanal na Rádio Bandnews Fluminense, FM 93.0, em que atuou na companhia do jornalista Ricardo Boechat de 2011 a 2019, prosseguindo depois com outros âncoras”, informa sua longa (2003 - fevereiro de 2020) e variada atuação na Universidade Estácio de Sá (incluindo cargos de vice-reitoria) e inúmeras colaborações na mídia, frequentemente na área de etimologia e origem das expressões, na qual se consagrou como um grande nome nacional na área, tendo publicado os best-sellers: “De onde vêm as Palavras” (já na 17ª edição) e “A Vida íntima das frases”. Esse impressionante currículo, junto com o tom de certeza e autoridade com que profere suas interpretações, não nos devem dispensar da análise crítica, própria do espírito científico. Aliás, o questionamento e a devida dúvida é sempre uma atitude saudável no cientista. É interessante verificarmos por nós mesmos em que medida o autor é o que ele diz de si mesmo em seu Currículo Lattes (de 9-06-20, que tenho gravado): “‘jardineiro e botânico das palavras’, por força da sólida formação intelectual que o levou a constituir-se em referência em Língua Portuguesa”.

O referido vídeo é muito instrutivo para formar na desconfiança crítica: a começar pelo tom professoral, de certezas do entrevistado, “onisciente” e sem dúvidas, contrapontado pela atitude de “discípulos” dos entrevistadores, totalmente dóceis ante as declarações (por estranhas que possam parecer...) do “cientista”. O equívoco está em preferir provocar encantamento em vez de suscitar questionamento, de modo que ao ouvinte parece que só cabe a atitude reverente de, também ele, acatar as pérolas de sabedoria que ouve. Mas, também pode e deve desconfiar...

O vídeo dura 18:41m e começa com a vinheta do programa (patrocinado pela própria Universidade Estácio de Sá) e Ricardo Boechat anuncia que essa edição será dedicada a “nomes próprios que são apropriados pela linguagem popular, ganhando outras características”. A pauta, ao que parece, foi estabelecida pelo entrevistado.

---

<sup>3</sup>. Este capítulo foi tomado, com algumas modificações, de meu artigo: “‘Será o Benedito?’, ‘Conto do Vigário’...”, originalmente uma conferência para jovens pesquisadores do 3º. Ano do Ensino Médio do Colégio Luterano São Paulo (in <http://www.hottopos.com/convenit34/JeanFraseologia.pdf>).

#### IV. 2 Deonísio e “À Beça”

Aos 3:07m (do rederido <https://www.youtube.com/watch?v=2JXfS6-8XzI>), Boechat começa perguntando o que é “à beça”. O entrevistado responde categoricamente:

É o Gumercindo Bessa e ele falava muito. Cada vez que ele pedia uma audiência, quem o recebia reclamava que quando ia falar, não falava nada porque ele já tinha falado bastante. Daí quem falasse muito, falava “à beça”, como o Bessa. E “à beça” passou a significar quantidade de coisas...

Devemos desconfiar dessa certeza, sobretudo quando muitas objeções se levantam contra essa “historinha etimológica”, própria de “etimologia de almanaque e seu gosto pela anedota fácil”, como pondera Sérgio Rodrigues em seu blog na Veja (12-4-2011 e 20-2-2-17):

Uma historinha etimológica que goza de popularidade há décadas atribui a origem da expressão “à beça” (que significa em grande quantidade ou intensidade, em profusão), locução adverbial exclusiva do português brasileiro, ao sobrenome do jurista sergipano Gumercindo Bessa (1859-1913), que ganhou em certo debate público com Rui Barbosa – do qual saiu vitorioso – a fama de ser uma cornucópia de argumentos. (...) Provavelmente não foi nada disso. A teoria Bessa é curiosa, mas filólogos sérios sempre lhe negaram crédito. O dicionário Houaiss – que esconde em letrinhas miúdas um show de compilação etimológica a cada verbete – lista algumas teses de maior prestígio para explicar a expressão, registrada pela primeira vez em torno de 1910. Invoca João Ribeiro, que viu em “à beça” relação com a palavra arcaica “abesso” (sem ordem), e menciona a acolhida que teve durante muito tempo entre os sábios a tese de uma obscura origem africana ou tupi – explicação, aliás, para a grafia oficial com cê-cedilha. Mas acaba revelando certa inclinação pela expressão francesa *à verse* (em quantidade), que também me parece a origem mais provável, não só pela perfeita coincidência semântica como pelo fato de termos, na época, uma cultura letrada maciçamente francófila. O problema, para a etimologia de almanaque e seu gosto pela anedota fácil, é que tudo isso soa confuso à beça. (<https://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/a-beca-tem-historia-a-beca/>. Acesso em 19-03-20)

#### IV. 3 Até tu, Brutus...

A seguir, comentando o episódio do assassinato de César, o professor de Latim da Universidade Estácio de Sá, sentencia (aos 4:45m de nosso vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=2JXfS6-8XzI>):

Boechat, aproveitou para lembrar que *brutus* não quer dizer indelicado; *brutus*, em latim, é pesado.

Engana-se o professor: *brutus* é pesado, mas também “estúpido”, “*dull, stupid, insensible, unreasonable*”, como afirma e abona o criterioso Dicionário de Lewis & Short:

II. Trop., dull, stupid, insensible, unreasonable., A. **Of men:** brutum dicitur hebes et obtusum ... Pacuvius Hermiona: et obnoxium esse aut brutum aut elinguem putes, Non. p. 77, 31 sq.: fortunam insanam esse et caecam et brutam perhibent philosophi, Pac. ap. Auct. Her. 2, 23, 36: quod bruti nec satis sardare queunt, Naev. ap. Fest. s. v. sardare, p. 322 Müll. (Bell. Punic. v. 65, p. 18 Vahl.): T. Manlius relegatus a patre ob adulescentiam brutam atque hebetem, Sen. Ben. 3, 37, 4; App. M. 7, p. 191, 30: homo, Lact. 7, 4, 12; Prud. στειφ. 2, 66; cf. 2. Brutus, II. B. (<http://alatus.com/ls/index.php?l=Brutus>. Acesso em 19-03-20)

#### IV. 4 Deonísio e a “Casa da mãe Joana”

Em seguida (de nosso <https://www.youtube.com/watch?v=2JXfS6-8XzI> 5:08 m e ss.), a propósito dessa expressão, nosso especialista reproduz (a seu “modo” e sem citar a fonte) a interpretação clássica de Câmara Cascudo. Diz o grande folclorista Cascudo:

Joana, rainha de Nápoles e condessa da Provença (1326-1382), em sua tumultuosa existência, refugiou-se em Avignon (1346). No ano seguinte regulamentou os bordéis da cidade. Um dos artigos estatutais dizia: - *Et que siegs une porto... dou todas las gens entraron*. Tenha uma porta por onde todos entrarão. Ficou sendo o prostíbulo o Paço da Mãe Joana, e assim o nome divulgou-se em Portugal” (...). No Brasil, Paço não é vocábulo popular. Tornou-se Casa e, às vezes, com nome mais repugnante e feio. Não terá, a Casa da Mãe Joana, outra origem. (<https://noticiasdapauliceia.blogspot.com/2010/04/mais-um-cascudo-em-sua-cabeca.html>. Acesso em 19-03-20)

Embora essa historietta seja engolida amplamente e reafirmada, sem sombra de dúvidas, por Deonísio da Silva, o leitor atento desconfia, não a acha plausível e fica de orelha em pé: rainha de Nápoles, meados do século XIV (!?), mãe, paço, casa etc. (!?).

E, desconfiados, vão pesquisar na Hemeroteca da BN e encontram dados importantes e muito interessantes. Por exemplo, que no século XIX há muito poucas referências à “casa da mãe Joana” (abreviaremos por CMJ) e muitas mais simplesmente à “mãe Joana” (MJ) ou a outras “propriedades” dela que não a casa. O que leva a pensar que a casa em CMJ seja simplesmente um eufemismo para evitar o originário c\* da MJ... Na Espanha, com a expressão correspondente “*coño de Bernarda*”, também se diz – para referir-se a uma situação de desordem, zona, bagunça – simplesmente “*es la Bernarda*”, omitindo pudicamente o *coño*.

As duas primeiras referências à MJ aparecem na imprensa em 1831 e 1862, não sendo muito claro se se referem ao sentido que estamos examinando. O Jornal “O Americano”, de 3-9-1831, ironiza as grosserias de um Sr. Castro Alves, que na Câmara falou “em madre na cabeça para emprenhar pelos ouvidos em mãe Joana”. Em um poema satírico de 14-6-1862 do jornal Porto Livre fala, talvez no sentido pejorativo de MJ, que “he sua mãe Joana”.

Já MJ, claramente em nosso sentido de bagunça, começa a aparecer em 1878: “A Revolução” (3-11-1878) recolhe o editorial de um congênere que vai enumerando os nomes dos chefes que mandam em diversos estados (Fulano em Minas, Beltrano em São Paulo...) e desfecha: “mas o Rio é a mãe Joana”.

Nos dois usos que se seguem (1882 e 1893), fala-se de partes da MJ. O Diário de Belém, de 29-8-1882, responde ao jornal O Liberal: “Tranquillise-se portanto ‘O Liberal’: não somos concorrentes à teta da mãe Joana” (os favores do governo). E na edição da primeira semana de dezembro de 1893, em sua linguagem desabrida, o *satyrico* O Badalo avisa a um Mister Bof que “Isto aqui não é o ... [sic] da Mãe Joana” (assim, com o artigo masculino). Note-se que em O Pasquim de 7 a 13-5-70, Millôr Fernandes reforça o provável original da expressão: “Tá pensando que isto aqui é o asterisco da Mãe Joana (...) Vá tomar no asterisco”. E, no mesmo sentido, em 8-4-1950 a revista Careta, falando da distribuição de cargos para amigos, diz “é ‘aquilo’ da mãe Joana”.

No fim do século, a imprensa se refere à CMJ em dois casos de peças de teatro que têm a expressão por título (talvez um eufemismo para não intitular: o c\* da MJ...). Em 1897, Manfredo Costa recitava o monólogo “A mãe Joana” no teatro (O Paiz, 12-3-1897) e, em 31-12-1898, um anúncio de *Colecções Theatraes*, na Gazeta da Tarde, oferece a peça “Mãe Joanna” (será a mesma?) por 200 réis.

CMJ é pouco usada no início do século XX. Em 5 de janeiro de 1918, o Pacotilha fala que o Tesouro se transformou em CMJ. Em 30 de abril de 1920, o mesmo jornal refere-se à criação de um município que enfrentou protesto de uns xerimbabos (paus mandados) que se reúnem na Casa da Mãe Joana. Mas aparecem outras “localidades” da MJ. Em 18-10-1924, o A.B.C. diz que “o Brasil tem governo e não é por ahi um samburá de Mãe Joana onde qualquer um põe e dispõe a vontade”. “O Combate”, de 16-03-1929, diz: “foram tantos, ultimamente, que vieram mexer ali, que virou caldeirão de mãe Joana”.

Só a partir do fim da década de 30, vai se firmando a expressão CMJ. A revista Careta de 10 de abril de 1937 publica uma ilustração, referindo-se ao governo, intitulada “A casa da Mãe Joana”. E em 9-4-38 é a caricatura da capa dessa mesma revista.

Na década de 40 vai se consolidando a formulação “casa da mãe Joana” em cerca de 3 dezenas de incidências contra tantas outras de distintas propriedades da referida genitora: banco, clube, teatro, família, campo ou na forma simples: “Não é Mãe Joana”. O Cruzeiro de 13-11-43 anuncia que a Rádio Educadora vai lançar um programa intitulado CMJ. Nas décadas seguintes, a expressão vai crescentemente ganhando seu espaço.

Será que a expressão procede mesmo da rainha de Nápoles ou a “Joana” é simplesmente uma referência arbitrária, como a Geni do Chico Buarque?

#### IV. 5 Até aí morreu o Neves

Deonísio (sempre em <https://www.youtube.com/watch?v=2JXfS6-8XzI>, 6:55 m e ss.) com sua habitual certeza infalível repete a invencionice de Mário Prata (também copiada por Cortella, ver II.2):

O Neves era um assessor do Padre Feijó (...) e ele foi assassinado, quando, a mando do Pe. Feijó, que era regente do Império, foi apaziguar um conflito. E isso provocou um grande auê aqui no Rio,

quando conversavam, mas a conversa foi ficando tão repetitiva que quando alguém contava uma coisa o outro dizia: “ – Tá, tá eu sei, morreu o Neves” e virou uma expressão: “Até aí morreu o Neves’, agora conta outra”.

#### IV. 6 Mas será o Benedito?

A seguir, vem a expressão acima. Diz nosso fraseologista (sempre em <https://www.youtube.com/watch?v=2JXfS6-8XzI>, 7:48 e ss.), na mesma linha errônea de Cortella (registrada em II.3):

Essa tem uma história curiosíssima: o Getúlio Vargas surpreendia aliados e adversários com nomeações que ninguém entendia. E começou-se a dizer que o próximo intendente de Minas Gerais ia ser Benedito Valladares que era um homem muito, mas muito mesmo, inculto, ignorante, mas um político intuitivo. É um *avant-Lula*, assim, digamos. E aí começou-se a murmurar: “o próximo intendente – que equivale a governador, hoje em dia – vai ser o Benedito. E daí as pessoas duvidavam: “Mas será o Benedito?”

#### IV. 7 Deonísio e “No tempo do Onça”

A propósito da expressão acima, o entrevistado diz (sempre em <https://www.youtube.com/watch?v=2JXfS6-8XzI>, 8:35m):

(...) Não, **não é Onça animal**. Boechat, esses **sobrenomes** [grifo nosso] de bichos mereciam que a gente fizesse um programa exclusivo sobre eles: Lobo, Leão, Cordeiro (...). Esse bichos são sobrenomes porque são totens de família; no começo os ancestrais dessas famílias acreditavam descender de um bicho, porque era tido como uma distinção na família. Este Onça é **sobrenome** de um governador do Rio, do século XVIII, que fez muitas obras e, quando alguém referia alguma coisa, dessas obras e dessas coisas, se dizia: “Isso aí é do tempo do Onça”, isto é, muito antigo.

Só que não! Nunca houve um governador de nome Onça, mas esse era o **apelido** de Luís Vahia Monteiro. Baste a esse respeito, uma nota publicada no Arquivo Nacional:

Outra personagem central e bastante marcante no processo foi o governador do Rio de Janeiro entre 1725 e 1732, Luís Vahia Monteiro. Seu governo foi marcado por relações difíceis com a elite local: incapaz de negociar com esta, viu-se constantemente em situações de enfrentamento ao defender com rigidez implacável as leis e determinações da Coroa. No seu zelo e dedicação em evitar a evasão de divisas que por lei pertenciam ao rei, Vahia Monteiro dispôs contra si câmaras locais, funcionários intermediários, negociantes que, muitas vezes, para atingir a sua reputação e credibilidade, imputavam-

lhe a fama de irracional e desequilibrado, o que lhe valeu a alcunha de “o Onça”.

([http://historialuso.an.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=4699:comentario-ouro-e-diamantes-na-colonia-americana&catid=85&Itemid=215](http://historialuso.an.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4699:comentario-ouro-e-diamantes-na-colonia-americana&catid=85&Itemid=215). Acesso em 19-03-20)

#### **IV. 8 Inês é morta**

Deonísio explica esta expressão (em 11:10 m do mesmo vídeo <https://www.youtube.com/watch?v=2JXfS6-8XzI>):

A Inês era amante de D. Pedro, no séc. XIV. D. Pedro, rei português chamado D. Pedro, o Cru (porque nessa época cru não quer dizer que não é cozido, quer dizer cruel) e quando ele se retira do reino, o pai manda decapitar a Inês porque ela ameaça o poder na sucessão, e ela tem quatro filhos com o D. Pedro. Quando ele volta, ele não só mata dois dos três assassinos (...) tira a Inês do túmulo, põe a Inês num trono e desfila por todas as aldeias de Portugal (no séc. XIV, hein, primeira metade), para que o povo beije a mão de Inês. Só que não adiantou mais nada, porque Inês é morta.

Os desconfiados pediriam ao autor (que, nos casos aqui analisados, não cita suas fontes), que alertasse que está lidando com mitos, alguns exageradamente inverossímeis, como o do macabro desfile “por todas as aldeias de Portugal”.

#### **IV. 9 Deonísio e o “Banho-maria”**

A seguir, Deonísio explica a origem desta expressão (desta vez em 12:30 m do <https://www.youtube.com/watch?v=2JXfS6-8XzI>), como se o que diz fosse óbvio, por todos conhecido e indiscutível. Como se disséssemos: “segundo a Bíblia, Moisés liderou a saída dos hebreus do Egito, lançou pragas, abriu o Mar Vermelho etc.”.

Banho-maria é Maria, a irmã do Aarão, aliás do Moisés, ela inventou esse tipo de coisa que demora, demora muito a fazer, qualquer coisa que demore muito a fazer. Então passou a significar uma coisa demorada. Deixa eu consultar aqui...: É Maria, irmã de Moisés, ela usava esse tipo de coisa, cozinhar muito devagar na culinária, depois o termo passou para a alquimia e chegou à política: quando não quer fazer uma coisa – como a maioria dos políticos fazem – deixa em banho-maria.

Penso que dispense comentários.

#### **IV. 10 Deonísio e “Larápio”**

Esta procede de outra fonte, o blog de Deonísio na Estácio. Trago-a aqui porque oferece uma outra ideia de pesquisa para nossos jovens. Como lidar com essa afirmação que não traz nenhuma documentação?

Como registrado em meus livros “De onde vêm as palavras” (17ª edição, Editora Lexikon) “A Vida Íntima das Frases” (3ª edição, Editora Novo Século), havia na antiga Roma um pretor, cujo nome era Lucius Antonius Rufus Appius. Pretor era uma espécie de juiz entre os romanos. Esse fabricava e vendia sentenças a quem melhor pagasse por suas decisões. Como se percebe, o costume é antigo. Ele se chamava Lucius Antonius Rufus Appius e abreviava o nome para L.A.R. Appius. Essa rubrica originou o neologismo larápio, e veio a designar o juiz ladrão, aplicando-se também a gatunos de outros ofícios e profissões.

(<https://blog.estacio.br/ladrao-e-larapio/>. Acesso em 19-03-20)

Uma ideia simples e eficaz: verificar como esse tal (inexistente e inventado?) romano “Lucius Antonius Rufus Appius” aparece em buscas no Google. Essa busca (em 27-03-2020) indicou 511 resultados: todos em português e referindo o trecho acima... O que suscita algumas questões: por que não consta qualquer referência em nenhuma outra língua? Por que quem se apresenta como autoridade acadêmica dá afirmativas não referenciadas? Por que quem as propaga suprime seu próprio espírito crítico e se dispensa de verificar sua autenticidade?

O mais intrigante é que o mesmo Dionísio, entrevistado por Jô Soares, (<https://www.youtube.com/watch?v=DvIvsoYYULg>. Acesso em 19-03-20) imediatamente antes de repetir essa suposta etimologia (20:00 m e ss.), afirma literalmente (18:50 e ss.):

Eu queria te dizer, Jô, que para fazer esse livro [objeto da entrevista] eu dou uma origem científica, pertinente, faço muitas pesquisas e digo de onde vem a palavra mesmo, com segurança. Depois a brincadeira que eu faço é em cima disso, mas a origem dela é verdadeira, científica.

É a partir dessa afirmação que me sinto à vontade para dialogar com o autor.

Em outra edição do programa de rádio da Band News FM “Sem papas na língua”, o jornalista Prof. Dr. Deonísio da Silva volta à carga, explicando ao saudoso Ricardo Boechat, a origem de algumas outras expressões, na emissão de 22-01-2015 (<https://www.youtube.com/watch?v=7AZ3CSWJRgo&t=1093s>. Acesso em 19-03-2020).

#### **IV. 11 Deonísio e “Fazer uma vaquinha”**

Deonísio aponta (26: 25m e ss) a origem dessa expressão:

A expressão “fazer uma vaquinha” nasceu em 1920. Até então os torcedores pagavam os jogadores com arrecadações voluntárias, não havia remuneração no futebol [o próprio Vasco informa que o futebol profissional começou em 5 de novembro do ano de 1915 [https://pt.qwe.wiki/wiki/CR\\_Vasco\\_da\\_Gama](https://pt.qwe.wiki/wiki/CR_Vasco_da_Gama), nota nossa]. E se eles conseguissem arrecadar 5000 réis, o bicho era o cachorro (porque o jogo do bicho entrava nessa: o número do cachorro é 5). Para 25000

réis é o grupo da vaca. E certa vez, para remunerar o Vasco, foi instituído fazer uma vaquinha, porque tinha que arrumar o número correspondente ao número da vaca em mil réis. E o primeiro clube a fazer uma vaquinha foi o Vasco da Gama. Desde então, “fazer uma vaquinha” passou a designar essa atitude solidária de você recolher entre várias pessoas o valor necessário para fazer alguma coisa.

Há aí alguns erros e começaremos pelo mais grave, o da datação. Não, a **expressão não foi criada em 1920** e é muitíssimo anterior ao Vasco e ao futebol. Já aparece na imprensa **do século XIX** (mesmo antes do jogo do bicho, que surgiu em 1892), preferentemente na forma “fazer uma vacca”, mas também como “fazer uma vaquinha”. Assim, em uma alegoria das nações, no “Diário de Pernambuco” (17-4-1878) a França propõe uma ação conjunta com a Áustria, dizendo precisamente: “Façamos uma vacca”. E em 4 de abril de 1896, “O Lynce” de Macaé, imagina um diálogo no qual um amigo propõe a outro “Queres fazer uma vacca?” para apostar no elefante no jogo do bicho... E na “Gazeta da Tarde” (27-08-1887) do Rio de Janeiro, alguém propõe “fazer uma vaquinha” para apostar na corrida de cavalos. As duas formas convivem, mas aos poucos “fazer uma vaquinha” acaba prevalecendo e desbancando a antiga “fazer uma vacca”. Sem falar que a expressão “*hacer una vaca*” (/ *vaquita*) existe também em diversos países da América Latina! (cf. por exemplo: <https://www.notimerica.com/que-significa/noticia-significa-hacer-vaca-20160508075934.html>. Acesso em 19-3-20).

Mário Filho, nosso maior jornalista futebolístico e próximo daqueles acontecimentos, escreve a respeito:

Se o Vasco perdesse o português ia passar mal, nem ia poder andar no meio da rua. Por isso mesmo (...), o português dava dinheiro aos jogadores (...). Chamava-se esse dinheiro de “bicho” porque, às vezes era um cachorro, cinco mil réis, outras, um coelho, dez mil réis, outras, um peru, vinte mil réis, um galo, cinquenta, uma vaca, cem. Não parava aí. Havia vacas de uma, de duas pernas, de acordo com o jogo. Contra o América, “campeão do Centenário”, contra o Flamengo, bicampeão, contra o Fluminense, tricampeão, uma vaca de uma perna era pouco, só mesmo de duas pernas. (...) Antes do Vasco já havia ‘bicho’. Joaquim Guimarães, em 15, quando foi encarregado com Flávio Ramos, de organizar um escrete carioca, imaginou o regime das gratificações aos jogadores (...). O nome de “bicho” é que data de 1923.

(**O negro no futebol brasileiro** Petrópolis: Firmo, 1994, p. 153)

#### **IV. 12 Deonísio e “Pensando na morte da bezerra”**

No mesmo programa “Sem papas na língua” de 22-01-2015 (o já citado <https://www.youtube.com/watch?v=7AZ3CSWJRgo&t=1093s>), Deonísio, a convite de Boechat, explica a que se deve, segundo ele, a origem desta expressão (17:34 m e ss.), que, na verdade, ele desvia para “chorando” (em lugar de “pensando”) a morte da bezerra:

(...) é de origem hebraica. As origens hebraicas no Brasil, na língua portuguesa, são muito escondidas – às vezes até propositalmente ocultas por causa da perseguição aos judeus na Península Ibérica –,

mas ela tem uma origem no bezerro, que é um animal sagrado em muitos cultos – dos cananeus e tal..., o bezerro de ouro dos hititas (...). Às vezes, o bezerro, a bezerra, era um animal a que as crianças da família se apegavam e ele era sacrificado e então a pessoa ficava “chorando a morte da bezerra”. Tem um registro do Absalão, filho de Davi, que fica chorando a morte da bezerra, quando a bezerra é sacrificada.

(<https://www.youtube.com/watch?v=7AZ3CSWJRgo&t=1093s>. Também em <https://www.youtube.com/watch?v=7AZ3CSWJRgo> Acessos em 19-3-20.)

Na BN (RJ) há só meia dúzia de registros de “chorando (/chorar) a morte da bezerra” e mais de cem “pensando (/pensar na) a morte da bezerra”... E na Bíblia, **não há registro** de Absalão chorando bezerra. Para além da suposta tradição hebraica, a morte de uma bezerra é um prejuízo, que pode ocasionar ponderações inúteis, dado que ela já está morta... Em inglês existe a clássica frase feita: “*Whose mare is dead?*” (lit.: “morreu a égua de quem?”, no sentido de “qual é o problema?”, “por que a melancolia?”), verbete abonado (incluindo a peça “Henrique IV” de Shakespeare) no “Dictionary of Proverbs” da Wordsworth, no Google Books (de 1993): (<https://books.google.com.br/books?id=7PMZJqSR4sAC&pg=PA372&lpg=PA372&dq=%22Whose+mare%27s+dead%22&source=bl&ots=AUksNBMxU6&sig=ACfU3U31GCSH5tahvfj1dzg6wyTpkN-jDg&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKewjX-ouk18HoAhUiErkGHQu9CbY4ChDoATAAegQICBAB#v=onepage&q=%22Whose%20mare's%20dead%3F%22&f=false>. Acesso em 19-3-20)

Parece tratar-se de associação tupiniquim: a busca conjunta “Absalão” – “morte da bezerra” resulta em 2250 *sites* no Google (em 30-3-2020), enquanto “*Absalón*” – “*muerte de la becerra*” produz ZERO resultados.

#### IV. 13 Deonísio e a corda chamada Teresa

No programa “Sem papas na língua” de 21-01-2016, Deonísio responde à pergunta de Boechat (11:33 m e ss.) sobre a corda Teresa, que presidiários usam para fugir da cadeia (<https://www.youtube.com/watch?v=AJ3y84F7u2g>). Acesso em 19-3-2020). Uma “descoberta” desse porte, não vou comentar: limitar-me-ei a expressar perplexidade e meu imenso desejo de conhecer as fontes (com pontos de exclamação e interrogação entre colchetes).

Boechat, essa é fantástica! Eu estou há décadas atrás de porque que a corda feita de lençóis e trapos para fugir da cadeia (...) se chamava Teresa. Estava tão pertinho de mim a resposta, rapaz, porque eu achava improvável, né? Essa teresa foi usada pelo escritor São João da Cruz, que era também místico, carmelita também, muito amigo da Teresa, ele estava sendo torturado numa cela do convento por carmelitas seus colegas, que não queriam a reforma carmelita, e ele precisava fugir dali, ele não tinha outro jeito. Ele teve uma visão, a Teresa apareceu para ele [!?!?] e ensinou o João da Cruz e disse a ele; “- Pegue o seu cobertor, faça tiras, amarre umas nas outras e fuja!” Ele seguiu essa visão, fez as tiras e pulou pela janela usando essa teresa. Lá embaixo tinha um cachorro, o cachorro fugiu, ele foi atrás do cachorro onde o cachorro fosse. O cachorro pulou um muro e chegou no pátio do convento da Teresa de Ávila, onde ela o recebeu [!?!?] e

protegeu. Essa palavra, Boechat, veio do espanhol da Espanha [!?!?] para o espanhol latino, aqui na Argentina, foi para o lunfardo como gíria [!?!?] e alguém... a minha hipótese é a seguinte: ou alguém, algum argentino meliante foi preso aqui e conviveu com os presos brasileiros e ensinou a teresa, ou então ele deu esse nome ao que eles já faziam.

## Capítulo V

### Minidicionário de Gírias e Expressões

Neste brevíssimo Dicionário não pretendemos (longe disso) completude, mas somente apresentar um mostruário de verbetes, que deem margem a comentários que possam ser sugestivos quanto à semântica, datação e (se for o caso) alterações de sentido, sempre buscando o sabor da linguagem.

Vamos nos surpreender com a antiguidade de expressões como avacalhar, bambambam e tantíssimas outras. Com a bela e imensa profundidade filosófica de nosso atual curtir (que evoluiu do sentido negativo para o positivo). Com as mil e uma peripécias da (hoje) simpática expressão “bate papo”; com o estreitamento semântico sofrido por “pelo andar da carruagem”. Etc. etc. etc.

Enfim toda a misteriosa (ou, às vezes nem tanto) riqueza da dinâmica da linguagem. Acompanhar como, ao longo do tempo, a carne se faz verbo; o sangue se faz verbo, como nas expressões “fim da picada” e “quebrar o galho”, originárias das vicissitudes dos soldados da Guerra do Paraguai e da II Guerra Mundial, respectivamente.

Enfim, todo aquele jogo heraclitiano de sobe-desce, em busca da antropologia e da filosofia, do humano, ao longo de mais de cinquenta verbetes, de A a Z.

## A

### 1. (pelo) Andar da carruagem

Já na primeira aparição da expressão “andar de carruagem” na BN, a carruagem – e o número de cavalos que a puxam – é obviamente índice de riqueza, status ou ostentação. “O Simplicio da Roça” (RJ, 1-7-1832), traz uma carta humorística, na qual um enamorado pobre, faz promessas fabulosas a uma mocinha com quem quer se casar, assegurando que, embora não tenha um tostão, vai (algum dia...) receber uma herança e “então, meu bem, havemos de andar de carruagem a quatro [cavalos], e camarote effectivo no Theatro etc.”

E o Folhetim “Maria Espanhola” do “Diario Novo” (PE, 5-3-1852) protesta contra os constantes abusos das carruagens, que ignoram os perigos que representam para os pedestres: “o insolente orgulho dos que pensão que o pobre deve submeter-se à voz de seus lacaios” (“o *arreda* de um cocheiro [que não para nem diminui a velocidade diante de pedestres] brutal e embriagado”).

“Pelo andar da carruagem” é na verdade a abreviação de um provérbio: “Pelo andar da carruagem se conhece quem vai dentro”. A primeira aparição na BN dá-se em “O Portuguez” (RJ, 12-6-1862):

Autorisou o publico a acreditar no rifão antigo “Pelo andar da carruagem se conhece quem vai dentro” .

Hoje em dia, a expressão “pelo andar da carruagem” indica apenas “do jeito que a coisa vai”, podendo aplicar-se a situações meramente fáticas: “pelo andar da carruagem, não teremos inverno rigoroso neste ano”, ou “pelo andar da carruagem, a pandemia vai acabar com o campeonato estadual”. Mas, originalmente, o provérbio aplicava-se a situações em que havia conexão com a influência de poderosos: o “quem vai dentro” (que nós suprimimos) era decisivo. Assim, o provérbio aplicar-se-ia antes a afirmações como: “O Vasco pode ser rebaixado, mas, pelo andar da carruagem, o Fluminense (com seus poderosos “advogados”) nunca será”, ou “Pelo andar da carruagem, a Polícia Federal nunca vai começar a investigação sobre o filho do presidente”.

Assim, o “Jornal do Commercio” (RJ, 19-5-1881) comenta:

Pelo andar da carruagem se conhece quem vem dentro: assim é que na questão do arrendamento do trapiche Mauá mostrou que a vantagem para o governo está em se fazer mais uma repartição para arranjar os bons afilhados.

Só para as Excelências... O “quem vai dentro” não era uma mera questão de deferência verbal, tinha implicações reais muito concretas. O jornal “O Paiz” (RJ, 3-9-1896) publica textualmente “uma preciosidade”, um decreto de D. Pedro I para que se veja “até onde ia a imperial ingerencia para que não se confundissem os fóros hierarchicos”. Assim, sem embargo do alvará de 2-4-1762, que proibia qualquer pessoa pudesse andar em “carruagem de mais de duas bestas”, o Imperador determina que:

Todas as pessoas que gozem do tratamento de Excellencia possam nesta Corte andar em carruagem de quatro bestas.

[E o jornal comenta:]

Louvado seja Deus! Para andar puxado a quatro bestas já foi preciso nesta terra decreto imperial e ter excelência!

Na BN, só em 1915, aparece a forma abreviada “pelo andar da carruagem” (O Seculo, RJ, 3-4-1915), mas no sentido original de maracutaia de político:

Pelo andar da carruagem, é fácil prever que se vae repetir a canção da fraude, da violência, de desrespeito ao voto popular, da mentira do regimen representativo, dos caprichos do sr. Pinheiro Machado, a quem todos obedecem e de quem esperam a palavra de ordem (...)

Caindo em desuso as carruagens, na BN, aparece em 1929 o uso neutro, sem malícia da expressão, referindo-se a meros fatos. O Correio da Manhã (RJ, 30-1-1929) prevê o sucesso – por seus méritos e não por fraudes – do rancho Beija-Flor no carnaval que se aproxima:

Pelo andar da carruagem se vê quem vem dentro. (...) **Pelos preparativos**, a avezinha “Beija-Flor”, tão inoffensiva, este anno vae fazer mal a muita gente!

## 2. Avacalhar

Na BN, o primeiro registro de 1913, já dá conta da força do neologismo. Em 5-8-1913, diz “A Noite” (RJ): “Depois da criação do termo avacalhar e da ação política que o motivou, entraram os fazedores de politicagem em franco marasmo”.

Em 26-8-13, o “Imparcial” (RJ), entre outros, recolhe contundente discurso do senador Muniz Freire, no qual ele diz, a propósito da corrupção e do clientelismo:

O instinto popular satisfaz a urgência de expressões assás fortes para corresponderem à extensão e à realidade do fenómeno, creando uma série de neologismos (...) **pistolão** (...), **avacalhar** (...), **cavar**.

O neologismo alastrou-se rapidamente por todo o Brasil, a ponto de a revista “Caretta”, em 17-1-1914, publicar um soneto de desagravo para a vaca. Após celebrar as virtudes do animal, conclui:

Entanto, um neologista, alma daninha,  
Chega, e inventando o verbo AVACALHAR,  
Avacalhou-te, ó plácida vaquinha!

A “Folha do Acre”, de 2-8-1914, queixa-se de que até entre intelectuais (e no parlamento):

reina o desprezo pelo culto da linguagem pura e elevada; o calão invadiu o santuário das letras e termos chulos penetraram nos salões, expressões como “**encrenca**”, “**pra burro**” e “**avacalhar**” [ver verbetes], grangearam foros de cidade.

Naturalmente, logo ingressa também no campo das caricaturas.



“O Malho” (RJ), 22-7-1916. O Rei Afonso, ante o crescente poder do sindicalismo, bem que gostaria de avacalhar a “greve”.

# B

### 3. Bambambam

A primeira referência (no sentido abaixo) na BN é da “Gazeta de Notícias” (RJ, 16-7-1918) que lhe dá a certidão de nascimento :

A gíria popular acaba de criar um termo novo: o bambambam. Significa o chefe, o grande, o poderoso, o batuta. (...).

A referência seguinte é do “Vida Sportiva” (SP, 28-12-1918), que compõe um “epitáfio” jocoso:

Mordido por uns “mosquitos”  
Morreu o celebre Ivan,  
Do Mackenzie, nos conflictos,  
Deixou de ser... bam-bam-bam!

A partir do ano seguinte, a gíria já aparece frequentemente.

### 4. Baratinado

No sentido de estar sob ação de entorpecentes, a primeira aparição na BN parece ser na revista “O Cruzeiro” (RJ, 22-2-1947). No artigo “Maconha, a planta do diabo”, lê-se:

É comum se ver hoje em Copacabana, nos bares, nos restaurantes ou passeando nas ruas, rapazes, senhores e mesmo mulheres, “baratinados”. (Baratinado quer dizer na gíria a pessoa embriagada por um entorpecente).

Antes disso, desde a década de 20, o termo aparece frequentemente para designar convencimento por lábia ou pressão, como quando um bandido é interrogado por delegado, para que confesse e delate. Como em “O Radical” (RJ, 6-2-1935):

Interrogado pelo Inspetor Péricles, o preso (...) bem “baratinado” deu toda a “dica”. [ver verbete “dica”]

E “A Manhã” (RJ, 23-1-1927) relata que o criminoso “Mangueira” “não gostou do baratinado” e agrediu violentamente o investigador que, na cadeia, foi “baratinal-o, isto é, ver se o detento ‘escorregava’ com alguma coisa”

## 5. Bater papo

Em seu sentido original, “bater papo” não é conversar. A expressão em seu uso antigo, na imprensa do século XIX – e depois ainda por muito tempo – serve para designar que tal situação me afetou, mexe comigo, não me deixa indiferente e me convoca a uma ação ou reação (talvez agressivas).

Assim, no “Diário de Pernambuco” de 31-12-1880, lemos: “metti-me em camisa de onze varas [em sérios apuros] mas nem por isso **me bate o papo**”

E “O Carapuceiro”, periódico pernambucano, em sua edição de 7 de maio de 1832 (parece ser a primeira aparição no acervo da BN), fala do farisaísmo de pessoas falsamente religiosas, como a daquele homem que ostenta devoção mas em sua hipocrisia é capaz de matar ou mandar matar e “nem **lhe bate o papo**”: não se abala e nem se altera minimamente ao praticar esse ato horrendo.

É importante notar o uso pronominal, na época, da expressão: me bate, lhe bate... o papo. Ou na forma do possessivo, como no “Diário da Manhã” de Vitória (2-7-1909): “(vamos para outro assumpto) que hoje **bate o papo meu**”.

Cem anos depois do “Carapuceiro”, em sua edição de 20-5-1936, o “Correio Paulistano” ainda emprega a expressão no sentido de reação veemente, no caso agressiva e verbal. O povo já não se deixa enganar e ante a tentativa de engodo dos políticos: “o povo olha pra ela com um arzinho de xuxu amorfo, pisca o esquerdo em fá sustenido e **bate o papo**: ‘Ora vá \*&%@’”.

Mesmo em 1945, ainda é empregada nesse sentido. O povo reage e se entrega ao falatório. Finda a guerra, havia grande movimento no Recife para dar o nome de uma avenida em homenagem ao presidente Roosevelt, mas o prefeito Etelvino Martins, articulado com o governador Agamenon Magalhães, o “China”, fica enrolando, por razões ideológicas. O “Jornal Pequeno” de 15-8-1945, publica os versinhos satíricos (usando já a expressão “engolir sapo”):

“Por que não dar à avenida / O nome do Presidente?”  
Pergunta surpreendida / e intrigada tôda gente  
O Prefeito engole o sapo / Mas por que não deu não diz  
E o Zé Povo **bate o papo**: / “Foi o China que não quiz...”

Na primeira metade do século XX, é frequente essa variante de sentido, também diferente do nosso atual descontraído “bate papo”: a de ser convocado à ação específica de falar mal (ou até mais...), discutir, bater boca. “A Notícia” de Joinville (8-1-1939) referindo-se a uma pesada discussão entre dois torcedores em estádio de futebol, diz: “**Bate papo forte**”.

Também nesse sentido de reação agressiva, “O Combate”, jornal do Maranhão, em sua edição de 3-7-1948 relata: “(vimos) num **bate papo** estonteante o sr. Ministro da Fazenda engalfinhado com o sr. Ademar de Barros numa luta corporal que tem deixado a opinião pública de boca aberta”.

Ainda no sentido de falar mal dos outros, no carnaval de 1933 em Vitória, o estribilho do “Bloco Bate-Papo” era:

Bate-Papo!, Bate-Papo!  
Meu povo saia da frente!  
Nós temos língua de trapo  
Falamos de toda gente...

(Diário da Manhã, 8-2-1933).

Para a formação dos sentidos de falar (maledicente ou de conversa informal) de “bater papo” pode ter contribuído o antigo verbo “papear”. Desde meados do século XX, papear é usado praticamente só como sinônimo do nosso “bater papo”. Mas seu sentido original é: “emitir sons melódicos (as aves); gorjear, chilrear” (Houaiss, 3.) e, como encontramos no *Diccionario de la Real Academia Española*: “Balbucir, tartamudear, hablar sin sentido”. O mesmo DRAE indica que se trata de palavra onomatopáica: o “papapá papapá papapá...” das aves, bebês etc., sem relação com o papo, propriamente dito. É claro que papear se presta a metáforas como “falar muito, tagarelar” (Houaiss, 2.) e “hablar sin sentido” (DRAE).

Assim, um artigo de 23-3-1839 de “O Carapuceiro”, referindo-se à novidade de moças que se graduam “nas Sciencias Juridicas e Sociaes” etc., lamenta (com um machismo ainda presente hoje em dia!) a sorte dos maridos de mulher “que em vez de cuidar no arranjo da casa, em coser, remendar etc. etc., desbarata o precioso tempo em papear sobre assumptos políticos”. E a “Gazeta dos Tribunaes”, de 1-8-1845, menciona o saber de certo parlamentar, que não é estéril e “sua eloquência não é o papear dos insensatos”.

A coexistência dos três sentidos (impulsionar a agir, falar mal ou bate boca, e conversa descontraída) convivem na primeira metade do século XX, com crescente predominância do sentido, tão simpático, que hoje tem a expressão. Em 1946 (29-8), ainda encontramos um dos últimos usos em sentidos vigentes no passado: o “Jornal Pequeno” (“o grande jornal do Nordeste”) publica uma crônica na qual o autor se queixa do transporte para sua casa, ainda no primitivo sentido do século XIX: o bonde não funciona, a lotação é cara etc. e “ônibus não **me bate o papo**” (não me motiva, não me interessa). E no mesmo ano de 1946, na famosa revista “O Cruzeiro” (28-12-1946) Raquel de Queiroz vale-se de adjetivação para comentar com o primo saudosista “como é bom um bate papo **inocente** [e não agressivo] na farmácia ou no botequim”.

Mas já antes encontramos o sentido atual, plenamente vigente. Um exemplo entre inúmeros: “O Imparcial”, do Rio de Janeiro, de 4-8-1935, informa que a reunião da diretoria dos escoteiros terminou “com o costumeiro **bate papo** na leiteria do Largo do Machado” (pode haver algo mais inofensivo do que reunião de escoteiros para tomar leite?).

Mas por que, afinal, se diz “**bater o papo**”? A pista decisiva para a resposta está nos versos de Silva Andrade, famoso poeta paraibano, em seu clássico livro “Brasil Caboclo”, recolhidos em 1937 na revista “Fon Fon”:

Quando meus óio ti vê  
meu coração dá supapo  
começa logo a batê  
cumo o sapo bate o papo

E é que a origem da expressão se torna ininteligível se tomamos “bater” no sentido de aplicar pancadas, surrar. Mas, claramente (em seu sentido originário) trata-se de bater, entendido como pulsar, palpitar, como na imortal “Carinhoso” de Pixinguinha: “Meu coração, não sei porque, bate feliz quando te vê”.

Tal como no sapo, os veementes desejos e as atrações se manifestam no bater do papo (expressos de vigoroso modo sonoro por seu saco vocal, o papo): “meu coração começa a batê como o sapo bate o papo”. Depois passou a significar também falar mal, para, finalmente, consolidar-se somente como falar em conversa informal e despreziosa.

## 6. (passar) Batido

A expressão pode talvez ter ligações com outras, que também se referem à pressa (e à desatenção da pressa): “galope batido”, “caminho batido” e “rédea abatida”.

“A galope batido” é a toda velocidade. Já em 1895, lemos em “Cidade do Rio” (28-5-1895): “Depois de marchar duas semanas, dia e noite, a galope batido, deixando cavallos extenuados pelo caminho, correndo sempre, n’uma vertigem (...)”.

O “caminho batido” (ou simplesmente “batido” corresponde a sem originalidade, banal – uma ideia batida, uma música batida) é o caminho usual, que todos trilham, que não oferece novidades. “Saindo do caminho batido dos professores rotineiros, o Sr. Dr. Joaquim Abilio tem o talento de ser novo e cheio de interesse (...)”, diz “O Paiz”, de 19-5-1892. E no *Novo dicionario critico e etymologico da lingua portugueza* de Francisco Solano Constancio, de 1836, consta: “rota batida – direto ao porto de destino, sem fazer escala ou se desviar do caminho”. Em inglês é muito frequente a expressão “(/off) the beaten path”, e, afinal, é pelo caminho batido, velho conhecido, que se pode correr – como diz a canção “Silhouete” de Avicii, “sem parar, temos diante de nós o caminho batido”: “Non stop, we have the beaten path before us”.

A expressão “a rédea abatida” (ou rédea batida), segue a francesa *a bride abattue*: muito rapidamente, a toda velocidade. Em 1862, No “D. Jaime ou a dominação de Castela”, de Tomás Ribeiro, lemos:

os dois irmãos Aragões  
cavalgam sobre os arçõs,  
e caminho de Castella,  
picam de rédea abatida.

E em 1908, em “Os quatro reis impostores”, de Marcelino Mesquita: “Ao sabêl-os a caminho do seu convento da Graça, fr. Miguel dos Santos, ainda a cavallo, coberto com o pó da batalha, correu lá, em rédea abatida”.

Essas proximidades semânticas (“galope batido”, “caminho batido” e “rédea abatida”) podem ter relação com o nosso atual “passar batido”: passar sem se deter, sem considerar, ignorar...

## 7. Bico doce (ser ou fazer)

Bico-doce, segundo o Aurélio, tem dois significados: “arte de convencer; astúcia, manha” e “conquistador, galanteador”.

Já fazer “bico doce”, fazer-se de rogado, fazer-se de difícil, passou a admitir a sugestiva forma sinônima: “fazer c\* doce”; já “fazer biquinho” ou “fazer beicinho” é

expressar contrariedade. Ou talvez tenha sido o contrário: “fazer c\* doce” é que, por tabuísmo, teria originado “fazer bico doce”, no mesmo processo de “Caracas!”, “Pombas!” etc.

Na BN temos de esperar “O Pasquim” para ver grafado com todas as letras a forma chula da expressão. “Fazer bico doce”, por sua vez, tem sua primeira aparição na BN em 1939, no “Diário Carioca” (7-4-1939), noticiando as múltiplas “enrolações” do jogador Waldemar, o “bailarino da cancha”, para renovar o contrato com o Flamengo.

## 8. Bicha

Bicha teve que esperar muito tempo até passar a designar insulto para homossexuais. Talvez essa associação esteja ligada ao uso de bicha como sinônimo de lombriga (dic. Aurélio), por exemplo no jornal “A Tarde” (PR), que escreve “a bicha ou lombriga” (31-3-1952; 8-4-1952) ou no “A Nação” (RJ, 9-7-1933) etc. O dicionário Aurélio também põe “bicha” como sinônimo de “lombriga”. A datação positiva do insulto é difícil, mas há algumas indicações indiretas importantes.

A primeira referência que encontrei na imprensa foi na “Última Hora” de 6-11-1959. Um criminoso especializado em assaltar e “depenar homossexuais”, conta ao repórter (disfarçado?) que estava precisando de dinheiro e que iria morder “algum invertido rico”, “junto aos pederastas”. Ao fisgar um homossexual americano, confia ao repórter que vai dar o bote:

“Vai ver como se trabalha uma ‘bicha’ sem-vergonha”.

A revista “O Cruzeiro” até 1952 usa a palavra “bicha” como fila (sentido até então corrente no Brasil e que persiste ainda hoje em Portugal), com a qual vai alternando, como no emblemático trocadilho “dicionarístico” de Péricles, na edição de 19-1-1952:

“FILAMENGO – uma bicha de torcedores do rubronegro”.

Só em 2-8-1966, por ocasião da Copa do Mundo, “O Cruzeiro” usa “bicha” para designar homossexual. Os jogadores brasileiros acabam de chegar a Londres. Em meio ao furor de flashes, pedidos de autógrafos etc., Pelé “viu uma bicha enorme, lourão e com a maior cabeleira do mundo sentar-se ao lado do Garrincha e abraçar o Mané”. Pelé com Paulo Amaral afastam a figura e Garrincha agradece:

“Obrigado, Negão. Além de bicharoca, o cara era forte às pampas. Já pensou se a Elza me vê com um desses ao lado? Ia ficar chato...”.

## 9. Botar a boca no trombone (/no mundo)

Expressão que significa revelar coisas ocultas, romper o silêncio denunciando, reclamar ruidosamente. Ao que tudo indica, é de meados da década de 50. Em 1958, o “Diário da Noite” (RJ, 14-11-1958) sente-se na obrigação de explicar seu significado

para os leitores. Noticiando o caso de um traficante preso, este ameaça revelar os “podres” da própria polícia:

“- Boto a boca no trombone (expressão que significa contar tudo) se me entregarem à polícia de São Paulo”.

Em 1956 dá-se a primeira aparição da expressão, na revista “Radiolândia” (RJ, 7-4-1956) que, em sua seção “Frasas quase históricas”, recolhe a sentença do jornalista Aldem Vieira: “O jeito é ir em frente ou então botar a bôca no trombone”. A frase (e sua paternidade) deve ter sido marcante, pois dois anos depois, na mesma seção (25-1-1958), é reafirmada: “Continuamos dizendo que o jeito é botar a bôca no trombone (Aldem Vieira)”.

A expressão é a equivalente mais expressiva da forma – muito mais antiga – “botar a boca no mundo”, ou em sua formulação originária: “deitar a bocca no mundo”. Aparece, por primeira vez, em inflamado discurso político no “Jornal do Commercio” (RJ, 17-12-1887):

“Sem flôres de rhetorica: vou arregaçar as mangas, por as mãos nas ilhargas, deitar a bocca no mundo e arrada-los.”.

## 10. Brotinho

Na prática, hoje é usado predominantemente para designar a pizza de porção individual; depois, nos poucos casos em que se requer, como rebento (órgão vegetal novo) e, hoje em desuso (exceto em alguns eventos em cidades do interior), como pessoa jovem, especialmente as mocinhas. Neste último sentido, usado muito frequentemente na década de 60 (“broto” está nas primeiras canções de Roberto Carlos e da “Jovem Guarda”), a primeira aparição na BN parece ser a de “O Rio Negrense” (PR, 2-6-1940):

Conheço um rapazinho  
Gordo, alto e moreninho,  
Tem ele um bigodinho,  
Que atrai muitos brotinhos  
(...) O tal do moreninho (...)  
Arranjou o seu brotinho

# C

## 11. Cabeça de bagre

A expressão “cabeça de bagre” remete originalmente a um aspecto, anterior e causa da burrice (a cabeça oca), recolhido em um provérbio que significava: “daí não sai nada”, “não há nada que esperar dessa situação”.

“Cabeça de bagre não tem (o) que chupar” (“O Carapuzeiro”, 4-6-1842)

Ou na fórmula mais completa e mais usual, também frequente em canções e danças populares:

Cara de velha não tem [o] que olhar [espiar / beijar]  
Cabeça de bagre não tem [o] que chupar  
 (“O Cabrião”, 1866; “Correio Paulistano”, 1-10-1869; “Jornal da Tarde”, 20-10-1871; “Diário de Notícias”, 7-1-1886; “A Luz”, 1872 etc.)

Pela “lei do mínimo esforço”, o provérbio se reduziu à fórmula alusiva “cabeça de bagre”. Claro que a expressão depreciativa acabaria aplicada ao futebol, chegando até os dias de hoje. Já em 1940, a revista “Educação Physica” apresenta um glossário, “Vocabulário Esportivo”, e diz no verbete “Cabeça de bagre – clube sem importância. Jogador destituído de valor”. E em 16-8-1945, no “Sport Ilustrado”, encontramos em uma imaginada “conversa de torcedores” o adepto do modesto Canto do Rio (de Niterói, em metáfora: a “Barca da Cantareira”) fica se gabando do empate que arrancou jogando contra o imponente Vasco da época (o Expresso da Vitória):

Canto do Rio: O que adianta é jogar futebol! E o Canto do Rio deu uma lição no Vasco. Com um time de cabeça de bagre abalrou o Expresso da Vitória.

## 12. Café da manhã

Quando surgiu e se impôs a brasileiríssima forma “café da manhã” para o desjejum, *desayuno*, *petit-déjeuner* ou *breakfast*?

Antes dessa expressão, usávamos a fórmula portuguesa “pequeno almoço”, que nos servia também para indicar um lanchinho.

Assim, em “O Museo” (Museo Universal: jornal das famílias brasileiras No. 21, 25-11-1837) lemos: “Na seguinte manhã, depois de hum pequeno almoço, comido á pressa, foi preciso preparar-se para a partida”.

Também “O Universal” de Ouro Preto, em 25-6-1841, fala em “pequeno almoço” e, em 12-10-1850, o “Diário do Rio de Janeiro” noticia: “11 de Outubro - Na vizita que Sua Magestade o Imperador fez hontem à fortaleza da Praia Vermelha, o mesmo augusto Sr. dignou-se de aceitar um pequeno almoço que lhe ofereceo o commandante da fortaleza, o sr. brigadeiro Leite”.

No meio do século XIX já se começa também a falar em café da manhã. Em 5 de setembro de 1845, no “Jornal do Commercio”, a “Casa de Pasto” anuncia que no dia 7 (feriado) “continuará nesta casa a haver café de manhãs e de tarde”.

Em anúncio de 1860 (Correio Mercantil, 12-4-1960), o Collegio Garony anuncia que oferece aos alunos “quatro comidas por dia, além do café de manhã”.

No Correio Paulistano de 6-11-1862, oferece-se “comida barata (...) e também bom café de manhã e de tarde, tudo com muito aceio”

As duas formas convivem a partir da segunda metade do século XIX, mais ou menos como equivalentes, mas um anúncio da Pensão Derby, do Recife de 1901 (A Provincia, 12-12-1901) faz uma interessante distinção: por “dormida, banho frio e

pequeno almoço” cobra mil réis a mais do que por “dormida, banho frio e café simples”...

Ainda ao longo da primeira metade do século XX, encontramos com relativa frequência, por exemplo, em anúncios no “Jornal do Brasil”, a expressão “pequeno almoço” (pensão que oferece p.a., empregada que faz p.a., etc.) mas na língua falada prevaleceu absoluto o “café da manhã”, mesmo na forma reduzida “café”: “- Zezinho, acorda: o café [da manhã] está na mesa”.

### 13. Cara de pau

Se hoje a expressão “cara de pau” se aplica ao insolente, atrevido e petulante, em seus primeiros usos podia designar também a cara inexpressiva, insípida, próxima ao que chamamos hoje “cara de alface” ou “cara de paisagem”. Assim, em uma das primeiríssimas aparições da expressão na BN, noticia-se que, ante procedimentos irregulares em uma eleição em Alagoas, dois suplentes protestaram e...:

... por ultimo cruzaram os braços e se retiraram com cara de páo.  
 (“Sentinella da Monarchia”, 3-3-1847)

Ou como se lê no “Diario do Rio de Janeiro” (23-9-1972):

Eu se me mettesse a dar conselhos sem m’os pedirem, o que é perigoso pela cara de páo com que se fica no caso de recusa...

Claro que há uma ligação entre os dois sentidos: nosso “cara de pau” faz ou diz insólitas enormidades sem se imutar: como um boneco de madeira, sua cara permanece inalterável. Em 1879, vemos “cara de pau” em sentido plenamente atual: não como um atributo, mas aplicado ao próprio sujeito, que é um (ou o) “cara de pau”. Está em “O Mequetrefe” (RJ, 30-9-1879), que se refere a um tal Ferrari, empresário de teatro, que enganou seus assinantes:

O Ferrari levou uma grande vaia no Lyrico.

A razão foi porque a companhia levou trez vezes o *Ermani* em recita de assignatura, tendo o empresario promettido o Guarany e outras operas modernas.

O Ferrari voltou levou a pateada [protesto do público batendo os pés] e rio-se, o cara de pau.

### 14. Coroa

Datação: “Coroa”, no sentido de pessoa de meia idade, já caminhando para a velhice, é dada como “a última expressão da gíria carioca” em 1951 pela revista “O Cruzeiro” (RJ, 13-1-51).

### 15. (ter as) Costas quentes

Esta é antiquíssima. Já em 1814, “O Portuguez” (30-4-1814) afronta o governador:

(...) com incrível prejuízo do Ceará, mas o nosso governador Sampaio se lhe dá pouco, ou nada disso; porque tem (como lá disem) as costas quentes em o seu padrinho L... .

Já em 1817, o “Correio Brasiliense” (Londres, vol. XIX, 1817) diz:

O manhoso Secretário José Acursio das Neves, apoiado pelo Principal Souza, a quem deo as necessarias encensadellas na Historia da Invasão de Portugal, e o atilado Conservador, que tem as costas quentes com outro Governador seu tio, tudo annihilam, tudo demóram (etc.).

Note-se que nestes casos o uso é “ter as costas quentes com (ou em) Fulano”, mas, a partir da década seguinte, é simplesmente “ter as costas quentes” ou ter as costas quentes “por Fulano”:

aquelles que tendo as costas quentes pelo Chefe das ladroeiras, não poderão com tudo dar cabo da liberdade. (“Astro de Minas”, 25-10-1831)

## 16. Craque

Até o final da década de 20, “crack” era palavra do turfe, designando o cavalo de excelente desempenho (além dos “cracks” financeiros, como o da Bolsa de Nova York...). Em 1931, em seu No. 9, “Jornal dos Sports” – importante referência no caso – começa a aplicar esse termo também a grandes futebolistas, como o atacante Nilo do Botafogo (26-3-1931). E, a partir de 10-7-1941, na forma aportuguesada: craque.

Já o “Correio de S. Paulo”, usa “craque” para referir-se ao jogador Del Popolo da Portuguesa Santista (30-1-1933) e, antes (22-11-1932), a Ham, exímio atleta de salto.

Claro que, rapidamente, se instala o uso para “crack” nos mais variados ramos: *crack* em Matemática, em dançar *rhumba*, em medicina etc.

Vargas Netto, cronista esportivo sempre atento aos fenômenos da linguagem, no artigo “‘Sangue’ e ‘Raça’” (“O Cruzeiro”, RJ, 2-10-1954), explica a razão de algumas gírias esportivas:

Fazem alguns cronistas esportivos e a torcida de futebol uma certa mistura entre os atletas profissionais e os cavalos de corrida. Foram buscar na gíria dos hipódromos os adjetivos para o elogio de seus ídolos. Um grande atleta é um “crack”! Quando é lutador, quando se lança com ardor nas partidas dizem que tem “sangue”! Se não tem medo, se faz um ponto pela sua energia e combatividade, dizem que marcou um tento na “raça”.

Conclui a crônica, com o oportuníssimo comentário de que “ter raça” – o jogador “ter muita raça” – nada tem que ver com raça (naquela época havia ainda muito racismo no futebol...; lembre-se, por exemplo, a estigmatização de Barbosa – e Juvenal e Bigode – pelo *Maracanazo* de 1950):

Para isso [brío, combatividade, “raça”] não há privilégio de cor ou de raça. Pode ser preto, branco, amarelo ou vermelho, pode ser mistura de raças, como é tão comum no Brasil, e ser de uma ou outra categoria [raçudos ou poltrões].

## 17. Curtir, curtição

Uma de nossas mais maravilhosas metáforas é: curtir, curtição, hoje confundida com o mero gostar (especialização consagrada a partir *like*, tão frequente na Internet). Para além de gostar, curtir envolve processo longo, lento (*lentus* entendido como brando), demorado e *de-vagar*: o processo de curtição lentamente amacia o couro e o preserva da decomposição.

Assim, não é de estranhar que seja a metáfora perfeita para o eminente prazer da contemplação: artística, religiosa, amorosa etc. O tempo parece que não passa para os pais que “babam”, paralisados, contemplando seu bebê. E o mesmo para quem se extasia diante de um quadro maravilhoso ou entrevê a presença do divino. Curtir é *enjoy*, etimologicamente *in-joy*, imersão na alegria; e em inglês contemplar é *behold*, estar suspenso, subtraído ao fluir do tempo.

Pois, a contemplação – que, afinal, traduz o grego *theorein*, *theoría*, significando visão, simples visão – é um ver com olhar de amor, um ver que se entrega concentradamente ao objeto, como diz o filósofo Von Hildebrand: “na ausência de tensão de futuro”. Tal como o faz Caetano, no verso da antiga canção “Força Estranha”, que diz que esse encantamento suspende o correr das horas: “O tempo parou para eu olhar...”. Um olhar contemplativo que se volta para o simples, o quotidiano: “o menino correndo”, “a mulher preparando outra pessoa...” Assim, a canção resgata um importante aspecto clássico dessa estranha força: o de que a contemplação não se exerce sobre o inusitado, o estapafúrdio, mas sobre a realidade que está aí diante dos olhos todos os dias.

Ou, como diz Adélia Prado: a contemplação se dá sobre o feijão, a água: “Admirar-se de um bezerro de duas cabeças, qualquer débil mental se admira, mas admirar-se do que é natural, só quem está cheio do Espírito Santo.” (Prado 2008. <http://nossabrazilidade.com.br/adelia-prado-aula-magna-o-poder-humanizador-da-poesia/> Acesso em 10-04-2020).

Já no começo do Grande Sertão: Veredas, Riobaldo compara o agir de Deus à curtição, ao contrário do diabo, ruidoso e abrupto:

É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra, montão. E outra coisa: o diabo, é às brutas; mas Deus é traiçoeiro – dá gosto ! A força dele, quando quer – moço! – me dá o medo pavor! Deus vem vindo: ninguém não vê. Ele faz é na lei do mansinho – assim é o milagre. E Deus ataca bonito, se divertindo, se economiza. A pois: um dia, num curtume, a faquinha minha que eu tinha caiu dentro dum tanque, só caldo de casca de curtir, barbatimão, angico, lá sei. – “Amanhã eu tiro...” – falei comigo. Porque era de noite, luz nenhuma eu não disputava. Ah, então, saiba: no outro dia, cedo, a faca, o ferro dela, estava sendo roído, quase por metade, por aquela aguinha escura, toda quieta. Deixei, para mais ver. Estala, espoleta! Sabe o que foi? Pois, nessa mesma da tarde, aí: da faquinha só achava o cabo... O cabo – por não ser de frio metal, mas de chifre de galheiro. Aí está: Deus... Bem, o senhor ouviu, o que ouviu sabe, o que sabe me entende... (Guimarães Rosa, 1976, 20-21)

A suspensão do tempo no ato contemplativo é objeto também de antigas lendas, como “O Monge e o passarinho”, das *Cantigas de Santa Maria*, de Alfonso X, o Sábio, no século XIII. O monge rogou a Nossa Senhora que lhe mostrasse como é o Paraíso. Ao final da oração, em um jardim, apareceu um passarinho e o monge ficou extasiado, ouvindo seu mavioso canto. Quando voltou ao mosteiro, não reconheceu o edifício nem os confrades: sem que ele se desse conta, haviam passado “*grandes trezentos anos, ou mays cuidando que non estevera senon pouco*”.

### Uma maravilha da língua Tupi

Essas considerações ligam-se a uma – tão importante quanto injustamente esquecida – tese de Tomás de Aquino: Deus cria brincando, o brincar de Deus, como fundamento da necessária realidade do lúdico na vida humana. Procurei desenvolver esse tema no artigo “O Lúdico no pensamento de Tomás de Aquino...” ([www.hottopos.com/notand7/jeanludus.htm](http://www.hottopos.com/notand7/jeanludus.htm)) e em recente vídeo aula (<https://www.youtube.com/watch?v=7-i1T1fJsUU>). Acesso em 16-04-2020).

Tomás afirma a estreita relação do brincar com a contemplação<sup>4</sup>, “*sapientiae contemplatio convenienter ludo comparatur*”: em ambas se dá um deleite que tem um fim em si mesmo. E foi com surpresa e emoção que, estudando a língua tupi, deparei-me com a maravilhosa etimologia da palavra tupi para brincar, *nhemosaraî*: esquecer-se de si! Subtrair-se ao tempo! (Navarro 2013, verbete)

Cabe aqui uma notável observação de C. S. Lewis (1991). Em *The four loves*, ele distingue “prazer de necessidade” de “prazer de apreciação”. O primeiro (*need pleasure*) requer uma preparação: só é prazer porque antes ocorreu algo, uma etapa preliminar que o estabelece como necessidade. Por exemplo, beber água depois de horas ao sol: saciar a necessidade converte-se em um prazer. E quanto mais sedenta estiver uma pessoa, mais sentirá prazer ao beber. Os prazeres de necessidade morrem em nós bruscamente: depois de ter bebido, a garrafa já não desperta o menor interesse; o cheiro do churrasco, irresistível para quem está com fome, já não é nada depois de o ter comido. E Lewis conclui com seu humor britânico, aludindo ao alívio fisiológico: “E me perdoem por referir-me ao mais extremo dos casos, não houve momentos para a maioria de nós (numa cidade estranha) quando a palavra ‘Homens’ sobre uma porta despertou uma alegria praticamente digna de ser celebrada em versos?” (Chapt. 2 Likings...)

Bem diferentes são os prazeres de apreciação. O *pleasure of appreciation* é um tipo de prazer que nos faz apreciar algo sem preparação, mas simplesmente pelos atributos admiráveis do objeto. O amor apreciativo leva a admirar a beleza das coisas de uma forma desinteressada (ou desinteresseira...). Alguém que contempla uma bela paisagem ou é surpreendido por um encantador aroma de flores, não apresenta qualquer traço de amor interesseiro; da mesma forma, o conhecedor de vinhos aprecia o vinho de tal forma que se pode dizer que sente por ele um amor apreciativo. Ele consideraria um verdadeiro pecado que o finíssimo vinho fosse profanado por um paladar despreparado, que não o saberia valorizar. Independentemente de desfrutar desse prazer, ele quer preservar seu valor e não quer desperdiçá-lo: mesmo em seu

---

<sup>4</sup> Ubi considerandum est, quod sapientiae contemplatio convenienter ludo comparatur, propter duo quae est in ludo invenire. primo quidem, quia ludus delectabilis est, et contemplatio sapientiae maximam delectationem habet: unde Eccli. 36 xxiv, dicitur ex ore sapientiae: "Spiritus meus super mel dulcis". Secundo, quia operationes ludi non ordinantur ad aliud, sed propter se quaeruntur. Et hoc idem competit in delectationibus sapientiae. (In Boet. de Hebd. Lc-).

leito de morte, espera que seu sabor seja preservado para sempre, ainda que ele mesmo não possa mais apreciá-lo. Está ligado à contemplação, à *theoria* (*contemplatio* é a tradução latina de *theoria*).

De modo genial, Lewis liga a distinção entre os prazeres - os de necessidade e os de apreciação - a fatos da linguagem: nestes, a tendência é a de nos referirmos ao objeto e no presente (no atemporal da *theoria*) “Olha, que cheirinho bom é este”, “Como é maravilhoso este vinho” ; naqueles, enfatizamos o sujeito e falamos no passado “Ufa! eu precisava disto”, diz o sedento, passando a mão na boca após beber.

Mais uma sugestiva observação de linguagem, esta procedente de Pieper (1979, 13). Nesse seu notável panegírico do ócio, comentando a sentença aristotélica “Estamos não ociosos para ter ócio”, Pieper faz notar que tanto em latim como em grego o fundamental, o positivo é a *skholé*, o ócio, e que essas línguas só dispõem de formas negativas para a ocupação, o não ócio, o negócio, *neg-otium*.

Ao fazer esta pesquisa tive duas grandes surpresas: a de que a metáfora do curtir é muito antiga e a de que originalmente voltava-se para o negativo (“o criminoso vai curtir 20 anos de cadeia” ou “vai curtir seu deserto, vai!” da canção *Regra Três*, de Vinicius - 1972) – e só recentemente passou a expressar prazeres, aplicação que me parece muito mais apropriada.

Assim, no AE, encontramos em 27/06/1877: “constrange-o a curtir acerbos vergonhas”. E em 28/09/1882: “Os pobres homens que ousaram levantar a ‘grimpada republicana’ em semelhante terra hão de curtir amarguras”. E por aí vai: “curtir dores”, “curtir as penas divinas”, “curtir varios annos de prisão” etc. Em 20/09/1970, em página inteira do “Suplemento Feminino”, dedicada a explicar para os pais as novas gírias dos adolescentes aparece a nova orientação do curtir. “Curtir: Viver uma situação é curti-la. Curtir um barato é sentir os efeitos de alguma coisa (droga, uma música moderna, qualquer **boa** experiência sensorial)”.

Na década de 70, “curtir” já é usado quase cem por cento como positivo, com uma ou outra exceção, como “curtir sua ressaca na prisão” (AE, 13/04/73) ou na expressão muito usada na época, para dissabores de amor (ou outros) “curtir uma fossa” .

Passados 50 anos e com a pressão das milhões de postagens diárias no Facebook, essa tendência ao positivo, felizmente, parece ter se absolutizado. Infelizmente, porém, sujeita ao empobrecimento de mero equivalente de gostar, sem preservar a riqueza original, que apontava para um processo longo de saborear o encanto do real.

## D

### 18. (estar cheio de) Dedos

Paulo Rónai, em artigo no qual comenta frases feitas com base no corpo, diz:

Não menos sugestiva é a expressão *estar cheio de dedos*, que quer dizer se achar em grande confusão, sem saber o que fazer com as mãos. (Revista Américas dez. 1966)

Embora observador agudo e genial, Rónai neste caso não esclarece o sentido da expressão, aliás bastante antiga: já aparece com frequência na imprensa no início do século passado. “O Século”, de 27-4-1908, fala da tímida intervenção de um comissário de polícia, que, “cheio de dedos”, demora e hesita em investigar a fundo um misterioso crime ocorrido alguns dias antes.

Ou quando a “Gazeta de Notícias”, de 23-7-1912, noticia o constrangimento do presidente da mesa ante o pedido de um senador que requer nada menos do que a eliminação de todas as emendas a certo projeto. O presidente “ficou cheio de dedos para resolver o caso. Ageitou o pince-nez. Puxou a cadeira um pouco mais para a frente. Por fim perguntou: ‘O que foi mesmo que o nobre senador pediu?’”.

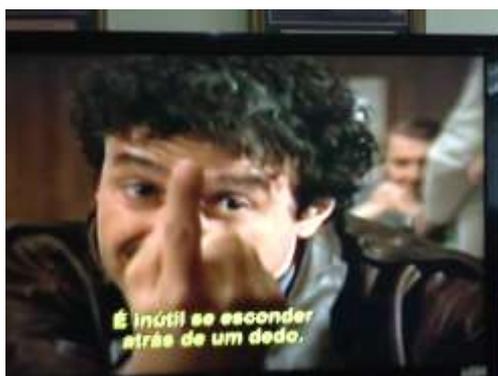
E é que – é a nossa conjectura – os temores levam a ficar “cheio de dedos”, que pretendem proteger ou esconder o rosto diante do perigo.

Assim, na cena da morte de Don Vito Corleone, em “O poderoso chefão”, quando o avô assusta o netinho, ameaçando-o com a careta da laranja na boca, o menino instintivamente fica “cheio de dedos”, para tentar se defender.



O italiano tem a expressão idiomática “*nascondersi dietro un dito*”, esconder-se atrás de **um** dedo: “desculpas inexistentes, sem consistência, frágeis, insuficientes, como um dedo atrás do qual alguém pretenderia se esconder...”, explica Fausto Raso no “Corriere della Sera”, de 18-12-2008<sup>5</sup>.

Assim, a situação é para estar cheio de dedos, porque um só não basta, tal como se vê (literalmente) na cena do filme “O Jantar” de Ettore Scola, na qual o personagem adverte um marido sobre sua manifesta situação familiar constrangedora:



<sup>5</sup>. [http://forum.corriere.it/scioglilingua/18-12-2008/nascondersi\\_dietro\\_un\\_dito-1171879.html?refresh\\_cp](http://forum.corriere.it/scioglilingua/18-12-2008/nascondersi_dietro_un_dito-1171879.html?refresh_cp) Acesso em 16-4-20.

## 19. Demais (no lugar de simplesmente “muito”)

Nossa gíria “menos!” procura atenuar excessos de destempero verbal, por vezes praticado pelo brasileiro em elogios ou augúrios: “– Nosso centroavante aqui (do modesto time do interior) tem tudo para estar no Barcelona ou no Manchester”, o que obriga o consternado elogiado a dizer “– Presidente, menos!”; “– A firma ainda está operando só no bairro, mas em breve conquistará o mercado americano” etc.

A tendência brasileira à ênfase e ao intenso (exceção feita a atenuantes de eufemismo: “houve um probleminha, um acidentezinho, um pouco chato... perda total”) leva-nos a exageros verbais, como ao uso abusivo de advérbios como “extremamente” e “demais” (sem falar nos “literalmente”, que não são nada literais: “- Fulano me ajuda muito: é literalmente meu braço direito”), no sentido simplesmente de “muito” (um grau a menos). Quando, em 2010, o fadista José da Câmara quis homenagear Roberto Carlos, gravando uma dúzia de canções suas no CD “Emoções”, ele expressou a imensa dificuldade de manter as letras no original “brasileiro”. E declarou em entrevista à RTP: “há ali [no português do Brasil] frases que ficam cá ridículas...”. Provavelmente causará estranheza a um português o verso de Emoções “essa fé que me faz otimista demais”, o que, numa primeira impressão, o levará a pensar em alguém **demasiadamente** otimista, que, por exemplo, perde fortunas em temerárias apostas e que necesssita buscar tratamento para retornar ao bom senso e ao realismo... E o mesmo em outras línguas: dizer à pessoa amada “você é demais” soa, em inglês (“you are too much”), você é insuportável. Exceto na Itália (os italianos, tão propensos ao superlativo...), onde, como nós, se pode dizer “*sei troppo simpatica*”, para expressar simplesmente que a pessoa é muito simpática.

Talvez o uso tenha surgido da abreviação da locução do mineirês: “...demais da conta”. Dessa expressão, encontramos um registro escrito já em 1943 (4-5-43), no Correio de Uberlândia, no qual alguém se refere a um prefeito dizendo que ele “é bom demais da conta”.

Poucos meses depois, aparece em O Cruzeiro (2-10-43) uma caricatura de Hitler, com o comentário: “Um tribunal popular para julgar Hitler (...) seria ‘legal’ de mais”. As aspas são para indicar que se trata do sentido da, então nova, gíria: “legal” (bacana, adequado).

## 20. (dar a) Dica

Dar indicação ou informação boa ou útil (Houaiss e Aurélio). A expressão já aparece em 1920 em “O Jornal”- (RJ, 15-3-1920), em entrevista a um ferroviário em greve que, após criticar a empresa e o governo, responde ao jornalista que arditosamente pergunta qual é o seu nome:

- Que interesse tem o senhor de dar a “dica” de meu nome? Quer pôr-me na rua? Eu me chamo foguista da Leopoldina, um homem desgraçado. Não preciso mais, e passe muito bem

E no já citado “O Radical” (RJ, 6-2-1935):

Interrogado pelo Inspetor Péricles, o preso (...) bem “baratinado” deu toda a “dica”. [ver verbete “dica”]

## 21. Dor de cotovelo

A expressão é muito antiga. “A Constituição” (PA, 28-12-1876) dá a notícia de uma senhora que foi ao dentista e, enquanto aguardava, da janela viu o marido de braços dados com outra. Saiu, aplicou-lhe uns bofetões e, após espancá-lo, declarou:

que lhe havia passado a dor de dentes e que só a affligia n’aquelle momento a dôr de cotovello.

No século XIX, ao lado da “dor de cotovelo”, emprega-se muito também “dor de canelas” para os dissabores do amor, do ciúme e da traição. O “Commercio de Campos” (20-12-1877) chegou a publicar em sua primeira página, um “Folhetim” intitulado “Dôr de canellas”, analisando vários casos e sintomas, como os faniquitos ...

D. Rosaleta (...) tem uma paixão cega pelo marido e se elle não está em casa ás ave-Marias [às 18:00h], quando chega dá-lhe um ataque de nervos, que os galenos [médicos] qualificam de *Fanequitos*, por erro, porque não é mais do que uma fortissima – dor de canellas!

E a quem perguntar por que se diz “dor de canelas”, podemos pedir-lhe que nos explique o porquê de “dor de cotovelos”.

# E

## 22. Encrenca



“O Malho” de 9 de outubro de 1910 - “Vista-se à paizana e vá para o Largo de São Francisco! Quando rebentar a encrenca é preciso dançar de velho [aplicar violência]”

“Encrenca” começa a aparecer – de início, de modo tímido; depois muito rapidamente – na primeira década do século XX. Em 1908 a “Gazeta de Notícias” (20-10-08) fala de um desembargador que “quando há qualquer encrenca, como se diz na gíria, abandona a zona”.

Em 10-2-1912, “Careta” dá “encrenca” como sinônimo de “salceiro” (usado ainda hoje, grafado “salseiro”): “Se em casa de um dos vizinhos há uma encrenca, um salceiro (...)”.

No ano seguinte, nas investigações que se seguiram à violenta repressão aos estudantes, conhecida como “Primavera de sangue”, a expressão veio à tona e a imprensa noticiou amplamente a ordem dada aos soldados sobre a “encrenca”.

### 23. Engolir Sapo

A expressão é *per se* evidente, mas parece ter entrado em uso no Brasil, por influência francesa (“*avaler des crapauds*”), frequente, por exemplo em Balzac. De acordo com o *Le Robert*: “é uma variante expressiva de *avaler des coulevres*”, que retoma no francês do século XIX a expressão inglesa “*toad eater*” (o Oxford English Dictionary já a abona com citações de 1629, 1704 etc.), que designava o acompanhante do charlatão, curandeiro itinerante, como servente que ingeria o “veneno” do sapo, para que seu senhor pudesse mostrar sua capacidade de curar. Do sentido original, passou a designar a obrigação de tolerar situações desagradáveis.

As primeiras aparições na BN fazem alusão à política e algumas explicitam a origem francesa da expressão. No que parece ser o primeiro registro em nossos jornais, “O Pará” (18-11-1898) traz a fórmula que se repetirá:

“Quem n’ella [na política] se mette, deve costumar-se a engolir um sapo todas as manhãs”.

O “Jornal do Commercio” (RJ, 16-03-1900) recolhe um trecho de discurso político no qual se diz: “Convém que tenhas na memória o dito de Thiers: um homem, quando está no poder, deve saber engolir um sapo todas as manhãs”. E em outro discurso, reproduzido em “O Paiz” (RJ, 12-12-1906): “Quem se envolve em politica, disse um grande jornalista francez, tem de preparar o estomago para engolir um sapo, todas as manhãs, ao ler os jornaes”. “O Seculo” (RJ, 29-7-1909) menciona as manobras do vice-presidente da Câmara “e a maioria é obrigada a engolir o sapo todos os dias”.

“O Paiz” (RJ, 26-9-1929) recolhe o comentário provocador de um político a seu adversário derrotado: “– Quer um copo d’agua para engolir o sapo?”.

Uma passagem curiosa diz respeito ao futebol, o “Correio da Manhã” (RJ, 18-8-1939) fala das más arbitragens e da dificuldade de escalar, por comum acordo entre os clubes, um juiz para um jogo, havendo a necessidade de se recorrer ao sorteio e, assim: “fazer um club aceitar um referee com a satisfação de quem engole um sapo...”.

### 24. Esculhambar

O primeiro registro (BN) é de 1889, quando o “Carbonário” (RJ, 14-10-89) após uma dura crítica a uma peça teatral, promete: “Voltaremos a esculhambar o papel de ‘Edmundo Dantés’, exhibido por Dias Braga”.

Pouco usado nas décadas seguintes, só volta com força a partir dos anos 70 do século XX, talvez por ter perdido o caráter de termo considerado um tanto chulo: o vetusto Estadão só usa esse termo em 1984, citando literalmente o deputado Juruna (26-10-84). E só em 1990 (27-10), o Estadão o emprega em artigo não assinado (em seu caçula e “irreverente” Caderno 2).

## 25. (Não) esquentar a cabeça

A expressão “esquentar a cabeça” (ter preocupações ou aborrecimentos) é antiquíssima e muito frequente. Já em 1828 aparece em “A Aurora Fluminense” (RJ, No, 12):

(...) sabia um homem tudo, o que ía pelo Mundo, sem esquentar a cabeça com Theorias revolucionarias (...)

Já dizer a alguém “- Não esquentar a cabeça” pode significar, além de mero “não se preocupe”, uma dura aceitação implícita de culpa do outro. A dona da casa passou o dia que antecede a vinda da faxineira, limpando a sujeira mais grossa e esmerando-se para deixar as coisas em ordem para facilitar o trabalho da profissional. Em um exagero de gentileza, quando, no dia seguinte, ela chega, diz-lhe: “- Oi, Olímpia, bom dia. Desculpe a bagunça e a sujeira...”. Ante essa afirmação, meramente de cortesia, a resposta cabível seria: “Imagina, que nada! Está tudo tão em ordem”, mas a Olímpia aproveita e desfere um coice: “- Não esquentar a cabeça!”. Com o que se diz que, de fato, vocês são sujos e desleixados, mas não têm com que se preocupar, porque eu não vou levar isso em conta e, afinal, é para limpar este chiqueiro que eu estou aqui... O troco vem na hora da despedida: “- Da. Stefânia, acabei e estou indo. Eu abri uma garrafa de suco e tomei um copo com umas fatias de presunto cru”. “- Fica fria, Olímpia!” (em vez do cordial “Que que é isso, a casa é sua...”).

O primeiro registro dessa fala vem em “O Cruzeiro” (RJ, 14-3-1964), na coluna “Ser Mulher”, na qual Carlos Estevão ironiza as “Amélias”:



# F

## 26. Fofoca

Fofoca”, como sinônimo de “mexerico” (como nos famosos “Mexericos da Candinha” da “Revista do Rádio”, celebrados em antiga canção de Roberto Carlos), é de meados da década de 1950. Como de hábito, marchinhas de Carnaval promovem a nova palavra.

A “Última Hora” de 12-10-56 noticia: “(O compositor Gugu) tem uma nova bomba para o próximo reinado de Momo. A marchinha “Fofoca” com música também de Vicente Paiva [autor de ‘Sassaricando’, ‘Mamãe eu quero’ etc.]”.

“Fofoca” (a mesma?) foi uma das campeãs do carnaval de 1958, gravada por Cezar de Alencar.

O “Diário da Tarde” (24-5-58) de Curitiba tem que explicar aos leitores o significado da nova palavra:

“Fofoca” é mais ou menos uma coisa assim: “- Você sabe da última? O Fortunato comprou carro novo. Levou também a Rutinha, aquela da lambreta azul. Engraçado! O danado do carro do Fortunato só dá de enguiçar em zona deserta. Já tem até lugar certo de ficar “manco”.

Isto é a “fofoca”. Uma palavra que vai acabar certamente na Academia de Letras. Desbancou o “disse-me-disse”, o “ouvi-dizer”, etc. É o velho mexerico em “maillot” de duas peças. Está mais em evidência do que batom em boca de vedette.

Coitadas das palavras! Como os políticos e as notas promissórias têm os seus altos e baixos. Hoje valem muito, amanhã não valem nada. Vejam o triste caso de “mexerico”... [após décadas de glória, desbancado por fofoca]. (versão ampliada de artigo de “O Cruzeiro”, 15-03-58)

## 27. Fresco, frescura. afrescalhado

Certas expressões só encontramos mesmo em O Rio-Nú, o debochado (e totalmente despudorado...) semanário carioca do fim do século XIX e começo do XX. É o caso de “fresco”, no sentido de efeminado, que começa a aparecer em 1910, geralmente explorando o duplo sentido que, com variações, se repete até hoje:

Uma senhora – Ó, Sr. Bernardo, o senhor mettido aqui no jardim?! Por que não vae para dentro.

O Bernardo – Prefiro estar aqui, minha senhora; gósto muito de fresco.

(...)

A senhora – [o senhor deve ser doente] meu marido disse-me que os homens que gostam de fresco são *doentes*... (10-12-1910)

Menos frequente, “frescura” também aparece em nosso sentido de “modos de maricas” (Houaiss): ante uma estátua grega de jovem amaneirado com pouca roupa, diz o personagem da charge: esta estátua só pode representar a “frescura” (1-10-1912).

Já “afrescalhado” aparece em O Rio-Nú em 1915 (3 vezes), para referir-se a homossexual.

## G

### 28. (Quebrar o/um) Galho

“Quebrar o galho” deriva de um particular sentido de “galho”. Curiosamente, foi entre os pracinhas da FEB que surgiram as ideias de “galho” como grande dificuldade e, conseqüentemente, a de “quebrar o galho”, como superação desse obstáculo (e, portanto, arranjar as coisas, dar um jeito, improvisar *Ersatz*). Diz uma crônica da guerra:

Também as situações ariscadas davam lugar a definições humorísticas. Quando uma patrulha acentuava a necessidade de uma ação persistente para quebrar a resistência do inimigo, essa ação denominava-se “quebrar o galho”. A história então era contada assim: “Mas os boches estavam duros na queda e aí nós começamos a quebrar o galho”. Às vezes o “galho não se quebrava”, mas também quando quebrasse era a conta: os boches podiam contar com mortos e feridos ou prisioneiros. (“A Noite”, RJ, 15-8-1945)

E a primeira aparição de “quebrar o galho” na BN vem de “Cartas da Itália”, que o cabo José Cesar Borba, na FEB, escreve para o “Correio da Manhã” (RJ, 3 de junho de 1945). Entre as agruras da campanha, a lembrança do frio passado em uma casa abandonada e em ruínas:

À noite forravam as mantas na sala. A casa tinha paredes, mas já estavam quase imprestáveis; contudo, dava para quebrar o galho e dormir mais a geito.

## H

### 29. (é da) Hora

É significativo do espírito da “língua brasileira” que “da hora”, o novo, signifique aquilo que é bom. Mas essa gíria (relativamente recente) traz outra

importante contribuição. Em outros estudos, tenho analisado a forte tendência do brasileiro para a indeterminação, em todos os aspectos da vida (cf. p. ex. <http://www.hottopos.com/notand14/lauand.pdf>). Essa busca da indeterminação afeta também nosso modo de lidar com o tempo, como expressa a nossa gíria acima. Para indicar que uma ação é maximamente imediata, o brasileiro diz o vago: “na hora” (pastéis fritos na hora; consertam-se sapatos na hora etc.); já em Portugal a faixa de indeterminação é bem mais estreita; é “ao minuto” (e nos EUA “*at the moment*”!). O caso extremo é o da Bahia, onde a (inútil) insistência do “estrangeiro” (paulista, por exemplo) em marcar hora, em perguntar por prazos, chega a ser quase ofensiva e é fulminada pelos indeterminadíssimos: “depois do almoço”, “um minutinho” etc.

“Da hora” foi consagrada pelo hit “Pelados em Santos”, clássico do rock cômico dos Mamonas Assassinas: “Mina, seus cabelo é da hora!”. A irreverência dos jovens suburbanos não perdoou sequer a versão que fizeram “for export”, “Desnudos em Cancún”, puro *nonsense* em espanhol: “Chica, tus cabellos es da hora...”!

# I

### 30. (apelar/partir para a) Ignorância

Da expressão, diz o Michaelis: “empregar violência física ou intimidação verbal para resolver uma dificuldade”. O significado original era simplesmente alegar (indevidamente) desconhecimento, como é usual quando são descobertos escândalos envolvendo assessores, aliados ou até parentes de políticos. Assim, em uma das mais antigas incidências na BN, o “Diário do Rio de Janeiro” (23-5-1865) menciona um caso em que o envolvido “não pôde apelar para a ignorancia na gestão de seus negocios”.

A partir da década de 1950, consolida-se o novo sentido da expressão. A “Gazeta de Notícias” (RJ, 15-1-1954) explica esse “novo” uso, comentando a propósito de um “team” de futebol: “Quando não se quer perder de maneira nenhuma, só resta uma alternativa: apelar para a ignorância, **ou seja**, apelar para a violência”.

Em 1955, Nelson Rodrigues escreve sobre um marido desconfiado:

“Abriu-se com outro amigo e declarou: ‘Vou apelar para a ignorância!’  
E, com efeito, a partir de então, tratou a mulher, em casa, a ponta-pés, físicos, ponta-pés materiais” (“Última Hora” RJ, 12-7-1955).

A partir do ano 2000, a expressão começa a cair em desuso e, em 2003, dá-se uma última ocorrência na BN.

# J

## 31. Jeitinho, jeitão

Tanto no sentido de “jeito gracioso” como no de “maneira hábil de conseguir algo ou consertar uma situação difícil” *geitinho* está presente desde o primeiro momento da imprensa nacional:

O amor proprio feminino, que jamais perdeu a cabeça, a obrigava a enxugar as lágrimas, a levantar a cabecinha, e a desenvolver da marcha, aquele geitinho suave, que sem dúvida obrigara o luxurioso velhaco a que abrisse sua rançosa carteira. (“Jornal do Commercio” RJ, 28-8-1829)

[...] no Maranhão ha cabeça de burro enterrada; e se lhe dara um geitinho, e o Sr. Manoel Maria ha-de ficar no poleiro executando seu Baxalato [poder de paxá] com a mesma filauca [amor desmedido de si próprio] que o tem feito. (“Farol Maranhense”, 2-1-1828)

Algumas considerações etimológicas a propósito de “jeito”. Do verbo latino *jacere* – *jacio, jacere, jeci, jactum* –, lançar, arremessar, derivaram-se diversas palavras, também em português. Assim, um *jato* de água é precisamente água lançada, *jacta*; como a sorte no famoso: “*Alea jacta est*” (A sorte está lançada): uma vez lançados os dados, já nada mais pode ser feito.

Evidentemente, *aleatório* – o que é incerto e imprevisível – assenta-se precisamente sobre *aleator*, o lançador no jogo de dados: não há nada mais incerto do que o resultado do lançamento dos dados.

Pelo menos é o que se pensava – trapaças à parte – até o surgimento de ases como Dominic LoRiggio, o homem que se tornou milionário derrotando os cassinos americanos no jogo de dados (*craps*) e, não por acaso, recebeu o apelido de *Dominator*. Numa memorável sessão em 2003 – após seis anos de treino em arremessar o par de dados a uma distância de mais de um metro e com a condição de batê-los na tabela – o *Dominator* ganhou 27 mil dólares no cassino, lançando os dados sem nenhum resultado desfavorável por 53 minutos e cantando alguns lances difíceis – como o par de cinco (chance de 1 contra 35) – antes do arremesso! Os dados não eram viciados, eram os do cassino. O segredo de LoRiggio está simplesmente no modo, na maneira, ou pleonasticamente, no *jeito* (*jactu*) com que o dado é *lançado*, o que faz com que o resultado não seja *aleatório*.

Alguém está forçando, digamos, um grampeador ou um eletrodoméstico que não funciona; vem o dono e diz que não é questão de força, mas de *jeito* e dá o tapinha certo, o *jeito* (*lançar a mão*) para que o aparelho realize prodígios.

Quando se passa para o âmbito das relações sociais, da obtenção de documentos junto ao INSS, do apaziguamento de tensões entre os funcionários etc., o jeito jeitosamente vira “jeitinho”, expediente geralmente mais eficaz nestes trópicos do que a exigência do cumprimento das leis, regulamentos, assistências técnicas etc.

Trata-se, portanto, de qualidade pessoal, que pode se identificar com o modo de agir (ou mesmo de ser) de cada pessoa: como ela se lança. E quando queremos enfatizar as aparências (reais ou enganosas), aí a palavra é *jeitão*, como na velha piada do freguês da peixaria:

– Moço, este peixe é fresco?

– Não, é o *jeitão* dele que é assim mesmo...

Naturalmente, quando este modo de ser é, digamos, meio delicado ou afetado, aí em vez de *jeitão* temos *jeitinho*, como no famoso “*jeitinho de veado*”, com seus *trejeitos* (palavra para a qual Houaiss arrisca a etimologia *transjactum*, jeito exagerado).

O *jacere* de lançar ou o *jacere* de jazer (*jaceo, jacui, jacitum*) estão presentes (ou *subjacentes*) em *projeto* (lançado para adiante), *projétil* (o que pode ser lançado para diante) *objeto* ou *objeção* (o que está adiante), *sujeito* (por baixo), *dejeto* (lançado para baixo) e *trajetos* (ao longo de).

Lançar para fora (*e, ex*) é *ejetar*; para dentro é *injetar* ou *introjetar*. Temos *rejeição* para com aquilo que deve ser jogado fora (*abjeto*); e o que irrompe no meio é *interjeição*. E o que se junta a (um substantivo) é *adjetivo*.

Lançar em conjunto na mente, vários dados, razões e hipóteses é *conjecturar*. Lançar, proclamar a si mesmo presumindo qualidades é *jactar-se*; um expelir vigoroso (de líquido) é *ejacular*.

O francês *jeton* (de *jeter*, lançar) é a ficha, a remuneração adicional que se lança na conta dos deputados que fazem o favor de comparecer às sessões da Assembléia. Nossos dicionários registram ainda *jetatura*, a ação de lançar mau olhado, feita pelo *jettatore* (originariamente da Sicília e sul da Itália).

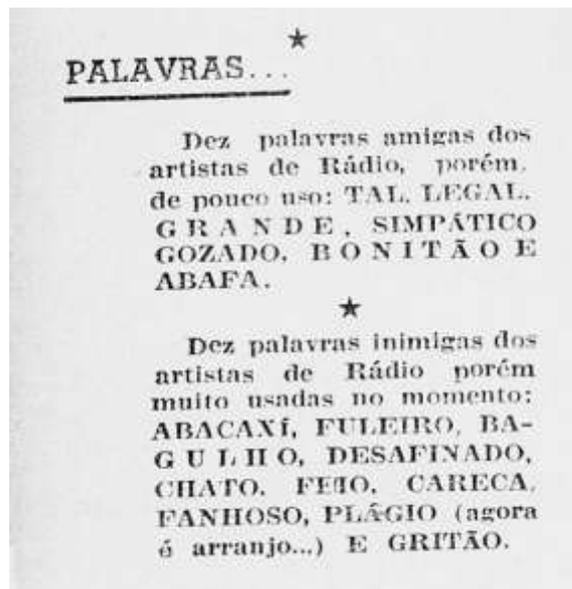
# L

## 32. Legal

O uso de “legal” no sentido de “bom”, “muito bom” parece surgir na década de 1940.

Para contornar a dificuldade de rastrear gírias na imprensa em geral, contamos com a informalidade das revistas... Felizmente, no caso, pudemos acompanhar o termo “legal” em revistas nas quais é de esperar mais facilidade de seu registro: “Revista do Rádio” (especialmente esta), “O Cruzeiro” e “Fon-Fon”.

Na “Revista do Rádio”, o primeiro uso inequívoco no sentido da gíria atual é de setembro de 1949 (junto com outras interessantes ocorrências da época...):



Três meses depois, encontramos, na mesma revista: “Quero que Papai Noel me arranje... uma loura e uma morena. Só assim ficarei legal com as duas.”

Na década de 50 o uso já é muito mais frequente. Em “O Cruzeiro”, em 9-10-1948, podemos ler: “

Não há de ser nada, Tio Sam, mande o nosso samba [embora] que nós sambaremos ele aqui, como bailamos os seus boogies. Está legal?

Mas a primeira aparição clara na revista é em 2-10-1943, na página satírica: “Minha Luta”, por Adolf Hitler”, na qual um missivista elogia a coluna: “Sua ‘Minha Luta’, onde estão contadas as mais descaradas aventuras de Adolfinho, não podia ser mais legal”.





“... Um tribunal popular para julgar Hitler (...) seria ‘legal’ de mais”.

Também “O Cruzeiro” usa “legal” progressivamente nos anos 50 (até com a forma “legalérrimo” etc.) e aparece até no “Amigo da Onça” (2-12-57).



“Desculpe, Doutor, o cozido não saiu lá muito legal porque o nosso cozinheiro anda meio adoentado [manchas de doença contagiosa]”

Na revista “Fon Fon”, a primeira aparição ocorre em 2-5-1942. Blota Junior, comentando os defeitos que interrompem a transmissão radiofônica, que desaparece e depois volta, conclui: “De novo tudo legal por aqui...”. E em 29-9-45 com uma observação que indica a novidade da expressão: “‘Tá legal’ – como diz a Linda Batista” (e em 26-3-57, a revista ainda diz que a expressão é de Linda Batista: “... lá estará a grande Linda Batista, com o seu [!] conhecido ‘tá legal’”)

# M

## 33. Macete

O sentido original é o de um tipo de martelo. Significando artifício para obter um resultado, a primeira aparição na BN parece ser a de 1949, na revista “O Cruzeiro” (RJ, 23-7-1949), quando fala dos cadetes da Força Aérea, submetidos à rigorosa vida da formação militar:

Os cadetes têm seus “macetes” [para burlar as rígidas regras] mas têm também um acentuado senso de disciplina (...)

## 34. Maluco

“Maluco” é um termo muito antigo, aparece por primeira vez em nossa imprensa (BN) em 1823, em um anúncio oferecendo recompensa a quem restituir ao dono um escravo fugitivo:

Quem tiver noticia de hum preto por nome Joaquim, da nação Congo, de estatura ordinaria, e bem feito, vestido com jaqueta de chita [etc.] Adverte-se que o dito se faz [de] maluco para melhor emcobrir a sua velhacaria, portanto a pessoa que o encontrar não se deixe persuadir que he com effeito maluco (...)

Claro que a palavra se emprega (já na época, como também hoje) para todo tipo de malucos, mas são frequentes – na insanidade que é a escravatura – em anúncios de escravos fugidos: “o dito escravo é meio maluco e não se entende nada o que diz” (“Diario de Pernambuco”, 20-3-1827). Ou no mesmo jornal (13-8-1837):

Bonifacio crioulo parece ter 40 annos alto magro cabeça xata cara muito descarnada pouca barba muito moço, tem o andar cahido para a diante parece maluco levou vestido camisa de mangas curtas de algodão siroulas do mesmo panno chapeu de palha ordinario tem no braço direito uma marca muito fresca de chicote e alem de outras fugio do lugar do Zumbi [sitio do Zumbi, do Coronel Brederodes] escravo de Antonio Soares Andrade Brederodes os apprehendedores terão de premio cem mil rs.

Junto com maluco, já existe na época “maluquice”. Lemos em “A Malagueta” (RJ, 30-1-1829):

Que fariamos nós aqui, se meia duzia de homens obstinados se propuzessem lá de fóra a querer instalar o Absolutismo no Brasil?

Accederíamos a semelhante pertença? Sua magestade estaria por acaso por semelhante Maluquice?

### 35. Mascarado (aplicado a jogadores, atletas etc. )

Gíria já presente no “Jornal dos Sports” (RJ) desde 1940 – cf. por exemplo “Paschoal nunca se ‘mascarou’” (30-7-1940). Antes disso, nos anos 30, “mascarado”, no futebol, aparece muito para indicar profissionalismo mascarado de amadorismo (o jogador mascarado de “amador” ganhava “por fora”)

Vargas Netto, cronista esportivo (sempre atento às gírias do esporte) e então Presidente do Conselho Nacional de Desportos, no artigo “Máscaras” em “O Cruzeiro” (RJ, 11-4-1953), explica como surgiu esta gíria:

(...) O excesso de otimismo que perde o atleta brasileiro. O gosto pelo carnaval, o colorido do exagêro, faz com que a massa popular e a imprensa aumentem o valor de seus ídolos. Por endosmose os próprios ídolos ficam impregnados das idéias-ambientes da superavaliação. É isso que a gíria batizou de máscara...

Como se vê, o próprio povo se serviu de uma expressão de carnaval de uma imagem carnavalesca, para esteriotipar a vaidade infundada de um atleta! Chama-o de mascarado! A máscara – é a superavaliação dos próprios recursos. Isso é que perde o futebol brasileiro.

## N

### 36. Nós, quem, cara pálida?

A expressão “Nós, quem, cara pálida?”, procede de uma piada do tempo do Zorro (o *Ranger* e não o de capa e espada). Nos inícios dos anos 60, a TV brasileira exibia o seriado do herói *Lone Ranger* que, no Brasil, foi batizado de Zorro; um *ranger* sempre acompanhado de seu fiel e servil índio Tonto. Um dia Zorro e Tonto encontram-se encurralados por índios sioux de um lado; comanches, apaches e moicanos pelos outros lados. Quando acaba a munição, Zorro se lamenta: “Nós estamos perdidos, Tonto”. Tonto faz sua melhor pose de índio, capricha no sotaque e responde: “Nós, quem, cara-pálida?”. Em 2014, foi lançado no Brasil o filme “O cavaleiro solitário” (com Johnny Depp no papel de Tonto, o parceiro do *Ranger*).

A expressão aparece muitas vezes na imprensa; a primeira, em “O Jornal do Brasil” (RJ, 30-9-1977), como título de uma resenha crítica ao filme “Gente fina é outra coisa”. O autor simplesmente usa (adequadamente) a expressão, sem explicar nada: a piada ainda era de conhecimento geral.

# O

## 37. (Ele é...) Ótimo!

Datação: “Ele (/ela) é ótimo (/a)!”, no sentido irônico, empregado quando alguém faz uma gafe, um gesto ridículo ou “dá um fora” especialmente notáveis, é registrado na BN já em 1950, em um artigo que comenta a cena do desdém de uma bela madame, perua riquíssima, empetecada de jóias, que ignorou olímpicamente um indigente na sarjeta. Os circunstantes exclamam: “como ela é boa, para lá de boa... Ela é ótima!”. E o articulista comenta:

Bem sei que no caso apenas se deu uma inversão de sentido vocabular, ao capricho da gíria carioca. Mas talvez a vida quisesse valer-se de nossa linguagem disparatada para assim mostrar, sarcasticamente, como é a justiça dos homens. (“O Cruzeiro”, RJ, 13-3-1950).

# P

## 38. Ficar passado

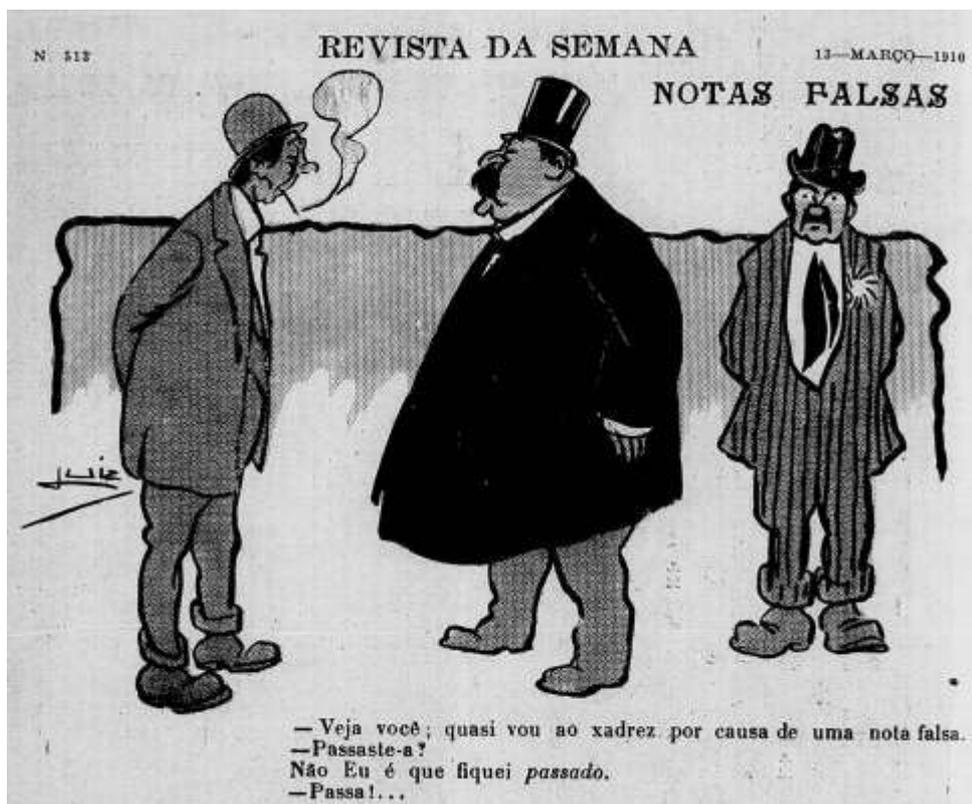
A expressão é empregada já há muito tempo. Em “O Museo Universal”, de 10-8-1839, ao saber que a pessoa em quem confiara tinha fugido com o dinheiro, o personagem diz: “Fiquei passado”.

Em 8-3-1860, em uma acirrada discussão de cartas de leitores do “Correio Mercantil”, o missivista diz “Fiquei passado ao ler uma correspondencia inserta em seu N. 37 etc.”

Na “Revista Illustrada”, de 29-1-1876, o cronista, que “cai como um patinho” na piada do amigo, faz um trocadilho com a expressão. Perguntou ao desenhista Valle:

- Como passas?  
- Pois eu não como.  
- O que?  
- Passas  
Fiquei passado com a resposta.

Também um trocadilho na piada de 1910:



“Ficar passado” não tem nada que ver com prazos de validade (nem com ferro de passar roupa...); mas no Brasil é empregada na forma reduzida da expressão “ficar (/estar) passado **da cabeça**”, como se usa em Portugal. A situação, revoltante, me convoca à ira, à perplexidade, a ficar à margem da razão, passado da cabeça, da razão...

Assim, um “utilizador”, furioso, com o “atendimento” da empresa de seu telefone, ameaça fazer escândalo, ir à polícia etc.:

(...) fazendo-me crer cada vez mais que houve ali marosca na loja, algum funcionário trocou o miolo do telefone com o de um amiguinho, de certeza pelo ar de comprometidos. Estou cada vez mais passado da cabeça (...)

(<https://portaldaqueixa.com/brands/vodafone/complaints/vodafone-apple-iphone-4s-destruido-internamente-366013> Acesso em 20-4-20.)

Como era de esperar, a expressão é usada frequentemente por consumidores enganados:

“Boas, é pah hoje sendo feriado quis me meter em aventuras. Fui comprar um filtro do ar de competição com turbina, todo contente a montar e tal e o carro ligava e ia morrendo aos poucos. Fui a loja e o crlh, eles montaram por alto isso, fiz a viagem ate casa tudo bem, cheguei a casa, e o carro pegava mas ia morrendo ao relentim. Fiquei **passado da cabeça**, e resolvi devolver ah [Firma Tal], e montar o filtro que tinha de origem, montei e etc.

(<http://www.clubegolfpt.com/forum/viewtopic.php?t=89424>. Acesso em 16-4-20.).

Ou por torcedores revoltados: “Eu apoio muito as equipas portuguesas, e quando aquele árbitro roubou o Guimarães na Rússia, fiquei passado da cabeça.”  
(<http://relvado.aeiou.pt/1-liga/rivalidades-regionais?device=desktop&page=2> Acesso em 16-04-20).

Ficar privado da razão e do equilíbrio que ela dá, como no verso de Shakespeare, referindo-se ao arrebatamento de um tirano luxurioso: “*Past reason hunted and, no sooner had, past reason hated.*”

### 39. Paquera

A Luta Democrática”, de 22-12-1957, traz uma coluna “Paquerando”, que pouco tem que ver com o atual paquerar: são só notícias futebolísticas normais e breves (“espreitando” o futebol).

E a “Última Hora”, de 19-01-1959, noticia um crime no qual as testemunhas afirmam:

“É uma mulher frustrada no amor” – disseram – “Solteirona e nervosa. Tem o hábito de ficar ‘paquerando’ todos os casais que vêm namorar aqui na Felipe Camarão”.

Como a palavra é desconhecida, o jornal esclarece:

“Paquerar”, na terminologia das jovens, é ficar olhando por trás das cortinas os arroubos amorosos dos casais.

O mesmo sentido de *voyeur*: em 31-07-63, o mesmo jornal traz em “Os bastidores do futebol”, os relatos sobre jogadores brasileiros, em um hotel de Caracas (onde tudo era caríssimo), fazendo furtivamente furinhos na porta do quarto da Paquita, para de noite “paquerar”: observar a atriz trocar de roupa sem serem notados...

Em 1965, após o uso de espreitar em geral, finalmente, o significado de “paquerar mulher em festas, festejos e festivais (...). Paquerar, escolhe daqui, escolhe dali, faz a abordagem, mete uma conversa (...)” (Stanislaw Ponte Preta – “Última Hora”, 4-10-65). Sentido que, a partir de então, torna-se dominante.

### 40. (Mexer os) pauzinhos (/ tecer os pauzinhos).

Ensina o Aurélio: “Empregar os meios necessários para obter bom resultado em um negócio ou pretensão”. Só faltou dizer que esse “empregar os meios” é com habilidades e manhas e não com força bruta: como quem mexe os pauzinhos (ou as cordas, na expressão equivalente em inglês: pull strings) de um teatro de bonecos. Em sua origem, a expressão era “tecer os pauzinhos” (tocar/mover/tanger). A primeira ocorrência da expressão na BN parece ser de 1900 (“Correio Paulistano” 12-3-1900):

Tecidos os pauzinhos, Fabricio Pierrot entrou para o Instituto Historico, onde, commodamente se repoltreou entre a poltrona cheia do professor Arthur Goulart (ironias da sorte!) e a poltrona vazia do Dr. Eduardo Prado.

As duas formas vão conviver por quarenta anos, até que nossa expressão atual desbanque completamente a antiga. Só em 1920 aparece um primeiro e avulso uso de “mexer os pauzinhos” (“Para Todos” RJ, 31-1-1920). Outra aparição isolada em 1935 (“Jornal do Commercio” RJ, 25-12-1935). Nas décadas seguintes ambas as expressões convivem, até a última ocorrência de “tecer os pauzinhos” em 1960 (“Correio da Manhã” RJ, 21-5-1960) e a partir desse ano “mexer os pauzinhos” reina absoluta e ninguém mais se lembra do “tecer os pauzinhos”.

#### **41. (fim da) picada**

“Picada” é um caminho estreito aberto, arduamente, na mata a golpes de facão. Se trilhar a picada já é um sofrimento, andar na mata sem a picada é literalmente espinhoso, sofrido e perigoso (lugar propício para emboscadas). A expressão “fim da picada” só surge na BN na década de 1860, mais precisamente a partir de 1866. Até 1870, as 16 primeiras ocorrências são, todas elas, em informes militares sobre operações na Guerra do Paraguai; guerra na qual abrir picadas na mata era essencial para as incursões em território inimigo.

Assim, por exemplo, o Ministério da Guerra traz, no “Diario do Rio de Janeiro” (28-11-1866), o relato do comandante da patrulha na qual ocorreu a morte de um tenente-coronel da Infantaria, vítima de um disparo quando adentrava uma picada, que o exército brasileiro tinha aberto:

[Naquela noite] quando chegavamos quasi ao fim da picada, ouvi um tiro, e cahio logo moribundo o nosso infeliz camarada, que dous ou tres minutos depois expirou.

No contexto da mesma Guerra, um relatório militar refere-se a outro problemático “fim da picada”:

Com effeito, admitindo a possibilidade de serem superadas todas as dificuldades inherentes á marcha de um exercito por taes sertões, supponha-se que chegava elle ao fim da picada. O que encontrava? O Paraná em um logar inacessivel á nossa esquadra, e de perigosa transposição; e pela frente, na margem opposta, outro sertão quasi tão extenso como que se acabava de atravessar, completamente desconhecido, e todo ele em território inimigo. “Diario do Rio de Janeiro” (9-6-1867)

“O Correio Paulistano” (2-12-1868) informa que, acossando Solano Lopez,

O marquez de Caxias vae passar para o Chaco afim de comandar em pessoa as forças que devem repassar o rio acima da Angostura. A

artilharia brasileira também foi transportada para o Chaco e já se acha no fim da picada. (...) O general Ozorio e parte das forças argentinas marcharão pela direita.

Nesses informes de guerra – e ao longo de toda a década de 1870 – “fim da picada” é sempre tomado em sentido literal. Em 1919, aparece um primeiro uso metafórico, no sentido de “pôr um ponto final”, chegar a uma conclusão, no caso de uma complicada e extensa investigação policial em “A Verdade” (MG, 31-7-1919).

Em “O Paiz” (RJ, 20-1-1920) ocorre (ao que parece) o primeiro uso de “fim da picada” no sentido metafórico atual de: algo desagradável, inconveniente para além dos limites. Apresentando a programação de uma “Batalha de Confete” (não os modernos de papel; os da época eram pedacinhos de gesso), “uma ‘zueira’ de todos os diabos”, conclui: “É, incontestavelmente, o fim da picada!!!”. E a partir daí já se torna corrente, especialmente na política, como por exemplo: “A justiça local é o fim da picada nas causas commerciaes” (Correio da Manhã, RJ, 25-1-1931).

## 42. Pistolão

Apontado como neologismo em 1913 (ver verbete “avacalhar”), pistolão aparece pela primeira vez na BN, com seu sentido de recomendação de pessoa influente, na seção “Humorismos” de “O Paiz (RJ), em 29-4-1893, como sinônimo do – até então mais usado – “empenho”. Já em 1899 (30-9), em “O Rio-Nú”, no qual alguém, para evitar a prisão, procura um delegado conhecido “com elle arranjo um pistolão que é o que vale n’esta terra”.

“O Malho” (RJ), de 3-4-1909, publica a caricatura (abaixo) “Viva o Pistolão”, na qual aparecem as reclamações de 700 candidatas não classificadas (“Houve injustiça e favoritismo na classificação. A mesa portou-se mal: agiu sob a pressão e ao sabor dos pistolões!”). Leoncio Correia, diretor da Instrução Pública, responde: “É o melhor título de recommendação! É o carimbo da época – o pistolão!”.



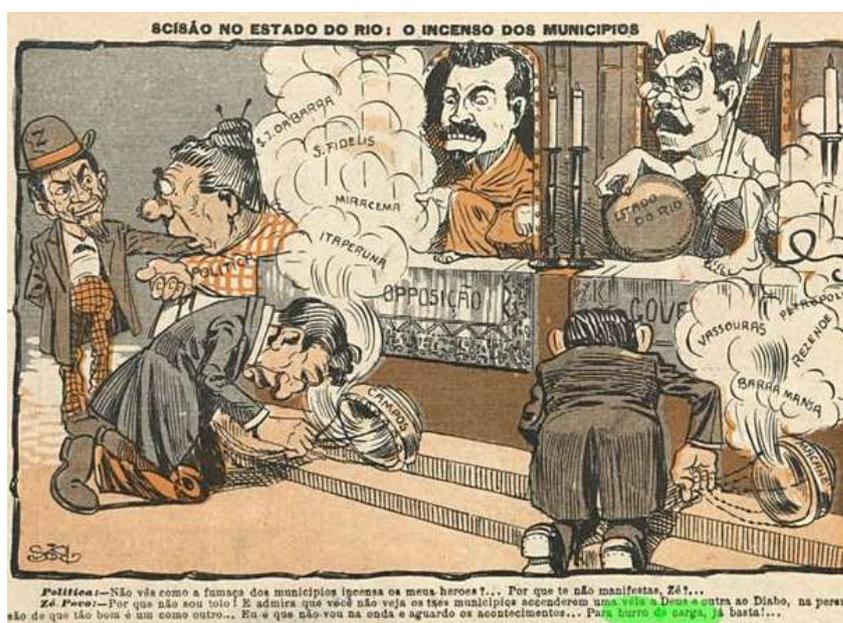
### 43. Pra Burro / Pra Cachorro

A primeira referência a “pra burro”, no sentido de “muito” em geral, dá-se em 1-4-1905 em “A Capital” (RJ), com uns versinhos jocosos.

[o Fonseca...] Na sogra quiz dar um murro  
Só porque esta lhe disse  
– Você é feio p’ra burro!...

Nos anos seguintes, já se aplica para tudo: ter muito dinheiro (“ter arame p’ra burro” – “Jornal do Brasil”, 29-11-1908); “gritar p’ra burro”, “gostoso p’ra burro” (O Rio-Nú, 14-11-1908; 2-12-1908).

Talvez a expressão tenha sua base original em “carga” ou “trabalho – “eu não consigo carregar tudo isso, isso é carga pra burro”, “Não nasci para burro de carga” (expressão muito usada na época), “fazem o povo de burro de carga”, (“é muito trabalho, é trabalho para burro”). Em “O Fluminense” (6-9-1906), aparece precisamente: “trabalhamos p’ra burro”: Meu amigo, elles são grandes e nós se queremos viver trabalhamos p’ra burro!...



“O Malho” (RJ, 28-9-1907). Zé Povo (oprimido): “Para burro de carga já basta”

Já “pra cachorro”, no sentido de “muito”, parece surgir pouco depois de “pra burro”. Aparecem juntas em um texto jocoso de “A Gazeta de Notícias” (RJ, 8-1-1916), satirizando as “apostas” de um deputado: “Mas S. Exa. Que tem dinheiro p’ra burro e sorte p’ra cachorro, não desanima nunca.”

E no mesmo jornal, em 7-1-1917, o articulista diz que, ao sair no carnaval, “vai fazer bonito p’ra cachorro” (e uma curiosidade: no mesmo texto emprega a expressão “e outras cositas mas”).

Na década seguinte, a expressão já circula normalmente.

Mas S. Exa. Que tem dinheiro p’ra burro e sorte p’ra cachorro, não desanima nunca

#### 44. (não é minha) Praia

Começa a aparecer na BN em 1990. Na “Tribuna da Imprensa” (RJ, 18-10-1990), quando Fernanda Abreu explica que não aderiu à *dance music*: “Não é minha praia”.

#### 45. Programa de Índio

Surge na BN, de maneira isolada, em 1962 no “Diário Carioca” (22-7-1962), para, após poucas aparições na década de 60, firmar-se nos anos 70 e seguintes. Essa estreia na BN dá-se quando a atriz Laura Suarez (para ela “resultou em um autêntico programa de índio”) teve de ouvir do General Comandante o “sensível” agradecimento: “– Dona Laura eu me lembro muito bem da senhora, quando foi “Miss Ipanema”. Eu era tenente”.

## Q

#### 46. (Outros) Quinhentos

Hoje, em espanhol, “palabras mayores” indica algo de notável importância e grandioso. Em sua antiquíssima origem, porém, a expressão refere-se a algo muito mais prosaico: palavrões e insultos. Mais concretamente, muito antigas e vigentes por séculos, leis espanholas – como o Fuero Real de 1255 de D. Alfonso o Sábio, ou uma lei de 1566 de Felipe II – puniam com pena de pesadas multas ofensas com alguma das “palabras mayores”, as verdadeiramente grandes: *gafo* (o estigma do leproso), *sodomético*, *cornudo*, *traidor*, *herege* ou *puta* (neste caso, só para *mujer que tenga marido!*).

No caso de o ofendido ser fidalgo, Felipe II mantém a antiga pena de 500 soldos e quantias menores “para quem injurie com palavras *menores* do que as expressas na lei anterior”.

Fidalgo de 500 soldos chega a ser mesmo uma tipificação: “sou fidalgo de solar conhecido, de posses e propriedades, e com direito a reivindicar (*devengar*) quinhentos soldos”, como, por exemplo, D. Quixote diz de si mesmo.

Assim, se a uma ofensa corresponde a quantia de 500 soldos; a uma segunda ofensa serão “outros quinhentos” e pode-se discutir que se se deve 500 por chamar uma mulher de puta, no mesmo ato se insulta o marido de cornudo, o que implicaria (ou não?) um acúmulo de “outros quinhentos”...

# R

## 47. Roer a corda

A expressão, no mesmo sentido em que a usamos ainda hoje (o de não cumprir o prometido, romper o combinado), alusiva a rato, é muito antiga e sua primeira aparição na BN é já em 1839:

Certa Correspondenciaziha de certo Protheu Governante, que depois nos roeu a corda, mas em quem felizmente nunca acreditamos, a pesar de ter cumprido a parte menos interessante de suas promessas...

Ainda no século XIX, “roeu a corda” era, por outro lado, um verso de uma, então famosa, cantiga de bebedeira coletiva em festas e bares, uma precursora da conhecida “Marcha do Caneco” de Alberto Roitman, que eletrizou tantos carnavais nos anos 60 e 70: “Primeira bateria, vira, virou”):

Este é o gato  
Que matou o rato  
Que roeu a corda  
Que amarrava a bota... [recipiente de vinho]  
Bota vinho! Bota!  
Vira, vira, vira!...  
(Jornal do Commercio, RJ, 29-5-1892; ver também “Revista Brasileira” RJ, out-dez 1880. Etc.)

# S

## 48. (você está) servido?

Não atinando com o sentido original da expressão (de fato, invisível para o falante de hoje), um site de referência, o *Uol-vestibular*, propõe agressivamente a abolição da expressão, em sua seção “Dúvidas de português (/ construções sintáticas)”. Vale a pena transcrever o verbete:

**"Este sanduíche está delicioso. Você está servido?"**  
Quem oferece assim para os outros é desumano, maldoso demais! Não entendeu coisa alguma, não é mesmo? Vamos à teoria.

O verbo servir é verbo transitivo direto e indireto, pois quem serve, serve algo a alguém. A gramática padrão diz que apenas verbo transitivo direto admite a voz passiva - aquela que tem o sujeito sofrendo a ação verbal. Portanto, se usarmos o verbo servir, apenas a parte transitiva direta poderá ser passada para a voz passiva:

Ela serviu um sanduíche - Um sanduíche foi servido por ela.

A parte transitiva indireta não admite a voz passiva:

“Ela serviu ao amigo”

Não poderemos dizer “O amigo foi servido por ela” nem “O amigo está servido por ela.”

A frase inteira será “Ela serviu um sanduíche ao amigo” - a voz passiva correspondente será “Um sanduíche foi servido por ela ao amigo”.

A pergunta apresentada, então, para se adequar ao padrão culto da Língua, deveria ser estruturada de outro modo:

“Este sanduíche está delicioso. Você quer experimentá-lo?”

(<http://vestibular.uol.com.br/duvidas-de-portugues/este-sanduiche-esta-delicioso-voce-esta-servido.htm>. Acesso em 1-5-20)

Igualmente, outro importante portal de educação, o *Brasil Escola*, também investe pesadamente contra o uso daquela expressão, “incorreta e deselegante” (<http://www.brasilecola.com/gramatica/voce-esta-servido-ou-quer-experimentar.htm>. Acesso em 1-5-20)

Na verdade, por não termos mais acesso ao significado originário de “está servido?”, buscamos enquadrá-la à força em nossos padrões de linguagem atuais e aí acontece algo parecido com o que se faz com letras de canções que cantamos errado, buscando uma releitura com sentido mais familiar: “trocando de biquini sem parar” conta com 2030 incidências na busca do Google (em 1-5-20) superando as 1990 do verso original de “Noite do prazer” de Claudio Zoli (“tocando B. B. King sem parar”). E “é você que é mal passado e que não vê” apresenta 749 sites no Google, deformando o original de “Como nossos pais” de Belchior: “é você que ama o passado e que não vê”.

Desde a infância, intrigava-me a pergunta, mas sobretudo a resposta a “você está servido?”. Acabo de chegar, entro e as pessoas que estou visitando estão à mesa comendo uma pizza. A dona da casa, gentilmente, diz: “Que surpresa, você por aqui? Puxa uma cadeira, a calabresa está uma delícia. Você está servido?” Dentro da “lógica” da semântica atual, a pergunta não tem o menor sentido: é claro que não estou servido, não sentei, nem tenho prato... como poderia estar servido? Mesmo assim, minha recusa deve assumir a forma: “Não, obrigado!”. Na verdade, é desse erro de interpretação que derivam todas as perplexidades com relação à nossa expressão.

E é que “servido”, “servir”, no caso, não diz respeito às pizzas que se servem, mas à antiga expressão, que se refere à pessoa, “ser servido” (ou “estar servido”).

O dicionário da Real Academia Espanhola registra “*ser uno servido – Querer o gustar de una cosa conformándose con la súplica o pretensión que se hace.*” Assim, “é servido” ou “estar servido” significa simplesmente a pessoa querer, aceitar, “estar de acordo” e não se refere à comida que se pretenderia “servir” a ele nem se lhe foi “servido” algum bocado.

Nesse sentido, a fórmula “ser servido” ainda se usa em Portugal: Dolores Aveiro, a mãe do famoso jogador de futebol Cristiano Ronaldo, orgulhosa de ser “mulher com mão para a cozinha”, posta uma foto sua em sua página do Instagram, ao lado de um lauto jantar por ela preparado, e escreve na legenda : “Alguém é servido?”

(<https://www.noticiasaoiminuto.com/fama/452903/dolores-aveiro-alguem-e-servido>. Acesso em 1-5-20)

Assim, encontramos, antigamente, ordens do rei precedidas de “Sou servido ordenar...”, “Sua Majestade é servida...”, “O Rei é servido...” etc. que significam simplesmente que é vontade do rei tal coisa que se decreta ([http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm\\_pdf/Os\\_documentos\\_dEl\\_Rei.PDF](http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/Os_documentos_dEl_Rei.PDF). Acesso em 1-5-20).

Outros exemplos. Nos *Acuerdos del Cabildo de Tenerife* (de 1/4/1513) se diz: “Valdés dijo lo mismo que Oallinato porque su Alteza está servida en le hacer saber todo lo pasado en este caso.” Nas *Moradas* de Santa Teresa: “quando nuestro Señor es servido de regalar más a esta alma, muéstrale claramente su sacratísima Humanidad de la manera que quiere”. E no conto “As festas de Nazaré” de Júlio César Machado, autor português do século XIX, quando o personagem pede um cavalo com tais e tais características, a velha responde: “Está o senhor servido! Oh! Está o senhor servido!”, ou seja: tenho exatamente o animal que o senhor deseja.

Tendo desaparecido o uso original de “estar / ser servido” e limitando-se, hoje no Brasil, à fórmula educada de oferecer comida, a expressão torna-se problemática e um tanto indigesta para ser servida.

#### 49. Simples, Com-plicado (e outras “plicas”...)

*Simplex*, simples era, para os antigos, um grande valor. Ser simples era uma importante qualidade: o próprio núcleo da virtude cardeal da *prudencia*, classicamente a capacidade de tomar decisões acertadas, com base na límpida visão da realidade (*simplicitas*). Hoje, temos dificuldade de apreciar esses valores; para nós, “simples” admite também acepções pejorativas: “aquele que só possui conhecimentos rudimentares”, “aquele que é pobre, que não possui recursos materiais”, “crédulo” (Houaiss); “vulgar, comum, ordinário”, “papalvo, tolo, crédulo, simplório, simplacheirão”, “sem instrução; ignorante” (Aurélio).

*Simplex* era a visão límpida, não comprometida, do real. O original grego do famoso versículo do Evangelho não fala em puro, bom etc. mas em simples (*haplous*) Mt 6,22: “Se teu olho for *simples*, todo teu corpo será luz”. Na análise etimológica de Tomás de Aquino, interpretando esse versículo, encontramos: “*simplex, idest sine plica duplicitatis*”: “simples, ou seja, sem a *plica* da duplicidade”.

*Plica* em latim é dobra, face, *prega* (como as pregas da saia ou da cortina). Quando algo está envolto em dobras é com-plicado. “Para fora” em latim é *ex-* (exportar, ex-pelir, ex-onerar etc.): tirar para fora das plicas, das dobras é *ex-plicar*. E quem está envolvido nas plicas é *cúm-plice*; já um filme cru (sem dobras que escondam) traz cenas *ex-plícitas*. *Su-plicar* é pedir de joelho dobrado.

A etimologia de simples (do latim: *simplus* ou *simplex*) remete, na primeira parte da palavra (*sem*), a *semel*: um só; daí: uma só face (como em alemão: *Einfach*), sem dobras.

Também parece razoável que o nosso “chegar” (pl=ch) seja simplesmente “plicar”. Pois, tal como ocorre em outras línguas, o chegar é náutico, atingir margens (*ar-river*). Ora, quando o navio atinge o destino, a ordem é “plicar”, dobrar as velas porque chegamos. Daí, aplicar uma prova (ou uma injeção etc.) é fazê-la chegar ao aluno (ou ao braço) etc. Implicado é algo ou alguém que está nas dobras do caso – e é o mesmo que o *empregado*, enrolado nas plicas da empresa... Já replicar é a volta, que mostra outra face da questão.

Após termos multi-plicado um pouco os casos em que aparecem as plicas, voltamos à simplicidade, como característica da visão intelectual do homem reto: visão límpida, insubornável, “que não se acumplicia jamais” (como no discurso da presidenta Dilma) nem se deixa implicar nas distorções da duplicidade, inveja, ciúmes, preconceito, interesses escusos, egoísmos etc.

Uma nota de uso da linguagem: se hoje usamos “implicado” para os envolvidos em casos ou processos judiciais, os antigos usavam também “complicado”. Assim, “A Malagueta” (RJ, 13-1-1829) supõe que o diplomata argentino D. Thomas Guido “está complicado nesta preconizada criminalidade do [Presidente] Dorrego”. E “A Notícia” (RJ, 9-8-1897) afirma que “ha vehementes indícios de que o ministro Rambaud está complicado nesta negociata”. Em um muito tardio uso, a “Última Hora” (RJ, 15-4-1955), referindo-se a um escândalo cambial internacional, ainda afirma: “a transação correu através do Banco América que também está complicado neste irregular desconto”.

## 50. Sobrar (no sentido de ser excelente)<sup>6</sup>

Para significar excelência, há alguns anos vem sendo usado, com um novo sentido ainda não dicionarizado, o verbo “sobrar”: a manchete do Terra Esportes, no glorioso dia 16/12/12, foi precisamente: “Cássio sobrou na área corintiana nas bolas aéreas”. Até o vetusto Estadão o emprega, parcimoniosamente, em seu caderno de Esportes. Muito mais usado é outro novo sentido de “sobrar”: atingir, caber, “coisa ruim ou desconfortável” (*Houaiss*), ainda não contemplado pelo Aurélio. Nesse sentido, uma das Frases do Ano de 2012 foi a bombástica declaração de Marcos Valério (*Folha*, 03/11/12): “Não podem condenar apenas os mequetrefes. Só não sobrou para o Lula porque eu, o Delúbio e o Zé [Dirceu] não falamos. Lula era o chefe”.

A acepção, popular e coloquial, de “sobrar” no sentido de excelência, acaba coincidindo com o clássico conceito de virtude. De fato, o conceito grego de virtude, *areté*, é melhor traduzido por excelência. E para S. Tomás de Aquino, o melhor referencial da teologia cristã medieval, a virtude dirige-se ao *ultimum potentiae*, nada menos do que o máximo do que se pode ser. Daí a extrema cautela na época em se atribuir a alguém virtude, considerada mais um ideal assintótico do que algo efetivamente atingível. E, no caso da tradição cristã, especialmente para algumas virtudes, há que se contar com a graça, a força sobrenatural dada por Deus, pois transcendem os limites do humano. Daí que alguns poucos goleiros, que, por Deus, manifestam virtudes heróicas e operam milagres, sejam canonizados, como o caso de São Marcos do Palmeiras e, a partir de Yokohama, São Cássio.

Voltando à escala humana, virtude pode ser aplicada, digamos, ao exímio cobrador de faltas Marcos Assunção, um autêntico virtuose (claro que ele não converte todas, afinal sempre pode haver um São Cássio do outro lado).

Mas o que dizer daqueles especiais gols do Neymar ou do (absolutamente incrível) gol do Falcão em 18/12/12 no jogo das estrelas do Futsal<sup>7</sup>: uma indescritível carretilha de costas... os comentaristas hesitam até em dar-lhe um nome, talvez porque duvidem que se possa repetir.

---

<sup>6</sup> Extraído do artigo: “‘Excelenciou’ na grande área”, que publiquei em 2013 na revista Língua Portuguesa, v. 89, p. 22-24.

<sup>7</sup> O vídeo no youtube (<https://www.youtube.com/watch?v=1SGo4RC1FNM>) beirou os 4 milhões de acessos em 4 dias.

O site de esportes internacional Sportygossip diz: “Falcao has exceeded himself with this unbelievable goal”. Não é meramente exímio: excedeu, sobrou.

E com isto viemos dar com uma importante nota do conceito árabe da palavra virtude: *fđl* (*fađylah*).

Como se sabe, na língua árabe as palavras são expressas fundamentalmente por radicais triconsonantais, no caso *f-đ-l*, e costumam ser muito mais confundentes do que as “correspondentes” ocidentais.

Assim, em torno de *fđl* confundem-se, entre outras, as ideias de sobrar (exceder, transbordar) e virtude. A virtude, portanto, não é associada a um “mero” máximo, mas ao sobrar, ao transbordante...

Essa acumulação semântica, para eles tão conatural como o nosso “devo ir”, permite sugestivas situações. Como no caso de um pedido qualquer: “por favor” em árabe é precisamente: *min fađlik*, literalmente “da sua transbordância (/ virtude etc.)”. “Da sua transbordância, poderia me dar um cigarro”; que, certamente, não se refere a uma transbordância de cigarros, mas à generosidade da alma da pessoa a quem se pede o favor.

Outra sugestiva situação é a de quando num happy hour *sobra* um último pastel e resolve-se o impasse de a quem cabe o petisco, oferecendo-o a um dos comensais, dizendo: “*Al-fađli lil fađyl*” – o que sobra é para o virtuoso (/transbordante / preferido...).

Aplicada a Allah – à Sua transbordância, favor, preferência, virtude... – *fđl* aparece no Alcorão 62 vezes. Allah supera, excede, transborda... Na sura IV (73), são prometidos prêmios divinos aos que fazem boas obras e ainda mais: “Allah lhes acrescentará algo de Sua transbordância”. Há notórios favores de Allah para a humanidade, mas a maioria dos homens nem agradece (II, 243; X, 60; XII, 38 etc.).

A tradição muçulmana dos 99 nomes de Deus reconhece que há ainda, no Alcorão e nos *hadith*, outros nomes (que sobram) de Allah: e certamente o Transbordante (o Obsequioso) é uma dessas características divinas (XXVII, 73), já que os homens, que mal dão conta do básico, só em raríssimos casos, e com os devidos descontos, podem ser chamados de virtuosos.

# T

## 51 Tarimba. Ser tarimbado

“Envelhece em teu ofício” (Eclo 11:21). Valoriza-se a experiência de quem não nasceu ontem, do macaco velho, raposa velha, macaco velho, ou *p\** velha; do jogador que tem muita cancha, muitos anos de estrada (ou “de janela”...), o tarimbado. Tarimba é um estrado de madeira, usado como cama rústica de campanha e, por metonímia, a vida de soldado com suas agruras.

A primeira aparição na BN ocorre na “Gazeta de Notícias” (RJ, 27-8-1877). Sob o título “Instrução publica” queixa-se o artigo:

Julgando que o examinador de geographia fosse substituído por cousa melhor, por quem *tarimbasse* ou tivesse *tarimbado* vimos com magôa em seu lugar um individuo que não conhece a materia (...).



<http://freirecapitao.blogspot.com/2015/02/origem-dos-ditados-populares-tarimbado.html>

Tarimbar, em sentido específico de servir nas Forças Armadas, aparece antes:

O nobre deputado, alheio inteiramente aos negócios da guerra, não tendo permitia-se-me a expressão *tarimbado*, não conhecendo as obrigações do soldado (...). (Annaes do Parlamento Brasileiro, sessão em 14-5-1873).

### 53. Torcer, torcedores, torcida<sup>8</sup>

Uma das histórias unanimemente aceitas – mas, como veremos, incorreta – sobre origem de expressões é a respeito das palavras: torcer, torcedor e torcida. Um resumo dessa versão – na qual eu mesmo, com as devidas reservas, aceitei no passado – nos vem da mão do grande jornalista Juca Kfoury:

Na origem, quando o futebol era da elite brasileira, a torcedora surgiu antes do torcedor, porque eram as mulheres que tiravam suas luvas e as torciam de nervosas, para não roer as unhas. Quando não eram as luvas, eram os lenços, muitas vezes fornecidos pelos cavalheiros que as acompanhavam aos estádios. Teria sido o escritor e poeta Coelho Neto, pai de dois jogadores do Fluminense – um deles, Preguinho, o autor do primeiro gol brasileiro numa Copa do Mundo, em 1930 –, quem primeiro usou o termo para descrever a aflição de torcedoras. (Folha de São Paulo, 9-2-2014 <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/151458-torcedor.shtml>. Acesso em 14-04-20)

Sem as cautelas acadêmicas, o site do Fluminense apresenta a história como absoluta:

Como surgiu o termo “torcida”?

Pois foi esse importante personagem [Coelho Neto], o responsável pela criação do termo “torcida”, que hoje serve para designar quem simpatiza com este ou aquele clube. Observador atento, Coelho Neto

---

<sup>8</sup>. **Nota prévia a este verbete:** Reproduzo aqui (com ligeiras modificações) a parte correspondente do estudo mais completo, publicado em 2016 na Revista Internacional d’Humanitats: <http://www.hottopos.com/rih36/05-14Jean.pdf> (acesso em 14-4-2020). Após esse artigo desmascarar a lenda de que foi Coelho Neto quem criou a palavra torcedor(a) para designar as do Fluminense, o tricolor das Laranjeiras discretamente suprimiu essa história apócrifa de seu site oficial, mas mantenho a referência, pois diversos outros sites na Internet ainda a citam. É o caso da “Página Oficial Ser Fluminense” do Facebook. (<https://www.facebook.com/photo?fbid=638020396260245&set=ol%C3%A1-guerreiros-e-guerreirasna-estrela-do-quadro-n%C3%B3s-somos-a-hist%C3%B3ria-contaremos-> . Acesso em 14-04-20)

notou que quando o time atacava ou era atacado, as mulheres que compareciam aos jogos, com seus belos e quentes vestidos rendados, num misto de ansiedade, calor e nervosismo, empunhando sombrinhas, torciam suas luvas e lenços encharcados de suor [?]. Em uma de suas colunas após um dos jogos, Coelho Netto chamou essas mulheres de “torcedoras”. Pronto, estava criado o termo que até hoje é símbolo da paixão clubística. Em seguida, ganhou similar masculino. (...). Como disse o grande músico erudito brasileiro Arthur Moreira Lima “Assim como o primeiro homem era Adão, o primeiro torcedor era Fluminense”. ([www.fluminense.com.br/site/futebol/historia/capitulo-i-o-surgimento/outros-simbolos/](http://www.fluminense.com.br/site/futebol/historia/capitulo-i-o-surgimento/outros-simbolos/) - a página atualmente extinta)

O futebol chegou ao Brasil em 1895, o Fluminense foi fundado em 1902 e só em 1919 foi inaugurado seu estádio (o primeiro do Brasil) e a tal crônica de Coelho Netto seria de, suponhamos, em torno de 1915 (apesar de serem inúmeros os sites que a mencionam, nunca a vi citada literalmente, nem a indicação precisa de em qual jornal teria sido publicada!).

O fato é que muito antes disso, a imprensa já registra o uso de “torcer” (e até “torcedor”) no sentido que lhe damos hoje: querer vivamente ou manifestar predileção e desejar a vitória por um cavalo na corrida etc.

Assim, o “Jornal do Brasil”, de 25-02-1905, ao contar a história de um Feitosa, que secretamente, querendo economizar na passagem, tenta convencer as filhas de que é melhor a família ir ao teatro de bonde e não de trem, alegando que o bonde é mais fresco, que o bonde “vae num instante” etc., o autor conclui:

(E o Feitosa) fica torcendo para que o *bond* a vir seja um 2ª. classe, que então o negócio fica em 200 réis por pessoa.

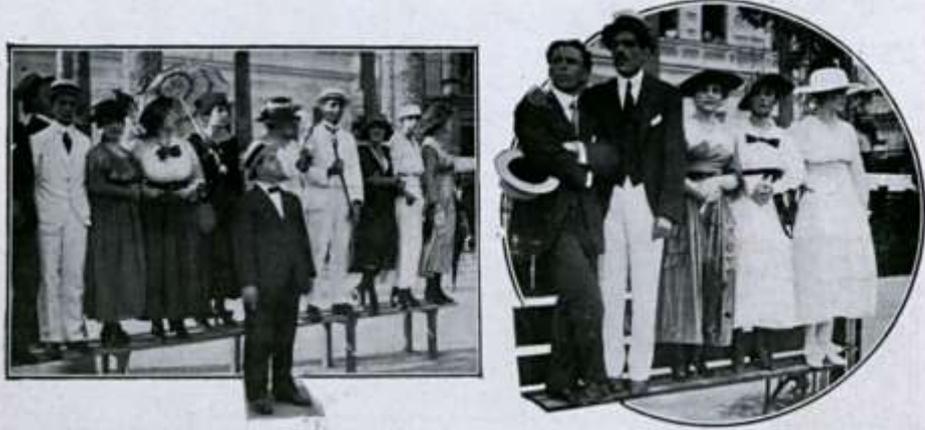
Em “O Malho”, de 2 de julho de 1904, lemos que a concorrência “está torcendo” para que se interrompam as obras do “Theatro São Paulo”.

Em 1910, no clima de pânico pela passagem do cometa Halley (que, segundo o boato, iria envenenar todo o planeta), a página de humor (“- Estou torcendo para que todos desapareçam e fique só eu para negociar. – Com quem?...):



Seja como for, é inegável o destacado prestígio do Fluminense (e de suas aristocratas torcedoras) na época em que “torcer” já era amplamente aplicado aos times de futebol. Assim, “O Paiz”, de 27-06-1907, comentando um jogo do Internacional de Santos na coluna de “Foot Ball”, fala de “lances comoventes, surpresas emocionantes, passagens abruptas e violentas tão gratas aos ‘torcedores’”.

Uma página da revista “Caretta”, de 4-11-1916, é dedicada às torcedoras do Fluminense, fanáticas:



*Apreciando o jogo* *Torcedoras*

---

## Uma entrevista

São sete horas da noite. Pela rua da Guanabára, conversando sobre os desportos que avassalam o Rio de Janeiro, passam o auctor destas linhas e um dos mais alentados remadores cariocas.

No portão do *Fluminense Foot ball Club*, grupadas num bando elegante, formosas senhoritas, falando e sorrindo, atraem a atenção dos transeuntes.

Disse o remador :

— Para que vejas como o *sport* domina o coração das bellezas cariocas, vou fazer, para ti, uma rápida entrevista com a mais intelligente destas moças.

Approximamo-n'os. Depois das apresentações, solemnes como quem veste sobrecasaca para ver o

dr. Wenceslão Braz, fizemos o interrogatório immediato, obtendo as respostas seguintes :

- Qual é, senhorita, o traço principal do seu caracter ?
- Ser grande torcedora do Fluminense.
- E a sua paixão dominante ?
- O *foot-ball*.
- Que predicados prefere no homem ?
- Os esportivos.
- E na mulher ?
- A paixão pelo seu Club.
- A sua principal qualidade ?
- Ser partidaria.
- Seu principal defeito ?
- Ser adversaria do *team* contrario ao do meu Club.

Mas, como dizíamos, o uso de “torcer” é muito mais antigo e mesmo anterior ao futebol no Brasil.

Na seção “Factos e Boatos” de “O Carbonário” de 3-9-1888, lê-se que determinada atriz está de viagem para Paris e quer levar seu “typographo mascate” (?) para exibi-lo por lá, “o typo porém está torcendo para não ir junto (...)”.

E em “O Paiz” (“a folha de maior tiragem e de maior circulação na America do Sul”), de 9 de junho de 1894, encontramos uma preciosidade: um artigo completo, assinado por J. Guerra (pseudônimo de Urbano Duarte de Oliveira, membro fundador da ABL) na seção “Humorismos”, sobre o torcer e o torcedor, de genial sagacidade:

### HUMORISMOS.

*Estou torcendo!* É locução pittoresca, inventada pelo Manoel Joguinho e hoje generalizada (...).

Um amador de corridas *torce* para o seu cavallo vencer, embora elle venha em 4º. ou 5º. logar. O frequentador de frontões *torce* afim de que

o pelotar em que apostou ganhe a quiniela. O comprador de bilhetes da loteria *torce* para que a machina Fichet componha o seu numero.

A moça solteira *torce, torce*, até que certo rapaz louro a namore.

No bond, aquele sujeito que senta no ultimo banco *torce, torce*, até que a bella visinha da frente lhe lance uma olhadela...

Todos vivemos sempre a *torcer*, no intuito de conseguirmos qualquer coisa.

E a graça é que às vezes essas *torcidelas*, desprendendo certo fluido magnetico mysterioso, attrahem a sorte propicia e debellam o azar.

Conheço um *sportsman* que obtem constantemente lucro em corridas. Perguntei-lhe qual o segredo da sua felicidade.

Redargui-o convictamente: – Torcendo!

Effectivamente! Já tem a cara torcida, o corpo enviezado, os olhos vesgos, de tanto *torcer*. Não é um homem e sim uma torcida. Mas ganha dinheiro, garanto-lhes!

Tentando imital-o representei triste figura, sem colher resultado algum. O animal em que apostei saiu e chegou em ultimo lugar, apesar das gatimanhas que fiz. Gemia, espremia, rosnava, retorcia-me, tocava realejo, puchava corda, fechava um olho, zarolhava o outro – nada! O burro sempre firme na bagagem.

Queixei-me ao *torcedor*.

– Ora! – exclamma elle. Você não sabe *torcer*!... Pensa que isto é escrevinhar em jornal. Coisa muito séria!

– Ah! Nesse caso peço-lhe que me ensine...

– Questão de fé... e fé não se ensina. É preciso saber *torcer* por dentro...

– Por dentro ?!

– Sim! Por dentro! Nas entranhas, nas dobradinhas!

– Vou experimentar!

No pareo seguinte *torci por dentro*, e o meu cavallo ganhou, depois de passar pelos quatro da frente!

Palavra de honra!

Estou agora *torcendo* para que o amigo F. A. me faça presente de um dictionario Larousse.

Se se realizar a coisa, passo a escrever um tratado sobre a nova sciencia occulta da *Torcida*, mais importante e proveitosa do que o hypnotismo.

\*\*\*

[o autor muda de assunto e passa a falar dos milionários americanos]  
Todos nós os furrécas da vida temos inveja dos sujeitos opulentos (...)

Note-se que não há referência a (torcer) luvas ou bigodes etc., mas sendo locução de evidência visível (“pittoresca”), refere-se a um extremo de fé, que leva a **torcer a si mesmo** (não só cara, corpo, olhos, mas torcer por dentro e até as entranhas – lembrando sempre que **tortura** é etimologicamente “ação de torcer”). Penetrando agudamente no sentir do povo e das torcidas, confere uma eficácia mágica ao torcer: atrair a sorte para si e “zicar” o adversário.

# U

## 54. (tomar) Umas e outras

Também nesta gíria o Diário Carioca foi pioneiro isolado (naturalmente, depois, a expressão aparece frequentemente em todo o Brasil). Essa primeira aparição na BN é: “Agora, vamos admitir que o marido seja de tomar umas e outras e, na volta do trabalho, passe num bar e bique dois whiskinhos pequenos, porém sinceros” (26-11-1953).

# V

## 55. Vale a Pena

Nossas fórmulas de relacionamento, como muitas expressões da linguagem em geral, tendem a um embotamento: usamos uma forma consagrada, sem maiores reflexões sobre seu sentido originário. E pode acontecer que esse sentido traga em si algo ofensivo, contrário aos bons modos que seriam de esperar.

Quando, por exemplo, hoje dizemos “vale a pena”, no sentido de que algo é simplesmente muito bom estamos cometendo um equívoco. Pois, o que se afirma é que há uma pena, que o bem obtido até pode compensar, mas que esse bem tem um custo penoso.

Nesse sentido, Tomás de Aquino, no século XIII, distinguia o *bonum arduum* do *bonum simpliciter*. Ao contrário do puramente deleitável, o bem árduo pressupõe esforço e pena para sua obtenção: “Pois é, trabalhei direto em todos os fins de semana, mas valeu a pena porque com o acréscimo dessas horas extras pude dar a entrada para meu carro novo”.

Quando a Globo intitula seu programa de reprises “Vale a pena ver de novo”, a rigor segundo o sentido literal, o que de fato se diz é que essas novelas têm seu lado aborrecido, mas, afinal, é interessante revê-las (o que obviamente não é a intenção da emissora). Um título publicitário mais adequado, nesse sentido, seria, digamos, “Recordar é viver!”.

Nessa mesma linha, quando a dona da casa pergunta ao convidado que se despede se ele gostou da festa e ele responde: “Sim, valeu a pena”, na verdade estaria implicitamente se queixando de algo...

Em outras palavras, se hoje em dia a expressão é usada para indicar algo simplesmente bom, em suas origens, ela mantinha sempre a atenção para a “pena”, para o lado árduo do bem a que se referia. Assim, é totalmente natural que no uso

originário fossem muito mais frequentes as formas negativas: “não (nem / sequer etc.) vale a pena” e que se explicitasse qual a pena: “pena de...”.

Por exemplo, limitemo-nos às 6 primeiras incidências da expressão na imprensa brasileira (BN), no “Correio Brasiliense”, nos anos 1808 a 1809: todas são negativas (exceto uma que é condicional) e todas explicam qual é a pena: “não vale a pena de conservar-se”, “não vale a pena de indagar”, “não vale a pena de se cançar, em responder a um insignificante perguntador”, “a muitos tenho ouvido dizer, que não vale a pena de aprender a língua portuguesa só para ler Camoens”, “(se) esse povo julga que vale a pena de ver reformados os abusos, deve fazer diligencia para isso” e “não vale a pena de tratar de justificar-nos contra a mordacidade de um escriptor anonymo”.

## 56. Veado

Se compararmos com o “humor” mais recente, em que a TV explorava à exaustão batidas piadas, trocadilhos e trejeitos homossexuais, em “O Rio-Nú” (na BN de 1898 a 1916), periódico debochado – ou mesmo pornográfico – do Rio, o assunto é relativamente pouco tratado. Naturalmente, na época (e por muitas décadas depois), a homossexualidade era muito menos visível: hermético tabu.

O Rio-Nú (abreviado aqui por R-N) refere-se ao homossexual como **invertido**.

Cocota considerava o primo um invertido (...) um dia ella não resistiu ao nojo que lhe causava o feminismo do primo (...) e declarou-lhe positivamente – abominal’o. [Revela a uma amiga que sentia desejos pelo primo] mas o monstro não me comprehendia ou não *podia* comprehender-me. (19-1-1910).

Com seu falar afetado e superlativo:

Intelligentissimo, peritissimo, illustrissimo, queridissimo e tudo o mais terminado em issimo, o Sr. João Pelludo é o modelo dos nossos Gouveias invertidos (10-7-1912)

No “obituário” de 1-10-1912,

Mario Santos, invertido (...) natural da Grecia Antiga. Causa mortis: Beijocamentos cavaignaqueados e amigações barbudas... a dinheiro à vista.

Veado terá de esperar muitas décadas até passar a designar insulto para homossexuais. A datação positiva é difícil, pois são palavras que a imprensa tende a evitar. Em todo caso, há algumas indicações indiretas importantes.

Se o sentido pejorativo já existisse, seria incompreensível que na difundidissima revista “O Cruzeiro”, em conto de 20-7-1946, a mãe se gabasse da viveza e da formosura de seu filho nestes termos:

– Que garotinho bonito, que amor!

– É sim senhora. Mas é muito travesso – sorriu Marta orgulhosa. Parece um veadinho negro.

Como também, ao longo de toda a década de 50 (e ainda em 1961) encontramos jogadores cujo nome de guerra é (sem nenhum problema) Veado, como um famoso artilheiro de Uberlândia.

“Veado” era também uma marca famosa de fabricante de cigarros, muito tradicional (fundada em 1874: cf. “Correio da Manhã” RJ, 27-12-1940)

Talvez dois filmes de enorme sucesso tenham contribuído para a nova acepção da palavra “veado”: Sobretudo “Bambi”, produzido por Walt Disney em 1942. e “Juventude transviada”, com James Dean, de 1955 (que potenciou o uso da palavra “transviado”). A delicadeza do “veadinho” Bambi é facilmente associável aos trejeitos estereotipados.

A palavra “transviado” entrou em moda para falar de diversas situações de violência e não só dos “Rebeldes sem causa”. Mas fornecia também eufemismos para a recente acepção de veado. Como na famosíssima marchinha de carnaval “A cabeleira do Zezé” (1964): “Será que ele é bossa nova? / Será que ele é Maomé? Parece que é trans-vi-a-do... (com um ligeiro breque depois de trans...)”.

Assim, “A Última Hora”, de 27-5-59, menciona um certo tio Jair, um sujeito simpático, doce e manso “Tanto que, passado dos tantos, tio Jair está sempre cercado de moços, sem ser transviado”.

E já em 7-9-1957, a “Revista do Rádio” traz a opinião de Pixinguinha sobre os fan-clubes:

## PIXINGUINHA

— **Acredito em Fan-Clube para mulher, para cantora. Para homem, cantor, já acho um pouco maroto. Além disso, acho que este negócio de ser fan só pode ficar bem para mulher, que pode escrever para o artista, pedir seu retrato, etc., etc. Agora, fan masculino, pelo menos para mim, é um pouco transviado.**

# X

## 57. X do problema

Imortalizada no samba de mesmo nome de Noel Rosa, composto em 1936, a expressão remete às origens árabes da Álgebra no século IX. Sendo uma ciência eminentemente prática, criada para (literalmente) “equacionar” as prescrições do Alcorão sobre heranças, a incógnita, o valor que se quer calcular é a palavra árabe

*xay'*, grafada como X. (cf. por exemplo meu artigo: “El Álgebra como Ciencia Árabe” [https://www.webislam.com/author/l\\_jean\\_lauand/](https://www.webislam.com/author/l_jean_lauand/))

# Z

## **58. Zorra total**

É uma daquelas expressões em que o adjetivo exerce papel importante (“zorra” tem muitos outros significados além do de “confusão”, “bagunça”): “zorra”, para valer é “zorra total” (como “liberou”, para valer, é “liberou geral”; etc.). Na BN, a datação e a origem é clara: aparece duas tímidas vezes no Correio da Manhã em 1969 (só 30 anos depois iria ser apropriada pelo programa humorístico da Globo); e já em 1971 se consolida amplamente na imprensa carioca, espalhando-se rapidamente por todo o Brasil.

Na primeira aparição, referindo-se à falta de critérios do Festival da Canção da Record de 1969 (a mixórdia, o péssimo júri etc.), o colunista escreve: “No meio dessa zorra total, uma ilha de bom gosto: Paulinho da Viola” (27-11-1969)

## ANEXOS

### Expressões que se mantêm desde o Séc. XVII

Na Biblioteca Municipal Mário de Andrade (São Paulo), encontra-se uma raridade: um exemplar original do livro do *lecenciado* prior Antonio Delicado, *Adagios portuguezes reduzidos a lugares communs*, Lisboa, Officina de Domingos Lopes Rosa, 1651. A obra recolhe cerca de 4000 provérbios (a grande maioria, populares), “*reduzidos a lugares communs*”, isto é, agrupados em capítulos.

#### **Anexo I - “A torto e a direito”**

Expressões que ainda usamos (com sentido idêntico ou não e que remontam, direta ou indiretamente, a uma formulação proverbial - mais ampla e contextualizante -, hoje esquecida).

1. **A torto e a direito** - “A torto e a direito, nossa casa até o tecto<sup>9</sup>”.
2. **Alhos e bugalhos** - “Fallo-lhe em alhos, responde-me em bugalhos”.
3. **Cantar de galo** - “Triste da casa onde a galinha canta e o gallo calla” e
4. “Em casa de Gonçalo, mais pode a galinha que o gallo”.
5. **Casa da sogra** - “Estende-se<sup>10</sup> como villam em casa de seu sogro”.
6. **Colcha de retalhos** - “É falso, como manta de ratalhos”.
7. **Dar com a língua nos dentes** - “Mente, quem dá com a língua no dente”.
8. **Dar no pé** - “Dar ao pé, que tempo é”.
9. **De graça é caro** - “Horta sem agua, casa sem telhado, marido sem cuidado de graça é caro”.
10. **Dois coelhos, uma cajadada** - “Com este cajado mataste ja outro coelho”.
11. **Dor de cotovelo** - “Dor de cotovello e dor de marido, ainda que doa, logo é esquecido”.
12. **Dourar a pílula** - “Se a pirola bem soubera (tivesse gosto agradável), nam se dourara por fora”.
13. **Duro** (sem dinheiro) - “Quem nam tem, mais duro é que as pedras”.
14. **É fogo** - “Filhos dous, ou tres é prazer, sete ou oito é fogo”.
15. **E meio** - “Ao ruim, ruim e meyo”.
16. **Estar no papo** - “Hum em papo outro em sacco e chora pello do prato”.
17. **Galinha criar dentes** - “Disso vos podeis despedir, como a galinha dos dentes”.

<sup>9</sup> Chaves (1945, No. 328) grafa “teito” e perfaz a rima.

<sup>10</sup> Estar abusivamente “à vontade”.

18. **Ir com sede ao pote** - “Nem com toda a fome ao cesto nem com toda a sede ao pote”.
19. **Levantar a lebre** - metáfora de caça: trazer à luz o essencial escondido. Aparece em diversos provérbios, como: “A lebre é de quem a levanta e o coelho de quem o mata” ou “Levantas a lebre, pera que outrem medre (seja favorecido)”.
20. **Mau olhado** - “Olho mau a quem vio, pegou malicia” (“O feitiço vira contra o feiticeiro”).
21. **Morrer na praia** - “Nadar, nadar, ir morrer à Beira”.
22. **Na moita** - “Mettes os caens na moita e arredas-te pera fora”<sup>11</sup>.
23. **Não dar ponto sem nó** - “Dá nó, nam perderás ponto”.
24. **Não mexe que fede...** - “Em cousa çuja, nunca bullas (remexas)”.
25. **O barato sai caro** - “O caro é barato e o barato é caro”.
26. **Outros baratos** - “Nam jogo aos dados, mas faço outros peiores baratos<sup>12</sup>”.
27. **Ouvidos moucos** - “A palavras loucas, orelhas moucas (surdas)”.
28. **Pau que nasce torto...** - “Quem torto nasce, tarde se indireita”.
29. **Pedaço de mau caminho** - “Em quada (cada) parte há pedaço de mau caminho”.
30. **Pegar pela palavra** - “(Pega-se) Ao boy pello corno e ao homem pella palavra”.
31. **Pentear macacos (asno)** - “Tal grado haja, quem o asno pentea”. (“Para quem gosta é prato cheio...”).
32. **Quem viver, verá** - “Quem viver, verá a volta que o mundo dá”.
33. **Rodeios (ao falar)** - “Quem por rodeos falla, com arte (enganos) anda”.
34. **Salve-se quem puder!** - “A barca é rota, salve-se quem poder”.
35. **Subir à cabeça** - “Boa é a fazenda (riqueza), quando nam sobe à cabeça”.
36. **Uma no cravo; outra na ferradura** - “Castigo de dura: huma no cravo, outra na ferradura” (A prudência que tempera o castigo, torna a lição duradoura).
37. **Vender gato por lebre** - “Em caminho frances, vende-se o gatto por res<sup>13</sup>”.
38. **Ver estrelas** - “Farte-ei ver as astrellas ao meyo dia”.
39. **Vergonha na cara** - “Melhor é vergonha no rosto, que magoa no coraçam”.
40. **Voltas que o mundo dá** - “Quem viver, verá a volta que o mundo dá” (cfr. N.º 32).

---

<sup>11</sup> No sentido de “pular fora” e “deixar a bomba estourar na mão de outro”.

<sup>12</sup> Viterbo (1865, verbete) explica: “‘barato’ se toma em mui diversas significações em os nossos antigos documentos do século XV e XVI, v.g. ‘haver por seu barato’: ‘er por bem’; ‘esperar um barato da fortuna’: esperar um favor ou benefício da fortuna; etc.”.

<sup>13</sup> Caminho francês, explica Batalha (1924, p.155 e ss.), eram as estradas por onde de França e de Portugal se dirigiam os romeiros para Santiago de Compostela. Eram também rota comercial.

## ANEXO II - “Gatto escaldado...”

outros provérbios que permaneceram (com forma e sentido semelhantes ou não).

41. “A bom entendedor, poucas palavras”.
42. “Melhor é a galinha de minha vizinha, que a minha”<sup>14</sup>.
43. “A cavallo dado nam olhes o dente”.
44. “A mor pressa, mayor vagar”.
45. “A quada qual dá Deos o frio, conforme o vestido”.
46. “Agoa molle em pedra dura, tanto dá até que fura”.
47. “Ao villam da-lhe o dedo, tomar-te-á a mam”.
48. “Caçar e comer começo quer” (Hoje: “Comer e coçar é só começar”).
49. “Cada ovelha com sua parelha”.
50. “Cada um chega a braza à sua sardinha”.
51. “Cam, que muito ladra, pouco morde”.
52. “Chega-te aos bons, seras hum delles”.
53. “Com agua passada nam moe o moinho”.
54. “Come pera viver, pois nam vives pera comer”.
55. “Como me tangerem, assi bailarei” (“Dançar conforme a música”).
56. “Corri Seca e Meca, olivaes de Sanctarem”.
57. “Curtas tem as pernas a mentira e alcança-se azinha (rapidamente)”.
58. “CUSPO pera o Ceo, cay-me no rosto”.
59. “Dá Deos a roupa, segundo é o frio”.
60. “Dá Deos biscouto a quem nam tem dentes”.
61. “De bons propositos, está o inferno cheo, o ceo de boas obras”.
62. “De hora em hora, Deos melhora (faz melhorar)”.
63. “De noite os gattos todos sam pardos”.
64. “De pequinino se troçe o pepino”.
65. “Devagar vam ao longe”.
66. “Dize-me com quem andas, dirteei que manhas has (tens)”.
67. “Em bocca fechada, nam entra mosca”.
68. “Em casa de enforcado nam nomees o baração (laço)”.
69. “Em casa do ferreiro, peor apeiro”<sup>15</sup>.
70. “Entre pay e irmãos, nam te mettas as mãos” (“Em briga de marido e mulher, não meta a colher”).

---

<sup>14</sup> Este provérbio, do capítulo “Inveja” e o seguinte, fazem lembrar a parlenda, com que, ainda hoje, brincam as crianças: “A galinha do vizinho bota ovo amarelinho...”

<sup>15</sup> No sentido de qualquer aparelho da casa.

71. “Faze bem, nam cates (olhes) a quem”.
72. “Fazei vós o que bem digo e nam o que mal faço”.
73. “Filhos casados, cuidados dobrados”.
74. “Gatto a quem morde a cobra, tem medo à corda”.
75. “Gatto escaldado, da agua fria ha medo”.
76. “Gram e gram enche a galinha o papo”.
77. “Hahi (há) mal que vem por bem”.
78. “Homem poem e Deos dispoem”<sup>16</sup>.
79. “Hum pay pera cem filhos e nam cem filhos pera hum pay”.
80. “Huma andorinha nam faz veram”.
81. “Ir por lam e vir tosquiado”.
82. “Mais val hum passaro na mão, que dous, que vam voando”.
83. “Mais val que sobeie (sobre) que nam falte”.
84. “Mais val quem Deos ajuda, que quem muyto madrugá”.
85. “Mais val só, que mal acompanhado”.
86. “Mal me querem minhas comadres, porque lhes digo as verdades”.
87. “Melhor é estar só, que mal acompanhado”.
88. “Mentiras de caçadores sam as mayores” (“pescadores”).
89. “Na casa do homem pobre todos peleijam (brigam) e nam sabem de que e é porque nam tem que comer”.
90. “Nam é o Demo tam feo como o pintam”.
91. “Nam é tudo ouro, o que reluz”.
92. “Nam há peyor surdo, que o que nam quer ouvir”. (cego/ver)
93. “Nam passes o pé alem da mão” (“Não dar passo maior do que a perna”).
94. “Não se fez Roma em hum dia”.
95. “Nam se pode fazer a par: comer e soprar
96. “Na terra dos cegos, o torto (o caolho) é Rey”.
97. “Nem diga, desta agoua nam beberei, nem deste pam nam comerei”.
98. “Nem tanto ao mar nem tanto à terra”.
99. “O olho do amo engorda o cavallo”.
100. “Onde fogo nam ha, fumo nam se levanta”.
101. “Pelejam (brigam) as comadres, descobrem-se as verdades”.
102. “Prata é o bom fallar, ouro é o bom callar”.
103. “Preso por mil, preso por mil e quinhentos” (“Perdido por um, perdido por dez”).
104. “Qual o pay, tal o filho, qual o filho, tal o pay”.

---

<sup>16</sup> *Homo proponit, sed Deus disponit* (“Imitação de Cristo”).

105. “Quando em casa não está o gatto, estende-se o rato”.
106. “Quando o ferro está aççendido, entam ha de ser batido”.
107. “Quem cala, consente”.
108. “Quem cõ caens se lança, com pulgas se levanta” (“Quem dorme/brinca com criança/fogo...”).
109. “Quem diz o que quer, ouve o que nam quer”.
100. “Quem engana ao ladram, cem dias ganha de perdam”.
101. “Quem o feo ama, fermoso lhe parece”.
102. “Quem promette, deue”.
103. “Quem tem bocca vay a Roma”.
104. “Quem tem telhado de vidro, nam tire pedras ao do vizinho”.
105. “Rey morto, Rey posto”.
106. “Tirar a castanha do fogo com a mão do gatto”.
107. “Vam-se os gattos, estendem-se os rattos”.

## Referências

- Batalha, Ladislau **História Geral dos adágios portugueses**. Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud e Bertrand, 1924.
- Chaves, Pedro **Rifoneiro Português**. Porto: Edit. Barreira, 1945, 2<sup>a</sup>. ed.
- Delicado, António **Adagios portuguezes reduzidos a lugares communs**, Lisboa: Officina de Domingos Lopes Rosa, 1651.
- Guimarães Rosa, J. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.
- Heidegger, M. **Heráclito**. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002.
- Lauand, Jean **Revelando a linguagem comum**. São Paulo: Factash, 2016. Disponível em <http://www.jeanlauand.com/RevelandoaLingPort.pdf>. Acesso em 13-05-2020.
- Lewis, C. S. **The four loves**. New York: Hartcourt, 1991.
- Navarro, E. de A. **Dicionário Tupi antigo**. São Paulo: Global, 2013.
- Pieper, J. **El ocio y la vida intelectual**. Madrid: Rialp, 1979.
- Prado, Adélia **Poesia Reunida**, São Paulo, Siciliano, 1991.
- Prado, Adélia “Sempre um Papo”, programa da TV Câmara, 06-08-08, que se encontra em: <http://nossabrazilidade.com.br/adelia-prado-aula-magna-o-poder-humanizador-da-poesia/>. Acesso em 10-04-2020.
- Prata, Mário **Mas será o Benedito?** <https://marioprata.net/literatura-2/livros-adultos/mas-sera-o-benedito/explicacao-mais-do-que-necessaria/> Acesso em 10-04-2020.
- VITERBO, Fr. Joaquim de Santa Rosa de **Elucidário** das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram. Lisboa: Fernandes Lopes ed., 2<sup>a</sup>. ed., 1865.

Recebido para publicação em 28-05-20; aceito em 16-06-20